



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO A  
PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SERGIPE**

**CARLA NERY MAGALHÃES**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2016**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO A PARTIR  
DA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Carla Nery Magalhães

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Educação da Universidade Federal de Sergipe como  
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Anselmo Menezes Santos

SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2016

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este estudo à memória do meu maior e fiel amigo: meu pai.  
Ao eterno “Big” Nery com todo o meu amor.

## AGRADECIMENTOS

À Energia Suprema que rege todo o Universo.

Aos meus filhos: Rodrigo, Thiago e Bianca. Por estarem ao meu lado em todos os momentos, dando-me força, estímulo e incentivo, seja nas quedas (reais e abstratas!!), bem como na superação delas. Por ficarem sempre na torcida, acreditando no meu potencial e capacidade de ultrapassar os obstáculos que a vida me impôs. Filhos amados, agradeço por suportarem o meu mal humor, minhas chatices, stress, minhas crises de carência, meus dramas de mãe abandonada e esquecida (rs), e principalmente compreendendo minha ausência durante este período. Obrigada meus filhos por todo carinho e apoio incondicional. Vocês foram parceiros, amigos e leais. Amo vocês mais do que tudo.

À minha amada e tão amada Gibinha, minha doce mãe, D. Naidir. Que mesmo distante fisicamente foi tão presente, me ligando todos os dias, me animando, dando força, carinho, uma presença fundamental para que eu suportasse tantos momentos difíceis. E que na reta final, no momento que mais precisei de sua presença, e sem nem mesmo pedir, ela estava aqui do meu lado, me doando amor, incentivo e muita ajuda!!! Mãe, a senhora é exemplo maior de luta, força e determinação. Eternamente te amo!

Ao meu Orientador Professor Dr. Luiz Anselmo Menezes Santos, bem mais que um orientador, foi um grande mestre, que soube pacientemente me conduzir para a descoberta do mundo fenomenológico. Que, com tamanha perseverança, compreensão e determinação me mostrou a importância de perceber e de diferenciar entre o “Fixo e o Mutável”, conduziu-me para que eu descobrisse a “Facticidade” em sua essência. Agora lhe digo Professor: o fixo se tornou mutável. Muito obrigada.

À toda minha família pelo incentivo, confiança e palavras de carinho e de força.

À minha amiga Angélica Piovesan, aquela que literalmente me pegou na mão e me conduziu para as portas da academia. Obrigada amiga por me ensinar os primeiros passos!

À minha “anja” Marluce Lopes, que me ajudou sempre com um sorriso estampado no rosto em todos os momentos que precisei. Sua ajuda foi essencial!

A japa mais paraguaia que existe no mundo, obrigada amiga e Professora Dra. Eliana Midori por toda ajuda e incentivo nessa jornada.

À todos os professores que se disponibilizaram, me doando um pouco de seu tempo e atenção para participarem das entrevistas. Sem vocês nada teria sido possível. Obrigada.

Aos meus colegas da turma de Mestrado, agradeço a cada um por seus conhecimentos e por suas experiências compartilhadas. A força emanada foi fundamental!

Agradeço a Professora Dra. Anamaria Gonçalves Bueno, que esteve sempre presente na minha trajetória acadêmica, dando orientações precisas, corrigindo-me, e mostrando na prática, o que é ser docente.

Também agradeço a Professora Dra. Marizete Lucini, pela sua indispensável ajuda no processo de construção da minha dissertação. Suas palavras e orientações foram fundamentais nessa jornada.

Ao Professor Dr. Iraquiton Caminha, que se dispôs vir da Paraíba para me avaliar. Professor, já o admirava pelos seus livros, artigos, e pela pessoa ímpar que é. Agora digníssimo, virei sua fã de verdade! Obrigada pela sua presença, por sua valiosa orientação, e acima de tudo, pelo respeito dado ao meu trabalho.

Agradeço ao Professor Dr. Edmilson Menezes Santos, que sob seu olhar de filósofo, trouxe tamanha contribuição para que eu pudesse completar minha dissertação de uma forma mais coerente e reflexiva. Foi uma honra tê-lo em minha banca.

Agradeço a Lucas Lima, pela ajuda nas transcrições, um trabalho bastante cansativo, que demandou tempo, concentração e dedicação, sua colaboração foi muito importante.

E à todos aqueles que, de alguma forma fizeram parte desta caminhada e construção. Seria difícil escrever o nome de todos vocês...

Os meus mais sinceros agradecimentos!

Obrigada!

Há dois sentidos e apenas dois sentidos da  
palavra existir: existe-se como coisa ou  
existe-se como consciência.

(Merleau-Ponty, 2011)

## RESUMO

Esta pesquisa se direciona em relatar a percepção que os professores da UFS possuem acerca do exercício da docência através do seu discurso e das relações que os cercam. Para tanto, utilizaremos como base de sustentação teórica os fundamentos da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, onde o autor propõe como meta discutir a possibilidade criadora de sentidos para a existência no mundo. Trata-se de uma reflexão filosófica apoiada nos conceitos de: Corpo Próprio, Percepção e Intersubjetividade.

Em meio a realidade vivida pelos docentes, destacamos o ser humano, o ser que durante o percurso de sua vida é envolvido pela complexidade das implicações sociais, culturais, cognitivas, emocionais e espirituais, e por esta razão, necessitamos compreendê-lo enquanto ser inteiro, aquele que dá sentido ao mundo, que o transforma, que possui a consciência que o mundo não é apenas um conjunto de coisas e fatos estudados pelas ciências, seguindo relações de causa e efeito e das leis naturais.

Entendemos que o ser docente ao exteriorizar sua percepção nos mostra o seu olhar seja: sobre si, sobre seus pares e sobre o mundo acadêmico, assim podemos descrever os diferentes olhares nas diferentes áreas do conhecimento da UFS. A importância dessa temática se faz para valorizar o desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes através do entendimento no que diz respeito a sua existência, dando-lhes uma noção da realidade de como estão atuando e da própria formação adquirida como sujeito que expressa as necessidades humanas, assim, quando observamos o docente, poderemos perceber que seu meio e suas relações vão além da análise da sua prática e do seu discurso, e assim, poderemos evidenciar-lo como um ser encarnado no mundo.

Palavras Chave: Docência. Ensino Superior. Fenomenologia. Merleau-Ponty. Percepção.

## **ABSTRACT**

This research intends to report the UFS professors perception concerning the teaching activity through their discourses and the relationships surrounding them. For this purpose our theoretical foundation is Merleau-Ponty's phenomenological perspective through which he proposes to discuss the possibilities that make sense of the existence of the world. This refers to a philosophical thought based on the concepts of: own body, perception, and intersubjectivity. We understand that as he/she expresses a certain perception, the professor will show a point of view, either about him/herself, about partners or about the academic scenario. Therefore, we are able to describe the different views in the different areas of the UFS Campus. The importance of the subject lies on the possibility of valuing the professors' personal and professional growth by means of comprehending their existence, showing them the reality of their practice and of the very education they have acquired—they, as subjects expressing the human necessities. Thus, as we deal with a professor we shall notice his/her context and relations are not only limited by their practice and discourse but are also highlighted being, the professor an individual incarnated in the world.

**KEYWORDS:** Teaching. Higher education. Phenomenology. Merleau-Ponty. Perception.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados pessoais.....	66
Quadro 2: Formação Acadêmica.....	67
Quadro 3: Experiência Acadêmica.....	68
Quadro 4: Carga de Trabalho.....	69
Quadro 5: Perfil na Saúde.....	70
Quadro 6: Entrevistados por Grupo.....	109
Quadro 7: Significado Ensino Superior.....	111
Quadro 8: Significado em trabalhar na UFS.....	112
Quadro 9: Maior Incômodo.....	113
Quadro 10: Maior Satisfação.....	115
Quadro 11: Percepção Professor X Pesquisador.....	116
Quadro 12: Percepção da relação com seus Pares.....	118
Quadro 13: Percepção da relação dos Pares entre si.....	119
Quadro 14: Significado de Corpo.....	120
Quadro 15: Relação Corpo/UFS/Saúde.....	122

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCAA – Centro de Ciências Agrárias Aplicadas

CCBS – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

CCET - Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas

CCSA – Centro de Ciências Sociais e Aplicadas

CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

CENA- Centro de Energia Nuclear na Agricultura/USP

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa

CI- Comunicado Interno

CPA - Comissão Própria de Avaliação

CODAE- Coordenação de Assistência e Integração do Estudante

CODAP – Colégio de Aplicação

CONEP- Conselho de Ensino e Pesquisa

CONSU- Conselho Universitário

EAD- Ensino à Distância

FACE - Faculdade de Ciências Educacionais

FAMA - Faculdade Amadeus

FANESE - Faculdade de Administração e Negócios

FASE - Faculdade de Sergipe

FJAV - Faculdade José Augusto Vieira

INPA- Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

NPGED- Núcleo de Pós Graduação em Educação

PDI- Plano de Desenvolvimento Institucional

PIPIB- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PPI- Plano Pedagógico Institucional

PROEST- Pró Reitoria de Assuntos Estudantis

PUC- Pontifícia Universidade Católica

SIGAA- Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFC- Universidade Federal do Ceará

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

UFPR- Universidade Federal do Paraná

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UFV- Universidade Federal de Viçosa

UNB- Universidade de Brasília

UNESP- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

UNIMEP- Universidade Metodista de Piracicaba

UNIT – Universidade Tiradentes

USP- Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2- A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR E ALGUNS ASPECTOS CONTEXTUAIS .....</b>	<b>22</b>
2.1- ENSINO SUPERIOR: UFS EM DESTAQUE.....	27
2.2- EDUCAÇÃO E DOCENTES: DA REPRODUÇÃO PARA PERCEPÇÃO.....	32
<b>3- A PERSPECTIVA FENOMENOLOGICA DE MERLEAU-PONTY .....</b>	<b>38</b>
3.1-ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PERCEPÇÃO E DO CORPO PRÓPRIO.....	46
3.2- O SER DOCENTE EM SUAS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS.....	53
<b>4- EM CAMPO: CONHECENDO OS DOCENTES DA UFS.....</b>	<b>58</b>
4.1- ENTREVISTAS E DESCRIÇÃO DAS NARRATIVAS.....	71
4.2- MOVIMENTO FINAL: COMPARANDO AS PERCEPÇÕES.....	109
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXO 3.....</b>	<b>140</b>

## 1- INTRODUÇÃO

Para a fenomenologia, a base do conhecimento está na capacidade de perceber o que nos cerca, o que implica no processo de dar significado ao que foi captado pelos sentidos e realizar as necessárias conexões entre os objetos perceptíveis. Seguindo esse raciocínio, vemos que a característica de formação de todo e qualquer ato humano é intencional e subjetiva, nos permitindo então compreendê-la numa perspectiva que se afaste da concepção meramente cientificista.

A visão fenomenológica ajuda-nos a ampliar o olhar sobre a Docência no Ensino Superior, no nosso caso, mais especificamente do docente que atua na UFS - Universidade Federal de Sergipe. Diferentemente dos outros graus de ensino, o docente do ensino superior constitui a necessidade de estabelecer uma identidade tanto no âmbito do ensino, quanto da pesquisa e da extensão, uma vez que estes são indissociáveis. Além disso, a própria instituição universitária contribui pela sua condição de legitimadora do conhecimento profissional.

Em meio a essa realidade vivida pelos docentes, destacamos o ser humano, o ser que durante o percurso de sua vida é envolvido pela complexidade das implicações sociais, culturais, cognitivas, emocionais e espirituais, e por esta razão, necessitamos compreendê-lo enquanto ser inteiro, aquele que dá sentido ao mundo, que o transforma, que possui a consciência que o mundo não é apenas um conjunto de coisas e fatos estudados pelas ciências, seguindo relações de causa e efeito e das leis naturais. Somos seres intersubjetivos, vivemos na companhia dos outros. Somos seres culturais, criamos a linguagem, o trabalho, a sociedade, a religião, a política, a ética, a filosofia e as ciências, portanto, somos seres no mundo. E como seres sociais, constituímos-nos através do convívio com outras pessoas.

Seguindo essa linha de raciocínio, acreditamos que a universidade não pode ser apenas um lugar de transmissão de conteúdos teóricos, mas sim um lugar de aquisição de valores, de comportamentos e de interações. Tais relações podem tanto produzir resultados positivos quanto negativos, pois as pessoas são complexas e dinâmicas. E, uma vez conscientes de que as universidades também são produtos das relações humanas, faz-se necessário focar no processo educativo e nas competências humanas. Dentro do universo acadêmico, não podemos ignorar a importância das tensões e vantagens decorrentes deste convívio.

Diante dessa reflexão, vemos na Docência do Ensino Superior seres que estão entre aqueles que trabalham com pessoas, que também levantam a discussão em torno da

importância dos contatos interpessoais, ressaltando o contexto afetivo e emocional perante aos desafios contemporâneos.

Assim, optamos para o desenvolvimento dessa pesquisa trilhar o caminho que desperte mais uma maneira de olhar a Docência no Ensino Superior, e este é sob a ótica da Fenomenologia.

Em nossas buscas sobre publicações sobre este tema, encontramos diversos artigos que discutem sobre o Ensino Superior, e ainda alguns que relacionam a Fenomenologia com a Educação Superior. Portanto, para complementar as leituras sobre docência e ensino superior, além dos autores já mencionados na referência bibliográfica, buscamos outras publicações no banco de dados do NPGED, como por exemplo: João Paulo Gama Oliveira, Caminhos cruzados: itinerários de professores do ensino superior sergipano (1915-1954), (2015); Ingrid Alves Cardoso Hora, A atuação de pedagogas policiais em ambientes educacionais militarizados: possibilidades e limites, (2015); Milena Cristina Aragão Ribeiro de Souza, Representações docentes sobre os castigos escolares. (2015); Cássia Regina D'Antônio Rocha Silva, Ensino superior, formação e inserção profissional do designer gráfico em Aracaju/Se. (2015); Claudia de Medeiros Lima, Quem somos eu? Uma análise sobre a (re) construção das identidades profissionais das pedagogas no IFS/Aracaju. (2015); Marcio José Fidelis Neri, História da Implantação do Ensino Superior a Distância na UNIT (2000) e na UFS (2006): Narrativas de Gestores, (2014); João Paulo Dória de Santana, Auto alienação do trabalho e o trabalho docente em Pós-Graduação Stricto Sensu no PPGED/UFS. (2014); Jenisson Alves de Andrade, A produção do conhecimento dos docentes do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. (2013); Adriano Sotero da Silva, A Educação ambiental no ensino superior: o que dizem os professores universitários? (2013)

Pesquisando no marco temporal dos últimos cinco anos sobre o Ensino Superior, encontramos diversas dissertações e teses desenvolvidas sobre o tema. Destacamos apenas algumas do banco de dados da CAPES, que são: Joseneide Souza Pessoa. As relações entre o público e privado no processo de expansão do ensino superior no Brasil: democratização ou mercantilização? (2011); Paulo Roberto Lopes Pimentel. Cultura de mercado no ensino superior: políticas, estratégias e marketing. (2011); Simone Aparecida Silva Angelo Bassotto. Os desafios enfrentados pelos alunos do curso de pedagogia para inserção no ensino superior. (2012); Marianne Pereira de Souza. Avaliação da educação superior na interseção de políticas sistêmicas e institucional. (2012); Eddy Erwin Eltermann. Concepções de universidade: questões teóricas à representação no senso comum. (2012).

Para compreensão da relação entre Fenomenologia com a educação encontramos alguns artigos e dissertações que nos ajudaram nesse sentido, são eles: A inspiração fenomenológica na concepção de ensino-aprendizagem de Paulo Freire. Dissertação de mestrado de Valter Martins Giovedi, PUC/SP (2006). Os impactos das condições de trabalho sobre a subjetividade do professor de ensino superior privado de Campinas, tese defendida por Liliana Aparecida de Lima em 2012. Bem como os artigos: Uma visada no ensino de fenomenologia na graduação em psicologia, de Luciana Szymanski Ribeiro, Marina Marcondes, PUC-SP. A fenomenologia e a semiose das instituições de ensino superior, escrito por Mauro M. Laruccia, (2008). Sensibilidade nas relações e interações entre ensinar e aprender a ser e fazer enfermagem. Artigo de Marlene Gomes Terra, Lucia Hisako Takase Gonçalves, Evanguelia Kotzias Atherino dos Santos, Alacoque Lorenzini Erdmann datado de 2010. O pensamento fenomenológico e a Educação/Educação Física: possibilidades de construção do conhecimento a partir do mundo vivido dos sujeitos, de Andréia Paula Basei (2008).

O foco da nossa pesquisa é se ater nas ações das relações humanas, se apropriando da natureza holística do fenômeno, ela é descritiva e baseada em significações, enfatiza a importância de se perceber os eventos, sem considerar o tempo em que ocorrem, passado, presente ou futuro. Buscamos assim apresentar uma vertente fenomenológica que evidencie o fenômeno da docência na UFS, percebendo o ser docente, um ser carregado de histórias, que conta histórias e que vive histórias.

Estamos indicando que os docentes do Ensino Superior, pressupostamente, conquistaram o último nível de uma escalada dentro de um desenvolvimento profissional e intelectual, no qual passaram por muitas etapas durante anos, experimentando as mais diversas emoções, desafios, contratempos, conquistas e também os mais diversos tipos de obstáculos.

A nossa pesquisa procurou revelar este mundo vivido, nosso interesse não se restringiu unicamente à vivência particular de um determinado docente, ou de uma determinada história, ou a um certo ambiente. Nós buscamos captar, descrever e comentar este fenômeno vivo na vida dos docentes entrevistados, proporcionando aos mesmos manifestarem a percepção sobre si, sobre o outro e sobre seu meio acadêmico. E sob esse olhar é que se gerou o nosso problema de pesquisa: Como os docentes da UFS, situados em diferentes áreas de conhecimento, percebem o exercício da docência e de suas relações intersubjetivas no ambiente de trabalho?

Buscamos através da Fenomenologia e de alguns de seus conceitos, mergulhar no mundo acadêmico revelando como pessoas distintas percebem o exercício da docência

superior, pois entendemos que é pelo vivido, sentido e percebido que este movimento se torna significativo, emergindo da compressão e da experiência do ser no mundo, um ser possuidor de sentidos, sensibilidades e significados, que se relaciona o tempo todo com outros seres, que juntos se somam e fazem o mundo em que vivemos.

A própria natureza da percepção implica, no entanto, que um sujeito que percebe, ao contrário de um sujeito pensante, deve estar situado em algum ponto no mundo do tempo e do espaço: perceber é sempre, como dissemos, perceber a partir de uma certa perspectiva, de um ponto de vista específico. E é por isso que o mundo é percebido inevitavelmente como sendo estruturado e com sentido: porque não é simplesmente um objeto para nós do pensamento abstrato, mas sim o lugar onde vivemos. Movemo-nos o mundo, fazemos uso dos objetos nele, reagimos emocionalmente às situações e agimos para modifica-lo, e assim por diante. Todas essas formas de interação com o mundo dão à sua significação, de modo que o significado das coisas, em certo sentido, não existe “dentro” de nossas mentes nem no próprio mundo, mas no espaço entre nós e o mundo. (MATTHEWS, 2010, p.49)

Para podermos realizar nosso trabalho, foi necessário primeiramente dar fundamentação a essa questão, por isso a importância da sustentação teórica e investigativa dos fundamentos da perspectiva fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty. A escolha por este autor, se dá por ele se dedicar ao existencialismo, visão pela qual buscamos dar enfoque nessa pesquisa, valorizando o ser, buscando a essência humana, onde a vivência subjetiva sobressai em detrimento da realidade objetiva. Nossa pesquisa se baseia nos principais conceitos do autor, os quais nos sustentaram durante todo o processo de construção do trabalho, nos serviu de eixo e de guia para a análise de nosso trabalho.

Abordamos o conceito de Intersubjetividade, que concretiza a possibilidade de se conhecer a experiência que temos do outro, bem como do mundo, reconhecendo que o outro e uma outra consciência existem independentes de minha consciência. Este conceito esclarece que, assim como o mundo físico está aí, antes de mim e de minha consciência, ele também independente dela para existir, então, devemos reconhecer que um outro sujeito também possui uma existência independente da minha.

Trabalhamos com a Percepção, que nos deu o alicerce e esclareceu de que forma a mesma é construída pela vivência no mundo, de como ela está ligada a maneira como o sujeito capta o fenômeno, de como o fenômeno aparece na consciência e não como este me é apresentado, nos mostra que a percepção é algo vivo, contínuo e intenso.

No presente, na percepção, meu ser e minha consciência são um e o mesmo, não que meu ser se reduza ao conhecimento que dele tenho e esteja claramente exposto diante de mim – ao contrário, a percepção é opaca, ela põe em questão, a baixo daquilo que conheço, meus campos sensoriais, minhas cumplicidades primitivas, como o mundo -, mas porque aqui “ter



consciência” não é senão “ser em...” e porque minha consciência de existir confunde-se com o gesto efetivo de “ex-situação”. É comunicando-nos com o mundo que indubitavelmente nos comunicamos com nós mesmos. Nós temos o tempo por inteiro e estamos presentes a nós mesmos porque estamos presentes no mundo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.569)

Juntamente, o Corpo Próprio, onde Merleau-Ponty na “Fenomenologia da Percepção” (2011), apresenta a ideia que emerge do corpo em uma dimensão mais que mero objeto, ou seja, com vida e possuidor de sentimento, não um corpo adjetivado, mas de um ser humano que está carregado de história com os sentidos e significados de uma vida. Com essa ideia de unidade corporal indivisível, a forma de se expressar e se comunicar com o mundo acontecem através do nosso corpo, “Eu sou corpo”.

Sou uma estrutura psicológica e histórica. Com a existência recebi uma maneira de existir, um estilo. Todos os meus pensamentos e minhas ações estão em relação com esta estrutura, e mesmo o pensamento de um filósofo não é senão uma maneira de explicitar seu poder sobre o mundo, aquilo que ele é. E, todavia sou livre, não despeito ou alguém dessas motivações, mas por seu meio. Pois nesta vida significativa, está certa significação da natureza e da história que sou eu, não limita meu acesso ao mundo, ao contrário, ela é o meu meio de comunicar-me com ele. É sendo sem restrições nem reservas, aquilo que sou presentemente, que tenho oportunidade de progredir, é vivendo meu tempo que posso compreender os outros tempos, é me estranhando no presente e no mundo, assumindo resolutamente aquilo que sou por acaso, querendo aquilo que quero, fazendo aquilo que faço que posso ir além. Só posso deixar a liberdade escapar se procuro ultrapassar minha situação natural e social recusando-me a em primeiro lugar assumi-la, em vez de, através dela, encontrar o mundo natural e humano. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.611)

Avançando, partimos do pressuposto de que docentes não são seres abstratos, ou essencialmente intelectuais, mas são seres sociais, com identidades pessoais e profissionais em constante construção, logo, valorizar seu desenvolvimento pessoal e profissional é de grande importância, pois percebemos que no decorrer da vida acadêmica, o docente tem sido ignorado desse desenvolvimento pessoal, não sendo compreendida que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dimensões da própria da formação do sujeito.

Para traçarmos este percurso e entendê-lo melhor, focamos nossa atenção nos docentes da UFS, especificamente do campus São Cristóvão. A escolha pela UFS se deu por ser uma Universidade pública e também pela sua tradição no Estado de Sergipe. E o *campus* de São Cristóvão foi o escolhido justamente por possuir um acesso mais direto, uma vez que a pesquisadora é aluna desta Instituição. Como já falamos anteriormente, muitos são os trabalhos de pesquisa que falam sobre a Docência e à Docência no Ensino Superior, e em comum, todos observando e avaliando os problemas na área de formação do professor,

problemas curriculares, dos métodos, procedimentos, problemas administrativos e institucionais, enfim todos voltados para um docente “servidor”, possuidor de um “Corpo Máquina”, aquele que “tem que” cumprir o seu papel, bem ou mal, com ou sem dificuldades, pois é assim que a sociedade impõe, determina e espera. Sem contar que muitas vezes são vistos como uma máquina defeituosa, que necessita de reparo, constantemente submetido a diferentes tipos de experiências (NOVAES, 2003).

E assim o nosso Objetivo Geral gira em torno de: Descrever e comentar a percepção dos professores da UFS sobre a Docência no Ensino Superior. Tendo como Objetivos Específicos:

- Descrever como os Docentes da UFS relatam a sua vivência no contexto educacional;
- Investigar o fenômeno da Intersubjetividade nas relações profissionais dos docentes da UFS;
- Comparar os discursos dos docentes em cada área específica de conhecimento.

Como procedimento metodológico, optamos em utilizar a abordagem qualitativa por esta satisfazer a linha de pesquisa fenomenológica, uma vez que tal abordagem descreve o fenômeno e registra a maneira como este ocorre. Lüdke e André (2013) assinalam que na abordagem qualitativa a descrição dos dados é predominante, além disso, os sentidos e significados que as pessoas (sujeitos da pesquisa) atribuem a si, as coisas e ao mundo são considerados como alvo para a busca de evidências que respondam ao problema de pesquisa.

Sustentando essa escolha, Flick (2004, p.17) ainda afirma que: “a relevância específica da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas de vida”. A pesquisa qualitativa nos permite observar o discurso dos docentes da UFS, revelando a condição originária do sentido de ser no mundo, e ter escolhido esta abordagem significou também termos ousado no campo da pesquisa filosófica e de reconhecer a lacuna teórica existente em estudos que tratam sobre a Fenomenologia e a Educação.

De acordo com Klüber e Burak (2008), a fenomenologia como método de investigação têm implicações diretas para a pesquisa qualitativa em educação. Para os autores, o pesquisador seguindo este método, rompe com a pretensa neutralidade científica, uma vez que ele aponta caminhos que devem ser construídos no processo investigativo ou parte de caminhos conhecidos no que se refere às práticas sociais e ações realizadas. Neste caso, o pesquisador busca estabelecer novas perspectivas para a compreensão do fenômeno. Para os autores, uma investigação fenomenológica constitui-se de três momentos: o primeiro seria a partir do dado coletado (a experiência vivida); o segundo momento daquilo que é

buscado para o ser que experiência o olhar fenomenológico; e o terceiro, que é não interpretar previamente os fenômenos.

O primeiro momento, que é partir do dado – da experiência vivida, busca focar diretamente o dado, como ele se mostra, no campo das experiências vividas, olhando o fenômeno em suas possibilidades de aparecer, não fazendo considerações apressadas. Portanto, significa destituir-se de predefinições ou pré-conceitos acerca do dado. Nega uma visão ingênua do conhecimento, caracterizada por um empirismo, ou seja, negando a possibilidade de conhecer pela observação direta. Essa forma de olhar é denominada círculo existencial hermenêutico ou dialética da interpretação. (KLUBER; BURAK, p. 97, 2008)

Os autores ainda acrescentam que é necessário haver um distanciamento entre o dado e o questionamento, pois o que se quer, é evidenciar o fato olhado sob a ótica da compreensão. Tal movimento é possível através do olhar fenomenológico, pois este permite suspender qualquer julgamento, ato fundamental na construção do conhecimento. Sempre levando em consideração aquilo que faz sentido para o sujeito que percebe, pois esse se volta para o fenômeno, ou seja, para a compreensão do fenômeno investigado.

Bicudo (2000), complementa dizendo que compreender não significa comprovar e nem confirmar hipóteses, mas sim, uma maneira crítica de interpretar o tema a ser esclarecido. O sujeito primeiro relata, depois descreve o percebido no fenômeno, mostrando que a descrição possui um papel fundamental na investigação:

A descrição, como trabalhada pelo fenomenólogo, é um protocolo que se limita a descrever o visto, o sentido, a experiência vivida pelo sujeito. Ela não admite julgamentos e avaliações. Apenas descreve. Para tanto, expõe-se por meio da linguagem. (BICUDO, 2000, p. 77).

A abordagem fenomenológica pode contribuir também para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa no sentido de que ela é uma pesquisa que não é definida *a priori*, necessita a atenção e o cuidado de quem pesquisa, com o devido rigor do pesquisador. Neste método de pesquisa se revela o movimento do homem como ser no mundo, em sua experiência vivida, foca naquilo que faz sentido em estar no mundo com os outros. Klüber e Burak (2008), dizem que é por isso mesmo, que a pesquisa fenomenológica procura dar significado a realidade que se constrói pelo sujeito, ela tem a liberdade de não comprovar hipóteses, nem dar respostas adequadas, de um pensar único ou considerado como certo.

Assim, o nosso foco se dá na subjetividade, uma vez que o interesse é justamente a percepção dos participantes. Salientamos ainda a escolha pela pesquisa qualitativa com uma abordagem fenomenológica por ela possuir flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa:

o pesquisador trabalha com situações complexas que não permite a definição exata e a priori dos caminhos que a pesquisa irá seguir, pois a orientação está focada para o processo e não para o resultado.

Usamos como ferramentas para coleta dos dados entrevistas do tipo semiestruturada. A principal característica da entrevista semiestruturada é possuir um roteiro com perguntas abertas, o entrevistador segue este roteiro, mas ele deve estar preparado para o caso da entrevista mudar de caminho. Ela é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: no nosso caso, Docentes do Ensino Superior. Manzini (2006) esclarece ainda que deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta. A entrevista semiestruturada confere confiança ao pesquisador e possibilita a comparação das informações entre os participantes entrevistados. Logo, ela foi adotada por ser um procedimento amplamente utilizado em pesquisa em ciências humanas e sociais, além de possibilitar um roteiro flexível para as diferentes reações dos entrevistados. O autor também afirma que ela pode ser utilizada pelos pesquisadores como procedimento único ou auxiliar para a coleta de dados, e no nosso caso, foi utilizada como procedimento auxiliar, ou seja, necessitamos utilizar outros instrumentos para coleta dos dados como o questionário.

Como dito anteriormente, sem um embasamento teórico não existe uma pesquisa científica, assim sendo, utilizamos toda fundamentação teórica necessária para adquirir maior clareza e segurança em nossos procedimentos, validando assim a dissertação. Dessa forma, ao trabalharmos a concepção do Corpo Próprio, Percepção, Intersubjetividade e Intencionalidade nos baseamos na literatura que considera toda sua dimensão e integralidade, dando destaque para a contribuição de Merleau-Ponty (2011), que idealiza o corpo como lugar onde se fundem as noções de sujeito e objeto. A esse respeito, Merleau-Ponty (2011 p.122) salienta que “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. Como também outros autores de fundamental importância para a pesquisa que tratam da Fenomenologia como: Husserl (1990), Dartigues (1992), Rezende (1990), Caminha (2010), Santos (2012), Capalbo (2008), Nóbrega (2005), Matthews (2010), dentre outros. Buscamos nos apoiar para os comentários sobre o Ensino Superior em: Bretas (2014), Carvalho (2009), Cunha (2000), Nascimento (2008), Sales (2012), Zabala (2004), Nóvoa (2014), juntamente com outros autores. Em relação à Docência buscamos o suporte teórico em: Cambi (1999), Gatti (2012), Teixeira (1996), Marchesi (2008), Nóvoa (1997), Mello (2015), Zabala (1998) e demais contribuições citadas nas referências.

A construção e desenvolvimento desta dissertação foi dividida em quatro seções iniciando com a Introdução onde fizemos uma explanação geral do estudo, a metodologia utilizada, objeto e objetivos, bem como apresentando o problema de pesquisa e o estado da arte. A segunda sessão tratamos da Docência do Ensino Superior, abordando a autonomia das Universidades e consequentemente a autonomia dos docentes, bem como destacando a história da UFS, local onde serviu de meio para nossa pesquisa. A terceira sessão evidenciamos a Fenomenologia e os conceitos que utilizamos para desenvolver este trabalho. Na quarta e última sessão apresentamos os resultados da pesquisa. Fechamos o trabalho com as considerações finais onde apresentamos a nossa percepção sobre o que foi pesquisado, com os anexos que proporcionaram a necessária sustentação do trabalho realizado e mais o referencial bibliográfico que possibilitou a investigação e compreensão das ideias bem como da sua relevância.

Partindo de uma filosofia da existência que se insere na realidade do mundo vivido, lembramos que, enquanto pesquisadores conduzimos nossa pesquisa a partir de uma interrogação acerca de um fenômeno situado, ou seja, que está sendo vivenciado pelo docente. Enfim, pelas nossas buscas constates, confessamos que não foi um achado imediato, mas que aprendemos muito sobre ouvir e descrever, em perceber o outro, o eu e o nós, e de como agimos diante desse percebido no mundo.

Assim, pretendemos que esse trabalho contribua para semear em solo acadêmico o entendimento deste processo de reconhecimento de ser no mundo, contribuindo ainda quem sabe, para que outras pesquisas possam ser desenvolvidas com maior profundidade sobre tais fatos, auxiliando na construção de novas propostas e caminhos dentro saber acadêmico através do olhar fenomenológico.

## 2- A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR E ALGUNS ASPECTOS CONTEXTUAIS

A universidade não é só um universo ou uma soma de coisas ou pessoas isoladas, mas está organizada em formas e estruturas complexas dotadas de sentidos, e o ser docente é um dos sujeitos dessa percepção. Ora, a “pseudo” autonomia dada às instituições universitárias pelo Ministério da Educação, por meio do Conselho Nacional de Educação, que aprovou, em 2001, as Diretrizes Curriculares Nacionais (Plano Nacional de Educação, Lei 10.172 de janeiro de 2001), que foi revogado e aprovado posteriormente em 2014, KulloK esclarece com clareza essa questão:

O sistema de educação superior deve contar com um conjunto diversificado de instituições que atendam a diferentes demandas e funções. Seu núcleo estratégico há de ser composto pelas universidades, que exercem as funções que lhe foram atribuídas pela Constituição: ensino, pesquisa e extensão. Esse núcleo estratégico tem como missão contribuir para o desenvolvimento do País e a redução dos desequilíbrios regionais, nos marcos de um projeto nacional. [...] No mundo contemporâneo, as rápidas transformações destinam às universidades o desafio de reunir em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, os requisitos de *relevância*, incluindo a superação das desigualdades sociais e regionais, *qualidade* e *cooperação internacional*. As universidades constituem, a partir da reflexão e da pesquisa, o principal instrumento de transmissão da experiência cultural e científica acumulada pela humanidade. Nessas instituições apropria-se o patrimônio do saber humano que deve ser aplicado ao conhecimento e desenvolvimento do País e da sociedade brasileira. [...]. (KULLOK, 2001, P137)

Vimos assim que foi estabelecido orientações para a elaboração de currículos a serem implementados pelas instituições de ensino superior com o objetivo de assegurarem a perspectiva de flexibilidade, diversidade e qualidade na formação. De fato, muito pouco conseguiram avançar na necessidade de transformação do sistema educacional, continuando a deixar um grande vácuo na realidade vivida nos *campi* universitários, e conseqüentemente uma visível insatisfação na atuação dos docentes. E mesmo frente a essa insatisfação, não houve um compromisso maior com a valorização do perfil humano desse profissional. Deixamos registrado também que, embora outras Diretrizes Curriculares Nacionais tenham sido implementadas após esta de 2001, apenas as CNE/CES nº67/2003, datada de 11 de março de 2003, e a CNE/CES nº008/2007 de 31 de janeiro de 2007, comentam sobre a autonomia das universidades, no entanto não acrescentam nada além do que já havia sido determinado em 2001.

Segundo Durham (2005), existe um problema paralelo, que é discutir qual é a forma de controle do Poder Público que simultaneamente assegura que as universidades cumpram

suas funções e sejam compatíveis com a autonomia que lhes foi assegurada. A estrutura da administração pública no Brasil está formulada de modo a garantir um rígido controle burocrático sobre todas as entidades que o integram, não existe espaço onde se possa incluir uma instituição dotada de autonomia, isto é um problema antigo que vem ressurgindo repetidamente na história universitária, onde já ocorreram diversas tentativas de se romper com a rigidez das amarras burocráticas que cercam o aparelho do Estado afim de abrir espaço para organizações mais ágeis e flexíveis.

Durham (2005), ainda esclarece que no caso das universidades públicas, especialmente as federais, a autonomia teve efeitos praticamente inverso. Há a liberdade de ensino e pesquisa, em compensação a autonomia administrativa e de gestão financeira está, como vimos, fortemente cerceada pelas normas de administração pública e muito longe da autonomia plena da qual goza o setor particular. Além disto, tendo a autonomia englobado a auto-gestão democrática, ela é exercida exclusivamente pela comunidade acadêmica, com isto a universidade tende a se fechar sobre si mesma e é incapaz de controlar os interesses corporativos.

Lima (2008), acrescenta ainda que diante da globalização e de necessidades de uma ação mais firme, começaram a surgir a partir da década 1990, um debate sobre o processo de trabalho das universidades e da docência. O que vemos atualmente são universidades sempre em busca de financiamentos, negociação de projetos e convênios com empresas, instituições, assessorias, participando como especialistas em diversas áreas científicas que a fazem ter um caráter não somente educativo, mas de negócio com empresas. Não há dúvida de que estamos diante de um processo de ampliação do campo da docência universitária e neste sentido, ao considerar a docência do ensino superior como uma atividade especializada, consideramos uma construção social dinâmica, calcada em ações coletivas, produzida pelas ações dos atores sociais, neste caso, os docentes universitários. Não podemos também deixar de comentar “as relações de trabalho e de poder, a luta por maior titulação, a prevalência da pesquisa em detrimento da docência, entre outros fatores, têm concorrido para o aumento das deficiências do ensino superior.” (LIMA, 2008, p.2)

Estes, dentre tantos outros fatores, foram redimensionados sobre a perspectiva de analisar a produção e controle inspirada pelos novos modelos de gestão empresarial. Zabalza afirma que aqui no Brasil, migramos rapidamente de uma concepção de educação como sendo de direito para uma concepção de educação como sendo de serviço. O que acabou transformando-a em um negócio, e neste processo o que deveria ser a natureza do trabalho docente, dá lugar ao pragmatismo e ao utilitarismo na cultura escolar, no currículo e no

ensino, para que estes se alinhem às necessidades do mercado. Isso atinge diretamente os docentes, ferindo gravemente sua capacidade de concepção e sua autonomia, afetando também sua integridade física e emocional, com efeitos, inclusive, sobre sua identidade e com tudo aquilo que implica em seu bem estar e algumas vezes em sua saúde. Zabalza (2004), ajuda nesse entendimento acrescentando:

Como se pode ver, essas modificações são abrangentes e afetam dimensões de grande importância no funcionamento institucional das universidades e das instituições de educação superior. De qualquer modo, os processos de mudanças nas universidades estão se submetendo à dialética de duas forças contrapostas. Por um lado, há a pressão sobre a *globalização* e internacionalização dos estudos e dos pontos de referência (estabelecem-se muitos pontos de referência comuns entre todas elas: sistemas de avaliação, níveis de referência, políticas de pessoal, condições de credenciamento e reconhecimento das titulações, mobilidades dos estudantes, estratégias para competir em pesquisas e em captação de alunos, etc.); por outro lado, cada vez há mais consciência da importância do *contexto* como fator determinante do que ocorre e cada universidade e das dificuldades para a aplicação das regras ou critérios gerais. Na verdade, cada universidade é responsável pelas condições idiossincrásicas que a caracterizam. O que acontece em cada instituição é muito condicionado pelo contexto político, social e econômico em que cada uma desenvolve suas atividades: localização, características da região, sistemas de financiamento de suas atividades, nível de autonomia, cultura institucional gerada em seu meio (incluindo, sobre tudo, a particular visão que se tenha do papel a ser desempenhado pela universidade), conexão com forças sociais e econômicas da região, etc. (ZABALZA, 2004, p.24)

Seguindo essa linha de raciocínio, Nóvoa (2014), acrescenta que as universidades apresentam três problemas sobre a autonomia. O primeiro seria a autonomia da própria universidade que está reduzida em muitos países, inclusive no Brasil, por dois processos distintos: um seria a burocratização e o outro processo é de “empresarialização”, onde são utilizados critérios de gestão e de práticas empresariais para governar a universidade pública ou privada. No primeiro caso, isso se deve à presença do Estado na universidade, Nóvoa (2014) explica que na medida em que o conhecimento se tornou mais central no funcionamento da sociedade do século XXI, o Estado tende a ter uma maior intervenção nas universidades. Essa intervenção é feita por via de uma série de controles administrativos e burocráticos, que estão transformando a vida das universidades em um inferno. A burocracia está matando o coração da universidade, bem como o nosso tempo, o nosso dia a dia e principalmente a nossa vontade de fazer diferente. Isso cria uma dificuldade de funcionamento. Zabalza confirma este pensamento:

De um bem cultural, a universidade passou a ser um bem econômico. De um lugar reservado a uns poucos privilegiados, tornou-se um lugar destinado a um maior número possível de cidadãos. De um bem direcionado a um



aprimoramento de indivíduos, tornou-se um bem cujo o beneficiário é o conjunto da sociedade (sociedade do conhecimento, sociedade da competitividade). De instituição como uma “missão” que ultrapassa os compromissos terrenos imediatos, tornou-se uma instituição para a qual se encomenda um “serviço” que deve resultar na melhor preparação e competitividade da força do trabalho da sociedade à qual pertence. De instituição conduzida por acadêmicos que definiam sua orientação e administravam seu desenvolvimento, tornou-se mais um espaço em que se destacam as prioridades e as decisões políticas”. (ZABALZA, 2004, p.25)

Voltando ao pensamento de Nóvoa (2014), ele esclarece que a segunda linha, a “empresarialização”, faz com que a universidade atue utilizando-se mais de critérios gerenciais do que para critérios acadêmicos, o que tem levado a uma mudança grande na forma de administrar as universidades. Isso passa grande parte do poder acadêmico para as áreas de gestão, onde o foco principal se perde para um olhar mais empresarial, menos gastos, mais lucros, mais visualização através de produção.

Ora, o tempo é essencial para se pensar, pesquisar, produzir com eficiência, eficácia e responsabilidade, o tempo está no coração da carreira acadêmica. Esse tempo está sendo imposto por causa das dinâmicas de avaliação que inspiram vigilância e desconfiança, os resultados precisam ser produzidos rapidamente. Esse produtivismo gera uma busca intensa e por vezes impensada de produções sem fim, onde a vida do docente acaba por se resumir em um *Lattes*<sup>1</sup>, ou seja, você hoje é o que publica. A regra é clara, se não for a partir dos indicadores que as editoras produzem os docentes não podem avançar em suas carreiras.

Em qualquer caso, a democracia (participação) e a autonomia (identidade) constituem elementos-chave do patrimônio institucional das universidades; no entanto, estão tão sujeitos a influências e pressões de todo tipo, que sua contribuição para o funcionamento equilibrado das instituições universitárias não é tão positivo quando se poderia supor. Do modo como se apresentam atualmente, essas são *qualidades* muito vulneráveis e não isentas de contradições que acabam afetando o funcionamento global da instituição. (ZABALZA, 2004, p.78)

A autonomia da docência está sendo limitada por esse processo de controle de avaliação de produtivismo, o que vem, muitas vezes, levar os docentes a abandonar suas funções tradicionais em função de outras mais rentáveis. O fato é que hoje em dia, para que um professor que queira ser bem avaliado necessita ter um pensamento estratégico, ou seja, a

---

<sup>1</sup> Lattes é um currículo elaborado nos padrões da Plataforma Lattes, gerida pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). A Plataforma Lattes é resultado da experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de grupos de pesquisa e de instituições em um único sistema de informação. O Currículo Lattes se tornou um padrão nacional no registro do percurso acadêmico de estudantes e pesquisadores do Brasil. Atualmente é adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do país. Sua riqueza de informações, a abrangência e confiabilidade são elementos indispensáveis para pleitear financiamentos na área de ciência e tecnologia. Disponível em: <http://www.significados.com.br/curriculum-lattes/> Acesso em 25 de junho de 2015.

primeira coisa a fazer é deixar de ensinar porque isso não lhe rende nada. Para esta nova visão empresarial das universidades, o “bom professor”, é aquele que não precisa mais só ensinar, mas o que possui um maior número de produção em publicações, sem contar com o “status” que isso provoca no meio em que atua. Oliveira afirma e sustenta esse pensamento:

Como decorrência, demonstra um modelo de gestão universitária e um modo de produzir o trabalho acadêmico que pode se distanciar cada vez mais do histórico ideal de liberdade acadêmica e de trabalho intelectual autônomo, resultando, por vezes, em uma resposta funcionalista à indução das políticas de educação superior e às demandas contemporâneas. (OLIVEIRA, 2007, p.18)

Concluindo seu pensamento, Nóvoa (2014) acrescenta que o terceiro e último ponto que trata da autonomia, é que ela é definida como autonomia para dentro, ou seja, muito centrada no interior do espaço universitário e isso provocou coisas absurdas como o corporativismo universitário. Para ele, essa autonomia tem que ser voltada para fora, para que as universidades cresçam. Somente para fora pode existir esse crescimento, inchar a máquina acadêmica não trará resultados para a sociedade. Zabalza também tece um comentário a esse respeito:

Desse modo, a democratização e a autonomia constituem elementos essenciais para o entendimento do que são as universidades, como funcionam e no que se diferenciam de outro tipo de organização. Por isso, não se adaptam à dinâmica universitária os processos pensados por outros tipos de organizações. Isso aconteceu, por exemplo, com planos estratégicos, com estilos de liderança, com sistemas de qualidade total, com a prestação de contas, entre outros. Filosofias ou tecnologias de gestão que puderam dar bons resultados em contextos institucionais menos democráticos ou mais dependentes fracassaram ou reduzem sua eficácia na universidade. (ZABALZA, 2004 p.78)

Diante dos fatos expostos acima, podemos entender a instituição universitária como um fenômeno complexo, multidimensional, podendo até ser vista como uma “entidade” possuidora de vida própria, que independe das pessoas que nelas constituem, pois ela subsiste no tempo independente dessas; ou seja, mudam os alunos, os gestores, os docentes, mudam o contexto político e social, e ela permanece lá, maquiada ou não, forte ou fraca, íntegra ou lesada, mas, continua sendo uma estrutura social para o ingresso na cultura, nas normas, valores e expectativas que os sujeitos constroem em suas representações. Pensamos que também seria certo afirmar que ela se constitui como “processo”, ou seja, ela é a ferramenta de construção social e os indivíduos passam a ser os únicos agentes causais, responsáveis por influenciarem e modelarem esta estrutura com decisões estratégicas, ações ditas organizacionais, mas que na verdade são puramente ações individuais.

Portanto, refletir sobre tais fatos é importante para a busca de respostas para os problemas que fazem parte da rotina dos docentes, pois no modelo atual é necessário que o professor universitário desenvolva inúmeras competências e é nesse sentido que entendemos que os docentes tornam-se os sujeitos fundamentais para o processo de crescimento das universidades, pois contribuem com seus saberes, valores e experiências para que a docência seja um campo específico de intervenção profissional na prática social.

## 2.1- ENSINO SUPERIOR: UFS EM DESTAQUE

Para falarmos com mais propriedade sobre o Ensino Superior seria necessário entender o contexto histórico da educação no Brasil, levando-se em conta fatores de ordem econômica, social, cultural e política e perceber suas influências desde o início da criação das primeiras instituições de Ensino Superior que surgiram no Brasil até a sua atual configuração e organização. No entanto, não é esse o foco desta pesquisa, queremos apenas levantar aqui alguns fatos que são, no nosso entender, importantes para compor a estrutura do nosso raciocínio para a construção dessa dissertação.

Muito se questiona sobre a importância do Ensino Superior na vida do ser humano, no entanto, ao pensarmos que a sociedade brasileira carrega uma marca de autoritarismo com longos períodos de opressão e desigualdade. Até os dias de hoje o Brasil compõe uma sociedade marcada por relações sociais hierarquizadas e por privilégios que reproduzem um altíssimo nível de desigualdade, injustiça e exclusão social. Poderemos pensar que é nesse sentido que alguns autores falam de lacunas no processo da educação que ainda possuem marcas profundas de uma sociedade sofrida, devido ao poder autoritário de poucos sobre muitos.

Mesmo diante deste cenário, ou por causa dele, o mundo hoje se transforma de tal maneira que a necessidade de buscar cursos superiores para se qualificar se torna cada vez mais importante na vida das pessoas, uma vez que “saber é poder”, no entanto, o diploma não garante que elas irão se tornar mais independentes e confiantes. Na vida profissional não é muito diferente, hoje em dia as empresas contratam pessoas cursando ou com formação superior para preencher vagas cuja atividade sequer exigem tamanha qualificação, e a explicação disso é muito simples, pessoas qualificadas produzem mais e melhor. Por isso a educação superior é importante para o desenvolvimento das pessoas, não só porque as prepara para uma carreira, mas também porque lhes proporciona uma ampla experiência de vida.

Agora, para qualificar alguém é necessário primeiro estar qualificado, já que uma das funções mais importantes do Ensino Superior é ajudar o indivíduo a desenvolver o conhecimento acadêmico. Esse indivíduo do qual falamos é tanto o discente como o docente, pois ambos permeiam o cenário da educação, não existe um sem o outro.

Nosso enfoque neste trabalho se volta para o docente do ensino superior, em especial o docente que atua na UFS- São Cristóvão, buscamos descrever a percepção, o sentido que a UFS possui para o professor que nela atua. Destacamos aqui um pouco da sua história para nos situarmos em seu contexto, o meio em que trabalha e que passa grande parte do seu dia.

O Ensino Superior em Sergipe teve seu início por volta de 1913 e foi marcado por diversos momentos de avanços e de recuos conforme constam registros de sua história evidenciados por alguns autores. Nascimento (2006), dividiu o ensino superior de Sergipe em três grandes períodos. O primeiro deles foi iniciado na década de 1910, quando em 1913 foi criado o curso de Filosofia, considerado o primeiro curso superior de Sergipe e o mesmo foi extinto em 1934 por determinação da Santa Sé. Este curso teve como principal característica a presença do Governo do Estado de Sergipe e da Igreja Católica e oferecia ensino superior confessional<sup>2</sup>. Em 1923, foi registrada a primeira instituição estatal de ensino superior em Sergipe, o Instituto de Química Industrial.

O segundo período da história do ensino superior sergipano foi com a criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), constituída em 15 de maio de 1968, o Governo do Estado de Sergipe, autoriza a transferência dos Estabelecimentos de Ensino Superior existentes no Estado para a Fundação Universidade Federal de Sergipe, onde incorpora todas as faculdades existentes como por exemplo: as Escolas de Ciências Econômicas e de Química criada em 1950, a Faculdade de Direito e a Faculdade Católica de Filosofia (FAFI) de 1951, em 1954 que fora criada a Escola de Serviço Social e em 1961 a Faculdade de Ciências Médicas. Em 1972, começaram a funcionar as Faculdades Integradas Tiradentes hoje Universidade Tiradentes (UNIT), e em 1976, foi instalada a Faculdade Pio Décimo. Tal período apresentou duas características: a forte consolidação, expansão e o domínio de uma universidade pública no estado e também, a implantação de duas instituições privadas que passaram a oferecer o serviço no ensino superior.

Segundo Nascimento (2006), em 1997 iniciou-se o terceiro período da história do ensino superior em Sergipe, agora tendo como principal característica o total domínio das instituições de ensino superior privadas. Este ano foi registrado pela primeira vez no ensino

---

<sup>2</sup> Ensinos confessionais: que atendem a determinada orientação confessional e ideológica.

superior privado em Sergipe, matrículas superiores as matrículas da Universidade Federal. Novas faculdades passaram a funcionar no Estado, como: a Faculdade São Luís, a Faculdade de Administração e Negócios (Fanese), a Faculdade de Sergipe (Fase), a Faculdade Atlântico, a Faculdade Amadeus (Fama), a Faculdade de Ciências Educacionais (Face) e a Faculdade José Augusto Vieira (FJAV).

Destacamos aqui que nas duas últimas fases apresentadas por Nascimento (2006), é visível uma considerável ausência do poder público estadual no que se refere ao comprometimento para com o ensino superior, e que o setor público também permaneceu estático frente a esse fato. Observamos também que a expansão do ensino superior foi predominantemente para ofertas de cursos de graduação no setor privado, dando para o Estado de Sergipe no ano de 2004 o título de menor número de instituições de ensino superior do Brasil, registrando apenas 11, representando 0,5% do total nacional, conforme afirma Nascimento (2006).

Como em nossa pesquisa iremos investigar os docentes do ensino superior que atuam na UFS, especificamente o Campus de São Cristóvão, consideramos importante conhecermos um pouco de sua história, sua trajetória, o caminho por qual passou conquistando seu espaço e respeito no meio acadêmico, permitindo assim, que todos possam reconhecer os esforços investidos daqueles que ajudaram a construir esse núcleo de transmissão de conhecimento<sup>3</sup>.

A Universidade Federal de Sergipe - UFS foi oficialmente instituída no ano de 1968<sup>4</sup>, porém sua atuação no Estado de Sergipe já ocorria desde 1948, quando se iniciou as atividades da Faculdade de Ciências Econômicas e a Escola de Química, seguidas pela Faculdade de Direito -1950, Serviço Social -1954 e Medicina em 1961. Nomes merecem destaque para este feito, como de Dom Luciano Duarte; Moreira Lima; Rollemberg Leite; Acrísio Cruz dentre outros que, tornaram-se sujeitos históricos pelo seu incansável trabalho para a construção e concretização da UFS. Lembramos que o período em que a UFS nasceu foi de grande expansão do ensino superior brasileiro, em meio a reforma universitária de

---

<sup>3</sup>Aqui apenas deixamos um breve relato da história da UFS, sugerindo àqueles que queiram uma maior profundidade no assunto, lerem os trabalhos publicados pelas professoras Silvana Bretas e Eliana Souza. “A universidade de que aqui se trata nascia para um novo ciclo histórico do Estado, que pretendia avançar para além da economia basicamente agrária e da política oligárquica para uma sociedade urbana, modernizada e industrializada. Nessa conjuntura, a Universidade comporia no cenário aracajuano o aspecto da urbanidade que se moldava a cada instituição de caráter cultural que se erguia.” (BRETAS, 2014 p.20)

<sup>4</sup> Dado coletado no Anuário Estatístico da UFS, porém na pesquisa realizada pela Professora Silvana Bretas e escrita em seu livro: a Criação da Universidade Federal de Sergipe, a data apresentada é do ano de 1967, através do Decreto-Lei 269 de 28 de fevereiro. “No ano de 1967, o Poder Executivo instituiu, através do Decreto-Lei 269, de 28 de fevereiro, A Fundação Federal de Sergipe- FUFSE/UFS.” (p.19)

1968, mas sob o modelo do processo de federalização dos anos de 1920, sofrendo muitas dificuldades para sua instalação. Bretas esclarece:

Assim, a UFS nasceu com uma proposta arcaica de universidade sem ao menos, despertar nos opositores mais aguerridos a preocupação com o sentido, a natureza e a função social da “Universidade”. A UFS seguiu o modelo de organização universitária praticada no Brasil desde 1920, a partir da federalização das seis escolas isoladas sob a liderança de um reitor e polarizadas por um vínculo institucional. (BRETAS, 2014, p.192)

Enfrentou um regime político autoritário, sua organização teve como base a ação conjunta entre Estado e Igreja, atravessou o golpe militar de 1964, mas sempre procurou atender a necessidade de modernidade que o Estado necessitava. Superou a dificuldade em formar seu corpo docente devido à grande carência de professores com especialização, sua criação proporcionou também que outras instituições paralelas surgissem no Estado. Um outro fator muito importante deve ser destacado, pois contribuiu muito para o desenvolvimento da economia, trata-se da pesquisa petrolífera. Além disso, outros campos econômicos surgiram, como indústria têxtil, usinas e outras.

Seguindo sua trajetória, no ano de 1978 a UFS já contava com 23 cursos divididos em quatro unidades: Centro de Ciências Exatas e Tecnologia; Centro de Ciências Biológicas e da Saúde; Centro de Ciências Sociais Aplicadas e o Centro de Educação e Ciências Humanas. Porém, foi apenas ao final dos anos 80 que o *Campus* de São Cristóvão foi denominado “Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos” (em homenagem ao Reitor José Aloísio de Campos).

Na comemoração do primeiro decênio da fundação da Universidade Federal de Sergipe, as falas da sessão solene conjunta dos Conselhos Superiores, em 15 de maio de 1978, evidenciam transformações ocorridas, no âmbito da instituição, a exemplo do crescimento da matrícula inicial de 636 estudantes que, em dez anos, foi para 4.246, e registrava um incremento de 567%. Nos dez anos de funcionamento, os cursos superiores haviam se diversificado e haviam entregue à sociedade 2.538 em diversas carreiras e profissões. (SOUZA, 2015, p.107)

Seu crescimento iniciou-se de fato entre os anos de 2000 e 2010, onde a real necessidade de diversificação dos cursos e a descentralização de vagas levaram a interiorização de quatro novos *campi*, voltados para as necessidades e potencialidades de cada região do estado. Assim, houve um significativo aumento no número de vagas para a Graduação e a Pós-Graduação, novas instalações de estruturas físicas foram construídas, bem como laboratórios de ensino e pesquisa. A interação com a sociedade sergipana também merece destaque neste processo de expansão, em 2012 foram registrados 178 projetos, beneficiando 142.022 pessoas. Para dar seguimento ao seu crescimento e desenvolvimento, a

UFS também serviu de instrumento para o combate às desigualdades sociais, proporcionando dessa forma a garantia de acesso e permanência dentro da universidade para aqueles mais vulneráveis.

Para cumprir sua missão de “contribuir para o progresso da sociedade por meio da geração e da formação de cidadãos críticos, éticos e comprometidos com o desenvolvimento sustentável”, ela vem se empenhando para alcançar tais objetivos. Observa-se que nos anos de 2013-2014, a UFS superou o desafio de interiorização, seja pela educação presencial, pela educação à distância, bem como nos cursos de graduação e pós-graduação. Hoje são mais de 30 mil alunos distribuídos entre as 113 opções de cursos de Graduação Presencial, 8 cursos na Modalidade à Distância e 52 cursos de pós-graduação sendo 10 de Doutorado e 42 de Mestrado, distribuídos entre os *Campi* de São Cristóvão, Aracaju, Itabaiana, Laranjeiras, Lagarto e Nossa Senhora da Glória. Assim, pode-se afirmar que ela tem contribuído não só para a geração do conhecimento, mas também para a formação do capital humano.

A UFS também oferece ainda para sua comunidade Ensino Fundamental e Médio (CODAP), Atividades de Extensão, Pesquisa, Assistência Estudantil, Assistência a Comunidade, Produção Científica. Tendo como colaboradores 931 Docentes e 1.479 Técnicos em seu efetivo. Porém, para a continuidade e consolidação de tais metas, é necessário que todos os esforços venham de todas as frentes, ou seja, garantir a permanência dos alunos oriundos das escolas públicas através de uma política onde possa garantir uma formação adequada e de qualidade, aumentar o número de vagas, investimentos na pesquisa e extensão, em bolsas, capacitação constante de seus professores, estratégia no desenvolvimento tecnológico do Estado, etc. Acatando a determinação do Ministério da Educação, onde todas as Universidades deverão possuir o PDI, a CPA e o PPI que formalizam as metas, objetivos e estratégias a serem cumpridas no período de 2015 à 2019, a UFS vem se empenhando para cumprir tais metas com afinco e determinação uma vez que sendo a única Universidade Pública do Estado, sua responsabilidade se torna ainda maior, em oferecer a sociedade um ensino de inclusão através do conhecimento, e uma visão crítica sobre os atos políticos e sociais e ainda proporcionar o crescimento pessoal e profissional daqueles que lá frequentam.

O *Campus* São Cristóvão, contexto de nossa pesquisa, possui hoje 5 Centros de Ciências, com 85 opções de cursos entre licenciatura e bacharelado. Nos dados colhidos em 2013, este campus obteve o número de 20.378 alunos matriculados no CCET que é composto por 11 Departamentos, sendo responsável pela oferta de 28 cursos. Foram matriculados no CCBS 1.917 alunos, composto por 7 Departamentos, responsável pela oferta de 16 cursos. No CCAA foram matriculados 1.456 alunos, contando com 6 cursos e 5 Departamentos e 1

Núcleo. Encontramos 3.964 alunos matriculados no CCSA, composto por 6 Departamentos e 3 Núcleos de Graduação, oferecendo 13 cursos. E Finalizando, no CECH foram contabilizados 5.841 alunos matriculados, que conta com 10 Departamentos e 2 Núcleos de Graduação, oferecendo 28 opções de cursos. Já nos cursos de Pós-Graduação, o número de alunos matriculados nos cursos de Mestrado atingiu o numerário de 1.528 e contou com 430 alunos matriculados nos cursos de Doutorado. Tendo no seu efetivo 687 doutores e 204 mestres<sup>5</sup> trabalhando para atenderem todas as necessidades da vida acadêmica.

A UFS foi criada como fundação e permanece assim até os dias hoje. Muitos embates constituíram sua história e a sua criação limitou-se em acatar as leis da jurisdição educacional sem terem a maturidade para apresentar soluções para problemas simples. Ficou a cargo dos estudantes levantarem questões para o verdadeiro sentido da vida acadêmica e sobre o espírito universitário. Bretas (2014) conclui em seu livro, que seu objetivo maior foi mostrar a importância de perceber o esforço e a luta da sociedade sergipana para a criação da UFS.

Ao traçar as principais linhas da criação da UFS, neste livro, procurou-se compreender as especificidades e singularidades das lutas da sociedade sergipana em requerer a sua universidade. Ao fazê-lo, a intenção não era apenas fazer emergir os fatos documentados nas diversas fontes pesquisadas, mas antes de tudo, compreender o sentido das lutas, das pessoas, dos grupos sociais, dos impasses, equívocos e avanços para a instalação da primeira e única Universidade pública no Estado. (BRETAS, p.189, 2014)

Como vimos, foram anos de muita luta, com diversos personagens envolvidos, grupos cheios de especificidades e singularidades, mas que diante de tantas dificuldades, juntos defenderam e construíram a UFS e merecem seu justo reconhecimento pelo grande feito para a sociedade sergipana. A UFS é uma Instituição que possui apenas com 47 anos de existência, seus valores e méritos precisam ser destacados bem como suas deficiências e divergências serem percebidas e corrigidas, lembrando que a UFS é feita de concreto e ferro, mas pulsa vida.

## 2.2- EDUCAÇÃO E DOCENTES: DA REPRODUÇÃO PARA PERCEPÇÃO

A educação abrange um conjunto de conceitos que podem variar de acordo com seu tempo, com o conhecimento e o comportamento da sociedade, envolvendo diretamente a família, o ambiente social e a tradição da sociedade em que ela está inserida. Entendemos que ela é um processo contínuo que vai se formando através de experiências vividas, e são

---

<sup>5</sup> Todos os dados numéricos apresentados foram coletados do Anuário Estatístico da UFS 2010-2012 e UFS em números 2013-2014, podendo já ter ocorrido mudanças nos mesmos no decorrer da conclusão deste trabalho.



absorvidas e acumuladas durante uma existência, e que influenciam diretamente em seu relacionamento com outras pessoas. Ela está envolvida em uma relação de interação e dependência com o outro, por esta razão, o "eu" na sua forma individual só pode existir através de um contato com o "outro".

A educação não é mais vista como lugar da neutralidade, ao contrário, ela possui o papel de vinculação ao processo social, ou seja, de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, logo, quando você se relaciona com outras pessoas ou grupos é preciso conhecer, compreender e aprender com suas diferenças, respeitando o indivíduo como ser humano inteiro. A partir do momento que percebermos as diferenças entre os indivíduos, entenderemos que uma ação educativa, um pensamento isolado ou uma cultura não extingue de nenhuma forma a outra. Quando um indivíduo for capaz de se colocar no lugar do outro, irá nascer uma relação baseada no respeito, no diálogo e na valorização das diferenças existentes, permitindo assim, o compartilhamento da dimensão social e cultural de nossa vida. As diferenças dentro de uma cultura educadora, abrigam muitas formas de vida e de pessoas que exercitam suas possibilidades.

O ato de educar revela uma grande atitude humana, onde o educador e o educando se comungam em uma troca de vivências, ideias e saberes constante, daí a importância do docente refletir sobre o sentido daquilo que faz, de qual é a intenção da educação que ele pratica. Perceber que a educação contribui para a sua existência como professor e para a dos outros, e que a maneira como agimos em nossa vida revela os sentidos que atribuímos ao nosso relacionamento com o mundo e com os outros. Existimos naquilo que fazemos, e na universidade buscamos os valores que circulam o vivido em nossa profissão, fazemos parte de um projeto educacional onde devemos estar engajados, presentes, pois educar e educar-se é ensinar e aprender a ser no mundo. Como foi dito, docente e aluno constroem relações, afetam um ao outro, projetando sentido no que vivem; e o professor como qualquer outro ser, atribui sentido ao mundo, ele é também um ser situado no mundo, por isso nenhuma formação é neutra, mas carregada de valores internalizados ou recriados pelos sujeitos com elos de projetos humanos.

Ao aprofundarmos no sentido etimológico da docência, veremos que seu significado é: ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender. Assim, concordamos que ela não pode ser compreendida como apenas de um ato restrito em dar aulas, ela vai muito além disso, seu conceito passa a ser entendido na amplitude de toda atividade educativa, ela vai além do trabalho formal dos professores uma vez que estes desempenham um conjunto de funções que ultrapassam as tarefas de ministrar aulas, seria interessante abrir não somente as portas das

salas de aula, mas as portas de sua percepção, espaços ainda tão silenciosos e enigmáticos para nossas andanças investigativas. As funções docentes convencionais com o avanço do tempo e com o surgimento de novas condições e exigências no trabalho universitário foram tornando-se mais complexas, exigindo que o professor universitário disponha de um tempo muito maior para se dedicar ao ato de ensinar, bem como em sua carreira acadêmica.

As situações que os professores vivem são únicas e cada qual possui suas particularidades, portanto, o que se necessita é de um projeto que permita a esse profissional fazer um balanço dos percursos do que fez e do que faz. Colocar o docente diante de uma resposta empobrecida em que nada contribui para a sua existência e a de seus alunos só os fazem se sentir como seres apáticos, afogados numa rotina. Não basta estudar os docentes cientificamente, carecemos em notar as coisas como se apresentam ao mundo e perceber que tais coisas estão tão imersas no cotidiano e na aparência do que é dito sobre os seres, as coisas e o mundo. É importante percebermos que estamos vivendo em um mundo onde as coisas se desenham de uma forma alienada e impensada, onde se ignora ou até mesmo se desconhece que a sua existência se compreende através da compreensão da existência do outro. As experiências que temos com os outros significa um movimento entre a estrutura e a significação, onde os seres humanos e até mesmo as instituições como a família, a igreja, a escola, entram em contato com uma realidade já interpretada, em que regras e comportamentos estão postos. Daí a importância do docente reconhecer-se enquanto humano aberto ao mundo, ser encarnado, situado e livre para atualizar-se na dimensão do tempo vivido.

Cunha (1989) complementa essas reflexões mostrando que o conceito dado ao docente é valorativo e está ligado a um tempo e a um determinado lugar. Devido ao seu papel social, criam-se muitas expectativas em relação ao professor, pois os atributos que a sociedade espera dele no exercício de sua função, estão intrinsecamente ligados aos valores produzidos por ela mesma. Nesse caso o docente tende a ser o que se espera dele e, muitas vezes, retoma os modelos dos seus antigos professores, na continuação dos seus métodos e formas de trabalhar os conteúdos propostos. Seria indicado que o docente também saísse da sua posição de invulnerabilidade e síndrome do sucesso, procurando perceber e compreender sua humanidade, suas potencialidades e fragilidades, evitando permanecer na posição defensiva e quando não é pior, muitas vezes agressiva, pois o valor pessoal tem a intensidade relacionada a de quem o utiliza, ou seja, para se construir uma competência nas relações, é preciso investir na percepção e na intencionalidade de suas próprias ações.

No passado acreditava-se que o professor era um ser missionário, que vinha cumprir a missão de ensinar, possuidor de um dom, e nada era tão importante como manter essa imagem de salvador e sofredor. Hoje, no entanto, sabemos que o docente é um profissional impregnado de valores e discursos pessoais, envolvido com as emoções humanas, e algumas vezes tomado de vaidades. Ser professor não é ter um dom, não é exercer um sacerdócio, mas sim ser um profissional comprometido e capacitado, onde ele se afaste da posição autoritária e tenha a coragem de submeter-se ao olhar crítico, seja de seus alunos, dos seus pares e até mesmo de amigos e familiares. O docente ao entender que sua dinâmica é puramente relacional, entenderá que uma das coisas mais difíceis na vida é estabelecer mudanças, e, uma vez que quisermos a mudança de algo, de alguém ou de algum lugar, seria indicado primeiro estabelecer a nossa própria mudança, porém a nossa própria mudança é permeada de muita resistência.

Cada docente possui sua história e suas vivências na vida acadêmica e constrói por vezes sua identidade vocacional e profissional na interação com os seus alunos e seus pares através de uma prática reflexiva na experiência cotidiana. Ele desempenha a função a ele confiada, mas, onde deveria haver essa consciência, em muitos casos observa-se um certo abuso de poder, de disputas e mal estar acadêmico. Nessa relação professor-professor, buscar estabelecer um certo nível de comunicação provocaria a percepção do fato real e não aquilo que lhe foi dado, sabendo que sua intencionalidade é autêntica e verdadeira, sem negar a expressão das emoções e valores, agindo com transparência e respeito mútuo.

Em artigo publicado<sup>6</sup>, o Prof. Marco Mello da UFMG, apresenta o que é ser um professor universitário, deixando claro que quando estes fizeram essa escolha, sabiam das obrigações e tarefas que a carreira exigia, só que hoje são tantas as cobranças, que nos levam a pensar em qual tipo de vida e de relação que os docentes do ensino superior estão tendo e onde isso vai chegar. Ele desabafa e comenta sobre a rotina de um acadêmico, elucida ainda sobre os pilares da carreira<sup>7</sup>. Vejamos sua fala:

---

<sup>6</sup> Artigo publicado em 12/02/2015. <https://marcoarmello.wordpress.com/2015/02/12/professor/>

<sup>7</sup> Pelas leis brasileiras federais e estaduais, a carreira de professor universitário envolve, em geral, cinco pilares: **Ensino:** coordenação e participação em disciplinas de graduação e pós-graduação, presenciais ou à distância. **Pesquisa:** investigação científica ou tecnológica para produção de conhecimento. Na verdade, a área da pesquisa envolve muito mais do que apenas a investigação e publicação, como revisão de artigos, editoração de revistas científicas, organização de congressos, administração de sociedades científicas, consultoria para agências de fomento, assessoria à imprensa, assessoria política dentro da área em que é perito e muito mais. **Orientação:** formação de novos cientistas através de estágios e projetos orientados de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado. **Extensão:** assessoria e divulgação de conhecimento científico e técnico para o público externo à universidade através de consultoria, palestras, cursos, exposições, museus etc. **Administração:** cargos de chefia em geral, cargos em órgão representativos da universidade (câmaras,

Vamos destrinchar um exemplo mais concreto: as universidades federais brasileiras. De acordo com a lei que rege essas instituições, o professor universitário “padrão” (sem cargo de chefia ou outras condicionantes) é obrigado a dar de 8 a 12 créditos por semestre. Cada crédito representa mais ou menos 15 h em sala de aula. Ou seja, o sujeito é obrigado a passar dentro de sala entre 120 e 180 h por semestre. Um professor dedicado, que de fato gasta tempo e energia com as aulas, precisa de no mínimo 2 h de preparação (slides, leituras, material biológico para aulas práticas, preparação de computadores etc.) para cada 1 h em sala. Vamos considerar que uma disciplina obrigatória de graduação tem 4 créditos (60 h) e costuma ser organizada de forma a ocupar 4 h em sala por semana. Logo, das 40 h de trabalho semanais determinadas por lei, o professor acaba passando pelo menos 12 h envolvido com a disciplina. Isso, fora as horas gastas com atendimento de alunos e correção de trabalhos. Assim, a conta pode facilmente chegar a 16 h por semana, ocupadas com cada disciplina e piora na época das provas e entrega de trabalhos, se o professor não contar com ajudantes. Supondo uma turma com cerca de 60 alunos, imaginem a seriedade da ralação. E, já que o mínimo são 8 créditos, o que nós, professores, enfrentamos é isso vezes dois, pelo menos. Para se ocupar com 2 disciplinas de 4 créditos por semestre, totalizando 8 créditos, e realmente ministrá-las com qualidade, o professor universitário não poderia se envolver com mais nada! A quem estamos enganando? A única forma de aliviar essa carga é através da ajuda de pós-graduandos que atuam como tutores e graduandos que atuam como monitores. Mas nem todo professor ou toda disciplina contam com o apoio de auxiliares. Os tutores remunerados conhecidos internacionalmente como “TAs” (*teaching assistants*), comuns nos EUA, Alemanha, França e UK, chegaram a ter uma versão brasileira temporária durante o Reuni. Só que o programa foi planejado para durar apenas cinco anos. Só para variar, nada é pensado a longo prazo neste país, tudo é paliativo, tudo é jeitinho. Como alguém pode se dedicar de verdade à pesquisa de ponta tendo sobre os ombros o peso de uma carga didática massacrante como essa? Como alguém pode fazer extensão e atender de outras formas o mundo real fora da Academia, sendo obrigado a dar aulas igual a um burro de carga? Na verdade, como seria possível conciliar qualquer um dos outros quatro pilares da carreira com um ensino de qualidade em grande quantidade? (MELLO, 2015)

Diante dessa realidade, é importante as universidades renovarem suas reflexões sobre as reais necessidades dos docentes. As instituições de Ensino Superior encontram vários desafios diante das alterações políticas, econômicas, sociais e culturais que levam a mudanças constantes e paradigmáticas de ordem pessoal e coletiva. Para Teixeira (1996), a instituição acadêmica é um espaço onde se encontram esses sujeitos, que estabelecem relações de troca, de intimidade, de tensão e de conflito, suas vidas são entrelaçadas diariamente, por anos, e dando significados a essas experiências dos modos mais diversos.

Ao considerarmos que o papel dos docentes sofre importantes modificações ao mesmo tempo em que as sociedades também estão em processo de mudanças significativas, como a transição para outros modelos socioeconômicos e culturais. As transformações ocorridas nas instituições sejam acadêmicas ou de outros âmbitos sociais, dos valores sociais e das exigências na esfera econômica implicam uma redefinição das expectativas educacionais.

Pressupomos que estas transformações e exigências façam que os docentes da UFS necessitem e desejam ser vistos e ouvidos como seres inteiros; portanto, abordar a seus conflitos diante de certas perspectivas como: problemas de agravamento do stress, falta de reconhecimento profissional, conflitos em sala de aula, sobrecarga de tarefas burocráticas e administrativas e ainda cobranças e exigências relacionadas ao status da profissão.

Comentando Teixeira (2007), a autora nos faz lembrar a necessidade de compreender a condição docente a partir dos contextos sócio históricos. É importante destacar alguns temas que interpelam à docência na contemporaneidade. Novas faces das desigualdades sociais se refletem nas dinâmicas internas da instituição acadêmica. Para a autora, questões como o individualismo, a competitividade, a banalização, a mercantilização e a espetacularização da vida, do mundo, do corpo e do sujeito têm trazido sérias consequências para o exercício da docência hoje. Todos esses fatores, somados ao desgaste da imagem positiva do magistério, às precárias condições de trabalho e às novas exigências e demandas sociais, vêm interpelando à docência de novas maneiras.

Esperamos que essa reflexão ajude a compreender o cotidiano do docente do ensino superior diante das exigências da sociedade atual. Lembremos que é no contexto geral que o docente desenvolve sua prática e que ela está pautada nas suas relações de trabalho, e o descompasso dessas relações se configuram como suficientes para a quebra dos objetivos onde desempenham suas funções. Dessa forma, no percurso de suas ações e no âmago do seu senso comum, o docente coloca sua práxis educativa, muitas vezes desarticulada com as finalidades sócio político e culturais do processo educativo. Diríamos que a universidade é sobretudo sinônimo de mutações, desafios, adversidades e confrontos com o mundo real e o docente é um ser que vive todas elas.

### 3- A PERSPECTIVA FENOMENOLOGICA DE MERLEAU-PONTY

A palavra Fenomenologia vem da palavra grega *phaenomenon*, que significa simplesmente aquilo que se mostra. A Fenomenologia surgiu no início do século XX, na Alemanha, criada por Edmundo Husserl (1859-1938), que propõe uma volta das pesquisas filosóficas ao homem abrangendo seus aspectos racionais e irracionais. Ele cria um movimento filosófico com o objetivo de apresentar uma crítica tanto ao idealismo, que visava a ideia ou consciência como a última instância de criação de realidade, quanto ao positivismo que afirmava que o conhecimento tinha sua origem estritamente vinculada aos sentidos. Seu foco estava em compreender a experiência humana do mundo no âmbito das coisas como aparecem (fenômeno)<sup>8</sup>. Esse método filosófico expõe o cotidiano do mundo do ser, onde a experiência se passa e traz a transparência na descrição de suas vivências, exatamente daquilo que aparece à consciência, buscando explorá-la. Assim explica o próprio autor:

A Fenomenologia – designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científica; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, ‘fenomenologia’ designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método, especificamente filosófico. (HUSSERL, 1990, p.46)

Podemos indicar que a fenomenologia foi o resultado das intensas leituras, aproximações e reflexões que Husserl fez tanto das obras e pensamentos de Aristóteles, Tomás de Aquino, Franz Brentano, René Descartes e Immanuel Kant, bem como do seu próprio caminho de investigação. Ao apoiar-se no conceito de intencionalidade de Brentano, o autor descobre algo que as ciências positivas haviam separado, ou seja, o sujeito do objeto, da intenção e da consciência do mundo. Ele nos mostra que a verdade está justamente na relação entre sujeito e objeto, não no sujeito isolado e nem no objeto em si, mas sim no sentido que a consciência atribui para essa relação. Continuando com seus estudos e pensamentos, Husserl busca em Descartes seus conhecimentos sobre a subjetividade, focando-se nas leituras de “Meditações”, que foi justamente sua inspiração para escrever “Meditações Cartesianas”. O próprio Husserl considera essa obra como sendo uma introdução à fenomenologia.

---

<sup>8</sup> “Por fenômenos comumente se compreendem os fatos ou dados sensíveis tanto físicos como conscientes. Porém, a Fenomenologia de Husserl não compreende o termo fenômeno nessa perspectiva, já que a mesma está relacionada com a descrição empírica dos fatos empregada pelo conhecimento científico que o filósofo critica e tem como meta ultrapassá-lo. Este ultrapassar concebe uma nova ciência, um novo método como se viu anteriormente e, conseqüentemente, uma nova dimensão do termo fenômeno como aquilo que se manifesta à consciência. (FERREIRA, p.169, 2013). O sentido do termo fenômeno na perspectiva do pensamento de Husserl diz respeito a todo aspecto do objeto que se apresenta imediatamente à consciência. O conceito de objeto é mostrado não como uma coisa. O sentido de objeto enquanto coisa é aquilo que se encontra presente na consciência. O fenômeno, nesse sentido, diz respeito à realidade manifestada na coisa, quer dizer, do objeto. Essa realidade manifestada é tão somente a própria coisa percebida, pensada, falada.” (FERREIRA, 2013, p. 170)

A fenomenologia husserliana vai buscar filosofar a partir dos problemas da vivência da consciência, o que vem do mundo exterior para chegar “às coisas mesmas” (fenômenos), ela é uma ciência dos fundamentos originários. Seguindo esse pensamento, Husserl se motivou para se debruçar ainda mais no tema da subjetividade, o que foi de grande contribuição para que ele elaborasse a Fenomenologia da Consciência. Em *Meditações Cartesianas*, ele nos diz:

A vida cotidiana é ingênua. Viver assim é engajar-se no mundo que nos é mostrado pela experiência, pelo pensamento; é agir, é emitir julgamentos de valor. Todas essas funções intencionais da experiência, graças às quais os objetos estão simplesmente presentes, completam-se de maneira impessoal: o sujeito nada sabe delas. (HUSSERL, 2001, p. 166)

É também nesta mesma obra que Husserl destaca seu modo de abordar o ego, esclarecendo que Descartes estruturou sua dúvida metódica para explicitar o *ego res cogito* como coisa pensante, e ele, enxerga o ego como sendo a própria consciência, e discute também a necessidade que o estudioso, no exercício da fenomenologia terá de passar, ou seja, sair da atitude natural para a atitude fenomenológica. Esclarecendo que a Fenomenologia indica uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo ela designa um método e uma atitude intelectual. Portanto, a fenomenologia proposta por Husserl é uma postura filosófica e não apenas um método, mas ambas.

Em seu livro "A Filosofia como Ciência de Rigor", Husserl faz a relação entre Filosofia e Psicologia, em que, com muita delicadeza intelectual, ele reflete sobre o avanço do pensamento naturalista, do historicismo e do idealismo, discutindo o psicologismo e as consequências do historicismo e da ideologia. Nos alerta sobre o momento em que a ciência e a psicologia tentaram nivelar a consciência aos fatos naturais e as normas da razão lógica, explica que tratar a consciência como um fato natural é coisificá-la apenas como um objeto separando-a do sujeito. Para Husserl (2006), consciência seria o "resíduo fenomenológico". A consciência não é conteúdo, ela é fluxo, está sempre movimento em direção a algo, a alguma coisa. Vimos que a fenomenologia proposta por Husserl seguiu em frente, trazendo novos fenomenólogos que o seguiram, tais como: Paul Ricouer, Karl Jaspers, Maurice Merleau-Ponty e Alfred Schutz, por exemplo.

Devemos ainda ter o conhecimento que Husserl propôs um processo inverso das ciências naturais, ele desejou descrever e analisar as essências, promovendo a elucidação do sentido originário, independente da observação ou posição em que o objeto se encontra, deve-se também ter sempre claro que o sujeito jamais está separado do objeto, que a consciência nunca está separada do mundo, e ainda que, na fenomenologia reduzir tem o sentido de

reconduzir e não de reduzir no sentido natural. A relação entre consciência e mundo é sempre indissolúvel, buscando a origem do fenômeno naquilo que o funda, não como causa, mas como essência, ou seja, como estrutura invariante, e ainda lembrando que o fenômeno é a intencionalidade: a consciência é intencional.

Incomodado com alguns fatos que estudava, Husserl discordava da tese da psicologia que defendia que todo conhecimento filosófico deveria ser reduzido a um fato psicológico. Esta tese fundamentava a lógica, a ética e a estética. Criticava também o empirismo, pois não aceitava o privilégio que era dado a exterioridade das coisas, ou seja, onde a realidade objetiva se coloca acima a razão humana. Assim nasce a Fenomenologia criada pelo filósofo Edmund Husserl, que em sua concepção a define como uma filosofia transcendental, pois coloca em suspenso todas as afirmações da atitude natural e das ciências particulares, ele cria um novo caminho para a construção do pensamento filosófico.

[...] Husserl acaba então por conceber uma filosofia nova que realiza enfim o sonho de toda filosofia: tornar-se uma ciência rigorosa. A realização de tal projeto supõe que, em vez de se prender as tradições filosóficas que lhes transmitem indefinidamente seu desacordo, o pensamento filosófico retorne às suas origens dando-se como ponto de partida, não mais as opiniões dos filósofos, mas a própria realidade [...] (DARTIGUES, 1992, p.13)

A Fenomenologia nasce com a exigência e com o objetivo de apontar a clareza essencial do conhecimento. Ela como filosofia, estuda as essências, incluindo todos os problemas que as definem e “tem como preocupação básica a descrição de tudo que aparece à consciência”, (FERREIRA, 2013, p.168). A Fenomenologia nos ensina como atingir a vivência da realidade através da descrição do fenômeno que a experiência nos oferece. Poderemos então dizer que Fenomenologia, sobre o olhar de seu criador, é a filosofia que revela o conhecimento do conhecimento.

Ferreira (2013), acrescenta ainda que Husserl se propõe a criar uma nova ciência e um novo método que esclareçam a essência do conhecimento quanto a objetividade cognitiva, ou seja, explicitar à clareza essencial do conhecimento descrevendo tudo que aparece à consciência. Husserl, descobre e utiliza esse conceito importante para a filosofia fenomenológica, que é o conceito da “intencionalidade da consciência”. Nessa direção, Husserl diz que toda consciência é voltada para alguma coisa, assim a fenomenologia tem como tarefa desvendar os fenômenos implícitos nas relações intencionais que o homem vive no seu cotidiano com os outros.

Nessa relação, partimos do princípio de que tudo o que nós pensamos, somos capazes de expressar nas diferentes formas desse dizer, pois possuímos a consciência do fato, a intenção da ação. Assim, a fenomenologia tem por tarefa, oferecer possibilidades para



compreender o que se revela a partir das nossas vivências intencionais. Matthews (2010, p.15) nos esclarece a esse respeito: “Dizer que a consciência é “intencional” é dizer que está sempre voltada para ou referida a algum objeto: o que pode ser expresso no lema “consciência é sempre consciência de algo”. A consciência é intencional na medida em que ela se dirige ao mundo, este ir ao mundo, significa que o sujeito que percebe o mundo é o mesmo que lhe dá significado.

Assim, a Intencionalidade nas obras de Merleau-Ponty encontra novos sentidos, pois transporta o *cogito*<sup>9</sup> do intelecto para o corpo, transformando dessa forma, a noção de consciência, despertando a questão da percepção e do sensível. Ele desassocia por completo a ideia de uma consciência metafísica, ideia vinda de Descartes através de sua metafísica idealista. Ao se preocupar com o sensível, Merleau-Ponty recorre à imagens ligadas as sensações, e avança defendendo que o sujeito se vê diante de um outro, frente a uma outra consciência.

Seguindo com seus estudos, para Husserl, a máxima de Descartes "Penso, logo sou" era incompleta, uma vez que o pensar decididamente nos leva ao pensado, ao intencionado: consciência é sempre consciência de algo segundo Husserl. Portanto, a consciência cartesiana não remetia ao objeto; era uma consciência voltada para ela mesma. Foi a partir desse pensamento que Husserl pôde superar esta questão e esclarecer seu conceito de consciência, que seria o de um movimento em relação ao mundo, de um projetar-se no mundo. Este conceito é crucial para entender a relação do sujeito com o mundo, entender como o sujeito se constitui enquanto abertura ao mundo.

Maurice Merleau-Ponty, grande estudioso de Husserl, inquieto com os conceitos de seu mestre, questionou uma nova maneira de compreender os fenômenos da qual decorre uma nova compreensão sobre o corpo.

A Filosofia, particularmente a fenomenologia de Merleau-Ponty, se apresenta como uma nova maneira de compreender os fenômenos da qual decorre uma nova compreensão sobre o corpo. Corpo que é considerado para além das teses da ciência e da própria filosofia na obra de Merleau-Ponty. Consideração sobre o corpo que abre nova compreensão sobre a corporeidade. Compreensão que desafia a subjetividade à construção de outras compreensões da educação. (SANTOS, 2012, p.5)

Todo o esforço fenomenológico de Merleau-Ponty consiste em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo, para, somente depois, construí-lo filosoficamente. Então, na

---

<sup>9</sup> “Cogito” cartesiano (“Eu penso, logo existo”, na tradução verdadeira seria “Eu penso, logo sou”) é a cisão, ou separação, entre sujeito e objeto, a proposta de Merleau-Ponty é a superação dessa cisão, que dominou o cenário da filosofia moderna, de Descartes a Kant. Fonte: <http://www.scielo.org/applications/scielo-org>

tentativa de uma descrição direta da experiência humana, na sua relação com o mundo, tal como ela é, ele apresenta respostas em sua obra “A Fenomenologia da Percepção”, onde o autor trata tal experiência como sendo uma descrição pura, que exclui a reflexão e a explicação científica.

Em seus textos iniciais, Merleau-Ponty tenta, ao máximo, situar a consciência no corpo e o corpo no mundo. Consciência é consciência perceptiva, é ser-no-mundo, é existência. Em sua filosofia, a consciência já não pode ser mais entendida como soberana, ou "externa" ao mundo vivido, ela é uma consciência que a partir de representações, legisla sobre o mundo. Fazemos percepção com o percebido. E como o próprio percebido só é evidentemente acessível através da percepção, acabamos por não compreender, finalmente, nem um nem outro. Estamos presos ao mundo e não conseguimos nos destacar dele para passar à consciência do mundo.

Como foi dito por Merleau-Ponty, Husserl dedicou grande parte de seus estudos para compreender a si próprio, bem como, a questão sobre a qual ele tenha estudado mais vezes, foi a questão da problemática da Redução Fenomenológica. Merleau-Ponty se une à maioria dos intérpretes de Husserl que veem na redução um dos pontos críticos da Fenomenologia e, talvez, um dos mais difíceis.

Suas obras “A Estrutura do comportamento” (1942), e “Fenomenologia da percepção” (1945), foram as mais originais publicações posteriores da fenomenologia de Husserl produzidas na França. Mas além desta obras, Merleau-Ponty escreveu ainda: “O visível e o invisível”; “A prosa do Mundo”; “Conversas”; “As aventuras da dialética”; “Signos”; “O Olho e o Espírito”; “Psicologia e Pedagogia da Criança”; e “A Natureza”. Destacamos o caráter inacabado de algumas de suas obras, pois elas foram interrompidas pela sua inesperada e prematura morte. Merleau-Ponty (1908 -1961), morreu vítima de um ataque cardíaco aos 53 anos.

Merleau-Ponty foi filósofo, pedagogo e psicólogo, nasceu em Rochefort-sur-Mer, na França e faleceu em Paris. Frequentou em Paris, os Liceus Janson-de-Sailly e Louis-le-Grand, e, em 1926, entrou na École Normal e Supérieure para estudar filosofia. Foi aí que conheceu Sartre e Simone de Beauvoir. Após graduar-se em filosofia, lecionou em vários liceus. Em 1935 regressou à École Normal como tutor. Por um ano Merleau-Ponty serviu como oficial do exército francês durante a II Guerra Mundial.

Para o filósofo, o ser humano é o núcleo dos debates sobre o perceber e o percebido em seu corpo. E nesse exame minucioso da percepção é que Merleau-Ponty converte o processo fenomenológico em uma modalidade existencial. Segundo sua concepção, as teorias

convencionais sobre a percepção e a psicologia deixam de explicar em que instante a consciência é integrada no mundo. Para ele, a base do conhecimento está na capacidade de perceber o que nos cerca, de dar significado ao que foi captado pelos sentidos, para que se torne possível vê-los como um todo. Segundo ele, é na esfera humana que se pode explicar o contexto histórico, a simbologia, ou a verdade a ser construída, algo que mostre a possibilidade da significação das coisas, apesar de todos os paradoxos existenciais, é nesse sentido que o ser humano depositaria todas as suas expectativas.

As coisas visíveis à nossa volta repousam em si mesmas e o seu ser natural é tão pleno que parece envolver seu ser percebido, como se a percepção que temos delas se fizesse nelas. Se, porém, exprimo essa experiência dizendo que as coisas estão em seus lugares e que nós nos fundimos com elas, logo a torno impossível, pois, à medida que nos aproximamos das coisas, paro de ser, à medida que sou, não há a coisa, mas somente seu dúplice no eu “quarto escuro”. (MERLEAU-PONTY, p.120, 2012)

Diríamos, portanto, que a Fenomenologia existe como movimento. Não se apreende nada como existente se primeiramente eu não me experimentar existente no ato de apreendê-la. Entendemos que a fenomenologia é algo dinâmico, é a relação constante entre o sujeito e o objeto, é uma relação de como se constitui o conhecimento.

A teoria fenomenológica traz temas como a discussão sobre a relação mente e corpo, alerta quanto às fragilidades da investigação científica fundada na separação entre sujeito e objeto, considera que não existem verdades absolutas e acabadas assim como a própria fenomenologia não está acabada. Iremos tratar agora com certos conceitos que foram abraçados pela fenomenologia, onde trazem a base para o entendimento do vivido, conceitos estes como Intersubjetividade, Percepção e Corpo Próprio, que trataremos agora para ajudar na compreensão e no processo da construção da pesquisa.

Historiadores da filosofia e comentadores da obra de Husserl concordam que a Intersubjetividade não é apenas uma questão entre outras da Fenomenologia, mas sim, a que recobre uma dimensão essencial para a sua compreensão. De tal modo que, a noção de Intersubjetividade ocupou sem dúvida, um lugar central sobre a possibilidade de conhecermos a experiência que temos do outro, de outra consciência ou outro ego, sabendo que estes existem independentes da minha consciência. Dessa forma, é fácil compreender que o mundo físico está aí, antes de mim e de minha consciência, e ainda, este mundo é independente dela. Husserl afirma que não há como conhecer o outro diretamente, de forma imediata. Só sei do outro, conheço o outro a partir de minha consciência intencional (consciência que é consciência de algo). Assim, o outro só existe de uma consciência intencional, onde o mundo

vivido é sempre o mundo vivido de cada um, embora sempre intencionalmente dirigido a outro objeto ou a outra consciência.

É importante compreendermos que o princípio da Intersubjetividade está imerso na história que vivemos, é a condição da vida social que criamos, onde a partilha de sentidos, experiências e conhecimentos entre sujeitos estão estreitamente ligadas com a questão do saber como é que nós resolvemos as nossas diferenças, ultrapassamos os nossos pensamentos pessoais e partilhamos as nossas subjetividades com as dos outros. Onde podemos nos situar como “ser-no-mundo”. Capalbo nos ajuda a entender esta questão:

A análise do “Ser-no-mundo” aproxima-se da compreensão de que o Ser Humano é um Ser Histórico. A História se apresenta como um encontro no qual se verifica o esforço de compreensão do outro, e no qual se coloca o fenômeno da intersubjetividade. É pela sua manifestação no mundo que o outro se torna outro-para-mim. (CAPALBO, 2008, p.98)

Entendemos que é através da Intersubjetividade que a comunicação é possível, pois é seu papel ser mediadora no ciclo de perguntas e respostas, nesta relação intersubjetiva, tomada como fato primeiro e essencial, é que se funda a possibilidade do diálogo e diante desse contexto social é que os sujeitos desempenham papéis, seja obedecendo a determinados padrões de comportamento, ou os ignorando por completo, mas possuindo um sentido próprio ou social.

O tema da Intersubjetividade também é foco de atenção para o filósofo francês Merleau-Ponty, sendo aluno e um leitor apaixonado das obras de Husserl, dedica seus anos iniciais de pesquisa a temas centrais da psicologia como comportamento e percepção, procurando desenvolver uma rigorosa reflexão filosófica que pudesse situar as investigações psicológicas diante de seus próprios limites. Logo, situa-se como grande autor da transição entre o questionamento epistemológico sobre o conhecimento do outro.

Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos. Da mesma maneira, não compreendo os gestos do outro por um ato intelectual, a comunicação entre as consciências não está fundada no sentido comum de suas experiências, mesmo porque ela o funda: é preciso reconhecer como irredutível o movimento pelo qual me empresto ao espetáculo, me junto a ele em um tipo de reconhecimento que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 252).

Merleau-Ponty se empenha em mostrar, metodicamente, que a relação do homem com o mundo acontece inicialmente pela percepção, através de uma relação direta corpo-mundo. Ele amplia as concepções husserlianas e formula uma possibilidade radical de compreensão da relação entre eu e o outro, porém não mais através das limitadas possibilidades de uma

intersubjetividade concebida a partir da consciência intencional, mas sim a partir da experiência do corpo. O mundo é o lugar onde eu e outro nos encontramos através de nosso corpo, estamos situados, mas desprovidos de uma dimensão corporal. Daí é que Merleau-Ponty procura mostrar o foco perceptivo ao afirmar que a relação entre sujeitos não será mais aquela que vige no pensamento, mas uma relação perceptiva.

É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo “coisas”. Assim, “compreendido”, o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha e que por minha conta eu retorno, ele se expõe no próprio gesto. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.253)

Partimos do entendimento que existe dois modos de ser, que é o ser em si: corpo; e o ser para si: consciência. O outro diante de mim seria um ser em si, no entanto ele existiria para si também, e exigiria de mim ser percebido. Porém, eu primeiro o situo no mundo dos objetos, através de seu corpo e de seu comportamento, pois este fenômeno é perceptivo, somente depois irei pensá-lo como consciência. Assim, é o que o sistema entre meu corpo, o corpo do outro e o mundo é formado e nos permite tais correlações, sendo que é na percepção que visualizamos este campo intersubjetivo fundamental. A intersubjetividade somente se faz entre dois corpos.

Em sua tentativa de aplicar a Fenomenologia na prova da existência humana, Merleau-Ponty coloca o ser humano como o centro da discussão sobre o conhecimento. Segundo Merleau-Ponty, quando o ser humano se depara com algo que se apresenta diante de sua consciência, primeiro nota e percebe esse objeto a partir de sua consciência perceptiva. Após perceber o objeto, este entra em sua consciência e passa a ser um fenômeno.

Assim, ela infere sobre a relação não recíproca da objetividade, e passa para a relação recíproca da intersubjetividade. É o encontro do eu com o nós, uma relação de autoconsciências, o ato intencional do sujeito, que tem diante de si um outro ato intencional, e é a reciprocidade da relação entre ambas que constitui a intersubjetividade. Dessa forma a relação é vida, promovendo através do ato consciente ver os seres que se mostram em sua existencialidade, é aprender olhar ou incorporar as coisas nas mais diversas perspectivas, e sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo.

### 3.1- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PERCEPÇÃO E DO CORPO PRÓPRIO

Seguindo a história, na tradição filosófica, até o século XX, distinguia sensação de percepção pelo seu grau de complexidade, ou seja, a sensação é direcionada para aquilo que nos dá as qualidades exteriores e interiores, isto é, as qualidades dos objetos e os efeitos internos dessas qualidades sobre nós. É através da sensação que vemos, tocamos, sentimos, ouvimos, mesmo sendo o sentido algo ambíguo, ele ao mesmo tempo é a qualidade que está no objeto e o sentimento interno que nosso corpo possui das qualidades sentidas. É isso que faz a sensação ser uma reação corporal imediata a um estímulo ou excitação externa, ou seja, sentimos as qualidades como integrantes de seres mais amplos e complexos do que a sensação isolada de cada qualidade.

Nesse sentido, duas concepções sobre a sensação e a percepção se manifestam na filosofia: a empirista e a intelectualista. Na visão dos empiristas, a sensação e a percepção dependem das coisas exteriores, acontecem mediante estímulos externos que agem sobre nossos sentidos e sobre o nosso sistema nervoso, ou seja, recebe uma resposta de nosso cérebro e chega aos nossos sentidos sob a forma sensação (cor, sabor, odor), ou de uma associação de sensações numa percepção. Cada sensação é independente das outras e cabe à percepção unificá-las e organizá-las numa síntese. A causa do conhecimento sensível é a coisa externa, de modo que a sensação e a percepção são efeitos passivos de uma atividade dos corpos exteriores sobre o nosso corpo, a sensação conduz à percepção como uma síntese passiva, ela depende do objeto exterior.

O que faltava ao empirismo era a conexão interna entre o objeto e o ato que ele desencadeia. O que falta ao intelectualismo é a contingência das ocasiões de pensar. No primeiro caso, a consciência é muito pobre; no segundo, é rica demais para que algum fenômeno possa solicitá-la [...]. Malgrado as intenções do intelectualismo, as duas doutrinas têm, portanto em comum essa ideia de que a atenção não cria nada, já que um mundo de impressões em si ou um universo de pensamento determinante estão igualmente subtraídos à ação do espírito. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 56).

Na visão dos intelectualistas, sensação e percepção dependem do sujeito do conhecimento e a coisa exterior é apenas o objeto para que tenhamos a sensação ou a percepção. No intelectualismo o sujeito é ativo e a coisa externa é passiva, ao sentir e ao perceber os fenômenos, só irá depender da capacidade que o sujeito possui para decompor um objeto em suas qualidades simples que seria a sensação, e de recompor o objeto como um todo, o organizando e o interpretando, definido a sua percepção. Ficando explícito que, a

passagem da sensação para a percepção é um ato realizado pelo intelecto do sujeito do conhecimento. Para os intelectualistas, a sensação conduz à percepção como síntese ativa, ela depende da atividade do entendimento.

A percepção está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo. (NÓBREGA, 2008, p.142)

Já os estudiosos da Fenomenologia mostraram que não existe diferença entre sensação e percepção, uma vez que não existem sensações parciais, pontuais ou elementares. Assim, as experiências conhecidas como figura-e-fundo mostram que não temos sensações parciais, mas percepções globais de uma forma ou de uma estrutura.

A análise clássica da percepção distingue os dados sensíveis e a significação, ao passo que a análise fenomenológica nos permite ultrapassar as alternativas clássicas entre o empirismo e o intelectualismo, entre o automatismo e a consciência. Essa perspectiva apoia-se num ponto fundamental: o movimento. Para Merleau-Ponty, a percepção do corpo é confusa na imobilidade, pois lhe falta a intencionalidade do movimento. (NÓBREGA, 2008, p.142)

Merleau-Ponty já propõe resgatar o contato com o mundo da Percepção. Para ele, esse mundo seria ambíguo, que domina a nossa experiência sensível, motora e prática frente ao indeterminado. Afirmava que é por meio dessa experiência que o mundo da percepção se revela para nós ou é a partir dessa experiência que as coisas se manifestam. Merleau-Ponty propôs então restituir a originalidade de nossa experiência perceptiva, reencontrando o mundo primordial.

Percepção, portanto, tal como Merleau-Ponty a entende, não é receber passivamente as “representações” dadas de fora e então interpretá-las. É um contato direto com o mundo, contato que toma a forma de envolvimento ativo com as coisas à nossa volta. (MATTHEWS E, 2010, p.50)

Certo, portanto, para o filósofo é que o corpo é o sujeito da sensação, da percepção, do pensamento e do sentimento. Para Merleau-Ponty a Percepção dos sentidos orgânicos gera sensações, que provocam uma cadeia de emoções, ainda indiferenciadas, que são elaboradas sob a forma de sentimentos, que podem ser nomeados: amor, ódio, alegria, etc. As sensações são mais visíveis, através do tônus muscular e das expressões do comportamento humano, portanto, decodificáveis, enquanto os sentimentos e as emoções apenas podem ser deduzidos hipoteticamente pelo espectador.

Merleau-Ponty salienta que é pela ideia de percepção que se tenta descrever os fenômenos engendrados por nossas experiências. É através de nosso corpo que a expressão se realiza e, dessa forma, revela o sentido de nossas experiências, ou seja, a manifestação de um interior no exterior. O autor reconhece que este tem a capacidade de instituir relações expressivas e que todo o uso do corpo é uma expressão primordial.

O corpo é nosso meio geral de ter o mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu próprio sentido figurado: é o caso dos hábitos motores da dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa em instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.203)

O autor deixa claro que a Percepção é o modo de ver o mundo, que é por ela que sentimos o mundo e é nesta existência que nos constituímos como seres. A Percepção sobre a existência do mundo, o homem está no mundo, o mundo é o meio natural e o campo de todos os pensamentos e de todas as percepções, os sujeitos fazem as coisas em torno de si. Segundo Merleau-Ponty, a localização dos objetos no espaço é uma operação espiritual e utiliza o movimento abstrato e o movimento concreto do corpo, porém é fundamental sublinhar que Merleau-Ponty não está interessado na realidade corpórea em si, mas no corpo sendo sede do encontro sujeito-mundo.

É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo “coisas”. Assim, “compreendido”, o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha e que por minha conta eu retorno, ele se expõe no próprio gesto... (MERLEAU-PONTY, 2011, p.253)

Pensando dessa maneira, Merleau-Ponty revela um corpo que é visível no meio dos outros seres visíveis, e que, maravilhosamente tem a peculiaridade de ser um visível e vidente: vejo, além de ser vista, além disso, posso também me ver! Sou visível para mim mesma, eu posso me ver vendo. Meu corpo toca, podendo ser tocado. E tem o poder de ao tempo em que ele toca ser tocado, como o autor exemplifica, como quando minha mão direita toca a esquerda, já não sabemos quem toca e quem é tocado. Meu corpo é sonoro, pode ser ouvido e tem o poder de ouvir. Mais do que isso, pode fazer-se ouvir e pode ouvir-se quando emite sons. Ouço-me falando e ouço quem me fala. Sou sonora para mim mesma. Visível e vidente, tátil e tocante, sonoro e ouvinte, meu corpo se vê vendo, se toca tocando, se escuta escutando. Meu corpo não é objeto, não é máquina, não é um emaranhado de ossos, músculos ou sangue, não simplesmente um local de moradia para uma alma ou para uma consciência: ele é intenso, ele é a mais completa expressão do meu modo de ser e de estar no mundo.



Com essa ideia de unidade corporal indivisível, é que na concepção fenomenológica segundo Merleau-Ponty (2011), a forma de se expressar e se comunicar com o mundo acontecem através do nosso corpo, “Eu sou corpo”.

Sou uma estrutura psicológica e histórica. Com a existência recebi uma maneira de existir, um estilo. Todos os meus pensamentos e minhas ações estão em relação com esta estrutura, e mesmo o pensamento de um filósofo não é senão uma maneira de explicitar seu poder sobre o mundo, aquilo que ele é. E, todavia sou livre, não despeito ou aquém dessas motivações, mas por seu meio. Pois nesta vida significativa, está certa significação da natureza e da história que sou eu, não limita meu acesso ao mundo, ao contrário, ela é o meu meio de comunicar-me com ele. É sendo sem restrições nem reservas, aquilo que sou presentemente, que tenho oportunidade de progredir, é vivendo meu tempo que posso compreender os outros tempos, é me estranhando no presente e no mundo, assumindo resolutamente aquilo que sou por acaso, querendo aquilo que quero, fazendo aquilo que faço que posso ir além. Só posso deixar a liberdade escapar se procuro ultrapassar minha situação natural e social recusando-me a em primeiro lugar assumi-la, em vez de, através dela, encontrar o mundo natural e humano. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.611)

Diante deste contexto, não negamos que existe um mundo cheio de dúvidas, cobranças, decepções, de relações difíceis e conturbadas, um mundo em que vivemos uma verdadeira montanha russa de emoções e de contradições, um mundo onde a própria história acrescenta capítulos de enobrecimento e decadência humana. Porém, queremos apresentar a ideia de um mundo que pode sim, ser possuidor de uma real consciência de que somos sujeitos únicos, com corpos únicos e que devemos viver a plenitude de nossas relações em nosso meio. Isso se dará quando de fato nos permitirmos perceber a nós mesmos, perceber a nossa própria consciência: conforme afirma Caminha:

Não podemos perceber nenhuma coisa como existente se primeiro não nos experimentarmos nós mesmos como existindo no ato de perceber. Não há coisa percebida sem que a consciência perceptiva seja considerada em primeiro lugar como a condição de possibilidade de toda percepção. (CAMINHA, 2010, p. 85)

Um corpo que percebe várias sensações de acordo com o lugar, situação, objeto, material; com isso nos propicia condições de descrever os fenômenos, os eidos, as essências, ou a significação de todas estas realidades. Cada ser, cada pessoa possui experiências e percepções diferentes de acordo com suas recordações, vivências, sentimentos e desejos, trazendo a consciência, a intencionalidade, ou o ato de visar coisas dando significação a elas.

Assim, ao percebermos o corpo como um Ser, iremos entender que estamos em constante movimento, que não somos um objeto andante ou de observação e estudo, iremos além, pois possuímos uma consciência, estamos sempre pensando em algo, observando e

modificando valores, conceitos e ações. Temos a capacidade de analisar as causas e consequências dos atos e a percepção de si e do mundo.

Na obra de Maurice Merleau-Ponty “Fenomenologia da Percepção” está explicitada a noção Corpo Próprio, resultado do diálogo que o filósofo constrói com as ciências, em especial com a psicologia, e com a própria Filosofia. Merleau-Ponty diferencia a percepção entre o corpo e de um objeto, ele não está interessado na realidade corpórea em si, mas no corpo sendo sede do encontro sujeito-mundo. No desenvolvimento de suas reflexões, o filósofo destaca o dualismo entre a consciência e corpo, assim o corpo é o lugar onde os dois elementos opostos (sujeito e objeto) emergem, permitindo ao mesmo tempo a experiência do “eu” e “meu”, “eu corpo” e “meu corpo”.

Portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 269)

O Corpo Próprio é considerado o corpo que se dirige ao mundo e para o qual se revela como sujeito encarnado. Merleau-Ponty nos mostra que há muitas maneiras de ser corpo, assim como há muitas maneiras para a consciência ser consciência. Logo, entendemos que a sua dimensão situa-se em um sentido de totalidade, nosso corpo quando se movimenta interage com as coisas e com outros, seu sentido sempre será a existência. Diante disso, o Corpo Próprio do qual Merleau-Ponty fala, é o alicerce da existência, pois ele a acompanha em todos os seus passos, é ele que pulsa em todas as vivências do ser humano, fazendo a junção entre seu passado e seu futuro. É nele que se deposita a dimensão temporal, é onde o sujeito se constrói, constrói sua história e sua existência. Afirmamos ainda que ele não pode ser tratado sobre um enfoque físico ou uma coisa geométrica, como uma justaposição de partes, ele é o mediador ativo entre o sujeito e o mundo.

O corpo é sempre outra coisa que aquilo que ele é [...] enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado. Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.269,)

Logo, o meu corpo é meu ponto de vista sobre o mundo, o mediador entre a consciência e o mundo. Portanto, todo ato físico terá um sentido interior, nos diz Merleau-Ponty (2011, p.142), “Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar

interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles”. O nosso corpo não está no espaço: ele é o espaço, isso seria a síntese geral do Corpo Próprio, o que nos dá o mundo e uma significação para ele, significação que se constrói no campo da experiência. Baseados neste pensamento, devemos entender o docente como um sujeito construído historicamente e culturalmente e quando falamos do sujeito, este sujeito aparece articulado às diversas identidades, seja de gêneros, familiares, religiosas, raciais ou de classes, que são carregadas de contradições, cujas marcas aparecem nos relatos que as pessoas fazem de si. O conceito de Corpo Próprio nos esclarece muito bem este sentido, pois ele abrange os corpos simultaneamente como estruturas físicas e como estruturas experienciais vividas que se mostram efetivamente pelos sentidos, pela mão que toca ou pelo gesto que ganha sentido enquanto se realiza. São as experiências que surgem de um corpo e para o qual criam a consciência, pois ao pensarmos que o mundo está ali, o real deve ser descrito, nada, além disso. O homem está no mundo. E o mundo é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções como já foi dito anteriormente, a percepção é base, a fundação sobre a qual todos os atos se destacam.

Nosso Corpo Próprio, para nós, é a forma de nossa imersão no mundo, o modo fundamental de sermos e estarmos no mundo, de nos relacionarmos com ele e ele conosco. Meu corpo, portanto, é tátil e tocante; o mesmo ocorre com os demais sentidos, meu corpo é um ser visível, em meio a uma infinidade de outros seres visíveis, mas com essa peculiaridade: ele também é vidente. Vejo, mas também posso ser visto. Inclusive, sou visível para mim. Meu corpo é sonoro, mas também pode se fazer ouvir e pode ouvir-se quando emite sons. Ouço quando falo e ouço quem me fala. Sou sonoro para mim mesmo e para outros.

Para o sujeito vivo, o corpo próprio podia ser diferente de todos os objetos exteriores; para o pensamento não situado do psicológico, a experiência do sujeito vivo tornava-se por sua vez um objeto e, longe de reclamar uma nova definição do ser, ela se localizava no ser universal. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.139)

A noção Corpo Próprio na obra de Merleau-Ponty escapa a esse tratamento tão objetivista da ciência, desse olhar empirista, foge do mecanicismo da fisiologia e da afirmação do corpo como um fato psíquico em benefício de um corpo que é no tempo e no espaço, que está ligado a um mundo pela intencionalidade (como ele mostrou em seu estudo de caso com pacientes com patologias). Para Merleau-Ponty o corpo é movimento, é ser sexuado, ser desejante, ser afetivo, é ser transcende quando se expressa e fala, quando fala com o silêncio de seus movimentos e expressões. O ser docente pulsa vida e expressão. O autor nos mostra

que o corpo está no mundo como todos os objetos, mas possui uma extensão e capacidade reflexiva. Um objeto é visto de acordo com a face que se mostra, podendo ser observado de diversos ângulos, e nunca de todos ao mesmo. Um objeto “em si” seria uma síntese das suas visões possíveis, de todos os ângulos e em todos os momentos. Mas o corpo não pode ser observado como a um objeto, pois meu corpo existe comigo. O corpo é o sujeito da sensação, da percepção, do pensamento, do sentimento. O meu corpo é meu ponto de vista sobre o mundo, o mediador entre a consciência e o mundo. Portanto, todo ato físico terá um sentido interior. Merleau-Ponty nos faz refletir também sobre nossa posição no mundo.

Portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 269)

É assim que Merleau-Ponty parte dessa observação cartesiana do corpo humano nos moldes de uma máquina para desenvolver sua ideia de Corpo Próprio. Discordando portanto, do pensamento de Descartes, que considera que o corpo é sempre divisível, e o espírito indivisível, único e inteiro.

A união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência. Foi a existência que encontramos no corpo aproximando-nos dele por uma primeira via de acesso, a da fisiologia. É nos permitindo então cotejar e precisar este primeiro resultado interrogando agora a existência sobre ela mesma, quer dizer, dirigindo-nos à psicologia. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.131)

Esta vertente encara o corpo, se caracterizando por exercer uma função meramente instrumental em relação à alma, pois para Descartes, seus argumentos implicam no dualismo: a concepção do eu como algo inteiramente separado do mundo físico que observa algo puramente “interior”, um puro “sujeito”, para onde podemos nos retirar ao cortarmos todas as ligações com o mundo “exterior” ou material.” (MATTHEWS, 2010, p.62)

O corpo precisa ser desvelado, deixando de ser usado para ocultar as injustiças sociais. O corpo belo, modelo de um mundo naturalizado, necessita ser desconstruído desmistificado. O corpo é sempre um corpo situado, marcado socialmente por sua condição de classe, por sua existência única e diversa, porém social. O mundo é de sentido, e é o sentido que move a conduta. O discurso não só transmite como também produz sentidos. (SILVA, 2009, p.48)

Assim sendo, a questão crucial é a de que, na visão cartesiana, em ambos os casos, somos postos diante de uma construção meramente artificial acerca do fenômeno da corporeidade. Dado esse primeiro passo, abordamos a noção merleau-pontyana do fenômeno do corpo próprio. “O corpo”, dirá Merleau-Ponty, “é o veículo do ser no mundo”.

Merleau-Ponty nos revela que o corpo é uma dimensão do ser, e não mais um corpo máquina. Isso implica dizer que não tenho um corpo; mas sou um corpo. Merleau-Ponty, nos mostra que por trás de cada gesto, há uma intenção (há intencionalidade); e é ela que determina o movimento, tanto voluntário quanto involuntário. Ora, é o fenômeno da percepção que revela esse movimento intencional do corpo, e por ser um corpo, é que os objetos me são dados, uma vez que sou sensível a eles.

O princípio da intencionalidade é que a consciência é sempre “consciência de alguma coisa”, que ela só é consciência estando dirigida a um objeto (sentido de intencio). Por sua vez, o objeto só pode ser definido em relação com a consciência, ele é sempre objeto-para-um-sujeito. (DARTIGUES, 1992, p.18)

Para Merleau-Ponty o pensar não é uma atividade mental independente do corpo, o corpo é de grande relevância, mas não o corpo máquina que tem respostas pré-estabelecidas sem possibilidade de mudança (como considerado no empirismo), mas o corpo que vivência, o corpo que é ao mesmo tempo consciência, percepção, fala, motricidade, sexualidade, o corpo com o qual se confunde o modo de ser de nossa existência.

Avançando em seus estudos, Merleau-Ponty (2011) redescobre a unidade fundamental do mundo como mundo sensível, ele examina o comportamento como dimensão do Corpo Próprio, e nos mostra que ao entendermos que nosso corpo possui um grande poder de expressão, este transforma nossas intenções em atos afetivos, e é nesse momento, que nosso corpo deve ser entendido como um todo, no qual pensamento, palavra e movimento existem um para o outro. A experiência do ser no mundo, na visão de Merleau-Ponty, é reconhecida no corpo de forma sensível, por esse viés, a experiência do corpo traduz a dimensão ambígua própria da vida humana.

### 3.2- O SER DOCENTE EM SUAS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS

Ao refletirmos sobre a docência do ensino superior, significa também analisar um processo de representação do que constitui o ser professor. Cada um, individualmente constrói a sua história de vida com a história do grupo a que pertence, e esse processo de construção social não é solitário, faz-se em contextos diversos e em interações constantes. Pensamos que são nestes contextos que os docentes desenvolvam a sua ação e formação, transformando estas interações numa forma própria de ser e agir, com trocas, aprendizagens e relações diversas com os seus vários contextos de vida.

Sem dúvida a educação é um fato - porque se dá. Sem dúvida, é um processo, porque está sempre se fazendo. Envolve pessoas num contexto. Ela mesmo sendo contextualizada – onde e como se dá. É uma aproximação desse fato-processo que a pesquisa educacional tenta compreender. (GATTI, 2012, p.14)

Entendemos que os docentes não são meros espectadores imparciais frente à vida, à sala de aula, nos corredores da academia, enfim, no campus universitário, mas que participam da vida acadêmica ativamente, através de movimentos, gestos, pensamentos, sentimentos, sentidos, percebendo, sendo percebido e se auto percebendo, reconhecendo-se como ator e coautor de sua história, ao lado dos outros significativos com os quais convive em sociedade.

A relação entre o sujeito e o objeto se revela na relação corporal. A situação vivida pelo sujeito é, portanto, significativa para ele, além de ser também a “estrutura da significação” que organiza e dá sentido ao vivido, ao mesmo tempo em que se traduz, de modo dinâmico, no plano da conduta por uma atitude constituída de um complexo afetivo-motor que, na maioria das vezes, escapa à consciência clara. Depreendemos então, que a denominação “caráter” é o feixe de esquemas de comportamento muito fortemente pegado ao vivido corporal. (SANTOS, 2012, p. 129)

Então, se a situação vivida é a “estrutura da significação que organiza e dá sentido ao vivido”, como está sendo construída essa estrutura nos docentes diante das transformações ocorridas na organização do seu trabalho?

O trabalho docente possuiu papel importante na construção da identidade dos indivíduos. Este é consolidado através de suas relações diárias com o seus alunos, pares, funcionários, com a instituição à qual está vinculado, e todas as implicações políticas que envolvem esse ofício. Por sua vez, essas relações também implicam em seu projeto de vida, pois o próprio meio acadêmico repassa-lhe a responsabilidade da construção de sua carreira como requisito de empregabilidade, e a cobrança do outro passa a ser uma cobrança pessoal, criando tal expectativa de responsabilidade que transforma-se em uma verdadeira maratona para quantificação dos resultados de seu trabalho. Os docentes, como intelectuais, são o tempo todo cobrados pelo Ministério da Educação para sua atualização, qualificação e capacitação, mas isso acarreta de fato é a redução dos resultados qualitativos do seu trabalho, seja no ensino, na pesquisa ou na extensão. O que vemos são seres se transformando em máquinas, submetidos ao ranking nacional de produção de trabalhos científicos como artigos, publicações em periódicos qualificados pela CAPES.

Como já foi dito anteriormente, os desafios encontrados pelos professores no exercício da docência no ensino superior sem dúvida é um trabalho altamente estressante, regado de cobranças na obtenção de resultados e imposição de responsabilidades ao longo de

toda a sua carreira. Vimos que a instituição universitária para cumprir o seu papel na sociedade exige dos docentes as mais diferentes formas de atuação; seja na graduação ou na pós-graduação, estes docentes devem assumir progressivamente o papel de intelectuais, aptos e esclarecidos para intervirem na discussão pública dos assuntos da sua área e dos problemas da vida e do mundo.

Quando falamos do sujeito docente, este sujeito aparece articulado às diversas identidades, seja de gêneros, familiares, religiosas, raciais ou de classes, que são carregadas de contradições, cujas marcas aparecem nos relatos que as pessoas fazem de si. Assim sendo, há sempre que considerar que os docentes não podem ser vistos como possuidores de corpos objetos ou corpos máquinas, prontos para serem conectados e desligados a qualquer toque, não podem ser considerados somente uma cabeça pensante, sendo caracterizado apenas pelo seu intelecto, se distanciando de realidades vividas. Não, ao contrário, são sujeitos socioculturais, são pessoas vivas, reais e plurais, que têm projetos, desejos, expectativas, carências, dores e limitações. São suas experiências no e do mundo que os fazem ter os sentidos e significados das mais diversas formas, sob a influência de seus relacionamentos, e sobre todas as dimensões que constituem suas representações.

É nessa intersubjetividade que os sujeitos docentes desenvolvem a sua ação e formação, transformando estas interações numa forma própria de ser e agir, com trocas, aprendizagens e relações diversas com os seus vários contextos de vida. Sendo a intersubjetividade algo dinâmico, constante e que envolve posturas de si na relação com os grupos a que pertencemos e nas atividades que desenvolvemos.

Antônio Nóvoa (1995) adverte que se tem ignorado o desenvolvimento pessoal do sujeito docente, afirmando que não se compreende que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dimensões próprias da formação. Estes dois fatores inviabilizam que a formação tenha como eixo de referência o desenvolvimento profissional dos professores na dupla perspectiva do professor individual e do coletivo docente (NÓVOA, 1995, p.24).

Para Merleau-Ponty, a consciência não é um ente que observa e manipula o corpo, pois se assim o fosse o sujeito não controlaria distanciadamente o seu próprio corpo, mas se mobiliza, se expressa, vive por meio dele. Todo corpo tem sua bagagem de experiências, seus sentidos que no contato com o exterior constroem a percepção de si e do mundo, o pensamento e a linguagem. Entendemos que é por meio da linguagem que os diferentes sujeitos interagem socialmente, seja esta linguagem oral, escrita ou corporal, ela representa a forma, o nível e a densidade das ideias, e ainda na sua falta representa a sua fragilidade e ausência, e quando falamos em linguagem, estamos também falando de expressão de

pensamento. Docentes são profissionais da palavra, devem, pois, ser formadores do uso e do poder superior das palavras. A linguagem, seja oral, escrita ou corporal representa a forma, o nível e a densidade das ideias, e ainda na sua falta representa a sua fragilidade e ausência.

Só podem falar-nos uma linguagem que já compreendemos cada palavra de um texto difícil desperta em nós pensamentos que anteriormente nos pertenciam, mas por vezes essas significações se unem em um pensamento novo que as remaneja a todas, somos transportados para o centro do livro, encontramos sua fonte. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.243)

As palavras revelam o mental, a ideologia, o conteúdo, a ordem e o rendimento do pensamento que as anima. Na questão da linguagem também queremos salientar o fato de entendermos que o corpo fala de todas as formas, ou seja, a expressão do corpo envolve diferentes perspectivas e não apenas biológica, mas uma construção sociocultural, histórica, e como totalidade para além dos dualismos corpo/alma ou corpo/mente. Outro ponto importante é que tais abordagens possibilitam a discussão da intersubjetividade, pois sendo o corpo portador de temporalidades sua relação com o outro, a cada dia podem ser tornar instáveis.

Portanto, é importante perceber que o corpo segue passível de contínuas interferências do outro, e quando falamos das relações entre o eu, o outro e o mundo, o significado das coisas aparece, pois o mundo está sempre por se fazer, e é justamente na ligação do meu corpo com os fenômenos do mundo, construído através da experiência, que se proporciona a percepção real de todas as coisas. Tal percepção está baseada na vivência do sujeito no ou com o mundo.

Logo, nada mais do que natural, que ao percebermos tantos fenômenos ao redor desses docentes, conseguimos entender que essa sobrecarga acaba gerando resultados negativos em seu dia a dia, na sua produção, nas suas relações sociais e com sua saúde. O que vemos é o crescente número de docentes acometidos de diversas patologias, principalmente o estresse, por se sentirem presos e pressionados a terem que atender tantas expectativas e cobranças, afetando a eficácia do docente ao diminuir sua motivação, conduzindo o sujeito a uma situação de esgotamento, de frustração ou de extrema tensão.

Existe uma nítida despersonalização e ausência da realização pessoal, gerando um mal-estar que, quando atinge a exaustão emocional muitas vezes provoca a síndrome de Burnout como demonstram os estudos de Benevides-Pereira (2012), o que vem se tornando comum na sociedade contemporânea, dito como doença ocupacional de profissionais que lidam constantemente com o público, que é o caso dos docentes. Nóvoa (1997) também comenta este fato atribuindo esse mal-estar do professor ao que ele chama de “desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono, insatisfação profissional traduzida



numa atitude de desinvestimento e de indisposição constante (face ao Ministério, aos alunos, aos colegas, etc.),” (p.22). Assim, o trabalho passa a ter um caráter desumanizador, gerador de vulnerabilidade e angústia que aflige os docentes. Nos alerta Nobrega (2005) que o sujeito ao conseguir ter percepção de si mesmo como ser corporal, bem como com os outros e com o mundo, sua consciência perceptiva passa a atribuir significado às ações humanas.

Na perspectiva fenomenológica, a corporeidade é compreendida como a condição essencial do ser humano, sua presença corporal no mundo, um corpo vivo que cria linguagem e expressa-se pelo movimento, com diferentes sentidos e significados. Nesse sentido, consciência corporal é a percepção que o ser humano possui de sua realidade existencial como corpo em movimento, como corporeidade. (NÓBREGA, 2005, p.80)

Seguindo este pensamento, podemos afirmar que uma das maiores riquezas da humanidade consiste na capacidade de criar, compreender, atribuir significados, isso tudo é acrescido e desenvolvido nas relações intersubjetivas. Pode-se dizer, portanto que a intersubjetividade é uma condição da vida social que permite a partilha dos sentidos, experiências e conhecimentos entre sujeitos isso porque, é através dela e do seu papel mediador no círculo de perguntas e respostas que a comunicação é possível. Este conceito está diretamente ligado com a questão de saber como é que nós resolvemos as nossas diferenças, ultrapassamos os nossos pensamentos pessoais e partilhamos as nossas subjetividades com os outros. Assim, o corpo, em suas múltiplas formas de expressão, seja no cotidiano, no trabalho, nas artes, enfim, nas diversas práticas sociais ele não é uma capa exterior do ser, mas sua própria expressão. Muito se pode deduzir sobre o modo de ser de uma pessoa pela simples observação do modo como ela se coloca no mundo, como ela anda, gesticula, como se veste, se senta à mesa, como olha as pessoas, com que tom de voz ela fala, como age. Às vezes, as ações dizem mais sobre alguém do que suas próprias palavras.

#### 4- EM CAMPO: CONHECENDO OS DOCENTES DA UFS

O trabalho em campo iniciou-se com um Piloto de entrevistas em janeiro de 2015, onde foi realizado um detalhado planejamento a partir de ensinamentos vindos do referencial teórico. Este Piloto serviu para verificarmos como compreenderíamos todas as etapas das entrevistas e nos prepararmos para realizá-la com a menor margem de erro. Assim todas as etapas previstas foram efetuadas: elaboração do roteiro; apreciação de roteiro (pelo orientador); realização da entrevista; transcrição e elaboração de um sistema de categorias. Porém, com três entrevistas realizadas, foi possível afirmar que os dados coletados não correspondiam ao objetivo inicial, que era o de “descrever e analisar a percepção dos professores da UFS sobre a Docência no Ensino Superior”, sentimos a necessidade de modificar as perguntas e construir um questionário para que este coletasse os dados mais objetivos e facilitasse assim o trabalho de análise. Queremos dizer que as entrevistas Pilotos não foram transcritas pois a pasta em que estavam no computador, infelizmente foi corrompida, perdemos todas as gravações, não podendo acrescentá-las à pesquisa; mas, de qualquer forma nos foram úteis para a mudança das perguntas.

Esclarecemos ainda que nossa preferência pela entrevista é justificável pela consistência normativa dos procedimentos propostos, ou seja, temos como recurso tecnológico e prova empírica a utilização da gravação das demais entrevistas. Esse recurso é muito importante para verificar a autenticidade das falas do entrevistado e credibilidade científica para o processo de análise dos dados.

Günther (2003), nos esclarece que existem três caminhos a serem seguidos quando queremos investigar as pessoas, e que cada um apresenta suas vantagens e desvantagens a depender do que quer se investigar. O primeiro deles é observar (observação); o segundo é criar situações e observar o comportamento diante da situação criada (experimento); e o terceiro é perguntar objetivamente o que se quer saber (levantamento de dados ou survey<sup>10</sup>).

No nosso caso, optamos pelo levantamento de dados, pela razão que ele assegura uma maior representatividade e permite a generalização de uma população, é aplicado nas mais diversas áreas das ciências sociais. A formulação do questionário parte da seguinte reflexão: qual o objetivo e objeto de estudo da pesquisa (conceitos que estou tratando) e sua população alvo? A partir destas reflexões construímos as questões direcionadas para quem

---

<sup>10</sup> Survey: Termo inglês geralmente traduzido como levantamento de dados, como “método para coletar informação de pessoas acerca de suas ideias, sentimentos, planos, crenças, bem como origem social, educacional e financeira”. (Günther, 2003, p.1)

queremos abordar, observando o grau de intelectualidade para compreensão das perguntas, os conceitos trabalhados e as categorias para a análise. A composição do roteiro por meio de perguntas é importante por vários motivos. Primeiro porque é possível preparar a configuração das perguntas e adequá-las para o nível de linguagem dos participantes. Além disso, é importante que todas as perguntas se relacionem aos itens e aos conceitos a serem pesquisados uma vez que a comparação de respostas na entrevista semiestruturada é requerida na análise.

Neste trabalho utilizamos o questionário para coletar dados mais objetivos, ou seja, para uma análise de gênero, idade e cursos (verificar anexo 3); o também como roteiro da entrevista individual semiestruturada (verificar anexo 2). Bem como seguimos as normas éticas, pedindo para os entrevistados assinar o TCLE, e mantivemos em sigilo a identidade dos participantes para preservar sua história, dando liberdade para exporem sem receio de qualquer natureza seus pensamentos e sentimentos. Para isso utilizamos letras para a identificação de cada um deles.

Separamos os docentes por áreas de conhecimento, a ideia inicial seria que em cada grupo fossem selecionados cinco docentes, perfazendo um total de 25 (vinte e cinco) professores. Porém diante da dificuldade de conseguir agendar hora com os professores, fosse pela justificativa da falta de tempo por dar aula, orientar, escrever, ou qualquer outra razão, ou por depois não encontrá-los no *campus* por causa da greve que permaneceu por 138 (cento e trinta e oito dias), iniciada em 16/06/2015 e com fim em 19/10/2015; por estas razões foi necessário reduzir o número de entrevistas pois não havia professores para serem entrevistados, caindo então para o número de 20 (vinte). Onde avaliamos ser um número suficiente, principalmente para que a coleta e estudo dos dados tivessem tempo hábil para um melhor critério de análise e composição dos resultados.

Foram elaborados e abordados questionamentos sobre a percepção dos professores da UFS, tendo como guia os seguintes eixos temáticos:

- 1- a percepção de si e sobre a docência
- 2- sua relação com seus pares e com a instituição

E optamos por 3 (três) categorias como de base para as análises:

- 1- Percepção
- 2- Intersubjetividade
- 3- Corpo Próprio

Concordando com o pensamento de Lüdke e André (2013, p.1-2), onde as autoras indicam que: “para realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele”. Seguimos, portanto, com os procedimentos da coleta dos dados da seguinte forma: iniciamos as entrevistas explicando a respeito da importância da participação dos entrevistados como contribuinte fundamental para a realização da pesquisa.

Os questionários foram respondidos, os TCLEs foram devidamente assinados, as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. Os docentes que quiseram participar foram entrevistados individualmente, expondo suas histórias, suas condições de trabalho, seus relacionamentos em seu cotidiano, as suas ansiedades, bem como seu descontentamento, sua insatisfação, sua competência em enfrentar e responder a situações adversas, de se expor, da percepção de si, do outro e do mundo acadêmico, despir-se para então perceber-se. Como procedimentos éticos, encaminhamos o trabalho para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo fato do mesmo ser realizado com seres humanos.

Após alguns meses de mais estudos e ajustes, recomeçamos com a coleta dos dados através das entrevistas. A escolha dos participantes foi aleatória, ou seja, não escolhemos esse ou aquele docente por um critério definido, mas sim pela disponibilidade e interesse em participar da pesquisa. Inicialmente a pesquisadora dirigiu-se aos departamentos explicando o objetivo do trabalho e solicitando os e-mails dos docentes (todos os departamentos prontamente colaboraram). Com e-mail em mãos, foi enviado um pequeno texto convidando para a entrevista, explicando a pesquisa e a importância da participação. O e-mail não foi enviado para todos os docentes, apenas cinco de cada departamento, pois não queríamos e não podíamos correr o risco se todos quisessem participar, pois não haveria tempo hábil para toda coleta e análise. Porém, ledo engano nosso em achar que teríamos muitos docentes querendo participar da pesquisa, a grande maioria dos docentes sequer deram retorno ao e-mail. Alguns poucos, poucos mesmo, responderam, se mostrando receptivos e colocando telefone para contato para agendamento de data e local. No entanto, o número de docentes era ainda insuficiente para contemplar a pesquisa, sendo necessário ser mais direta na abordagem com os docentes, ou seja, ir direto à eles. Foi quando a pesquisadora solicitou ajuda de uma funcionária da UFS que é colega do mestrado. Ela prontamente entrou em contato com os docentes em suas salas, ligando para os professores e agendando pessoalmente a data e horário para que a pesquisadora fosse realizar a entrevista. Foi necessário pedir essa ajuda, pois a universidade estava em greve e quase não havia docentes na UFS. Ainda assim, não conseguimos o número ideal para dar seguimento à pesquisa. Foi quando a pesquisadora teve

que ser mais incisiva ainda na abordagem com os docentes e literalmente bater de porta em porta nos departamentos até conseguir chegar ao número de 20 entrevistas. Esse número foi definido em uma decisão conjunta com o orientador. Avaliamos que seria um número suficiente para atender o que buscávamos, até para poder dar tempo de fazer as transcrições (que levaram muitos dias) e realizar a análise das mesmas.

Outro detalhe que também ocorreu foi que, aqueles poucos docentes que responderam o e-mail inicial, se prontificando em participar da entrevista, deixando data agendada e local marcados para a entrevista, alguns não compareceram, uns por esquecimento, outros porque marcaram outro compromisso “mais importante” e teve aqueles que nem se quer justificaram sua ausência. Ao contrário do que imaginávamos, agendar as entrevistas foi um dos momentos mais difíceis desta pesquisa. Pensávamos que os docentes, conhecedores da importância da participação, esclarecidos sobre que sem coletar dados não existe pesquisa, fossem mais atenciosos e participativos. Mas não foram. Embora sejam sabedores da teoria, quando foi para eles colocarem em prática tais teorias, demonstraram total desinteresse, ignorando por completo o que eles mesmos cobram de seus alunos.

Entendemos que o fator tempo disponível foi uma outra coisa que atrapalhou no agendamento, e que para os professores participarem das entrevistas era necessário haver uma lacuna, um vaga em suas agendas, o que era muito difícil, pois seu tempo de fato é corrido. Quando a universidade ainda estava sem entrar em greve, não tinham tempo pois as obrigações com orientação, artigos e aulas não permitiam eles pararem para responderem as entrevistas. Depois veio a greve, onde não se encontravam mais docentes na UFS, a não ser aqueles que assumiam algum cargo de chefia. Foi um período bem difícil para se coletar os dados, justificamos mais uma vez a razão por termos reduzido o número de docentes de 25 para 20, pois não havia mais tempo para poder fazer as transcrições e análises.

Para aqueles que gentil e conscientemente participaram das entrevistas, a pesquisadora foi clara ao apresentar o objetivo da pesquisa, prestando informações quando solicitada e esclarecendo sobre dúvidas quanto ao tema. Alguns professores se apresentaram bem à vontade para responder os questionamentos, demonstrando bastante interesse ao tema. Outros se preocuparam bastante com o sigilo, perguntado sobre a não identificação, pois queriam ter a certeza que poderiam falar sem ter que se preocupar com qualquer tipo de problema futuro. Outros ainda, não tiveram a menor preocupação em se identificar, não se omitiram em nenhum momento, dizendo inclusive nomes, datas e cursos. Porém, não identificamos nenhum participante. Seus nomes foram substituídos por letras e colocamos a letra (XXX) quando em suas falas apareceram algum tipo de identificação.

Perceber a postura de cada um, sentir sua fala algumas vezes firme, outras bem acanhada. Ver em sua fisionomia o espanto para certas perguntas, o desconforto para responderem outras, foi muito interessante e enriquecedor. Ali estava um ser, um ser humano se despidendo de qualquer título, regado de emoções, de sentimentos, de sentidos, foi um contato único e engrandecedor. Também foi de fácil percepção notar que em alguns docentes havia um certo contentamento em poder falar sobre tal assunto, como se fosse um alívio, uma retirada de um peso em poder colocar seus pensamentos e serem de fato ouvidos. Embora as reações tenham sido únicas, o mais interessante foi notar que em comum, todos, inicialmente estavam um pouco distantes, depois, aos poucos, iam se soltando, adquirindo confiança e ao final, sem exceção, todos estavam bem à vontade e confiantes na pesquisadora e interessados em saber o resultado da pesquisa. Alguns docentes responderam com absoluta objetividade as questões propostas, limitando-se apenas em responder tais perguntas, outros já foram além disso, descrevendo suas experiências de vida, colocando fatos pessoais, exteriorizando sentimentos reprimidos, de mágoa, revoltas e insatisfações. Um outro detalhe marcante foi que, mesmo ao encerrar a entrevista, depois da pesquisadora agradecer a participação, desligar o gravador, muitos continuavam a falar, a comentar com entusiasmo muitas outras coisas, firmando um vínculo maior de confiança e até de esperança por “dias melhores dentro da UFS”. Embora a pesquisadora tenha explicado que o caráter da pesquisa não era o de levantar problemas, nem tão pouco buscar soluções para estes, mas sim de captar suas experiências vividas, de captar o seu olhar, o seu sentir sobre si, sobre seus pares e sobre a UFS, muitos ainda assim, continuavam a falar de seus problemas, de suas angústias, de uma esperança, mesmo que inexistente por parte da pesquisa em trazer alguma solução. Em suas falas eles declaradamente mostraram que estão cansados de ser ignorados, estão desestimulados por lutar por uma causa que não deveria ser isolada, mas coletiva, como disseram: “estamos na universidade, isso aqui deveria ter uma visão universal”. Querem ser vistos, escutados, percebidos sim, mas não em momentos em que se unem para discutir uma greve, ou em uma reunião conturbada dentro do departamento. Querem mais que isso, querem ser tratados com respeito e dignidade, seja pela reitoria, administração, gestores, corpo técnico, seus pares e alunos. Desejam ter seu real valor reconhecido, cobiçam tempo para viver com mais saúde e lazer junto com seus familiares e amigos. Moreira aponta sobre isso:

Na verdade o método fenomenológico enfoca fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. É importante a experiência tal como se apresenta, e não o que possamos pensar, ler ou dizer acerca dela. O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa. (MOREIRA, p.108, 2002)

Bom, como já foi mencionado, a coleta dos dados foi uma etapa bastante trabalhosa, difícil em conseguir o contato e agendar as entrevistas com os docentes, foi um processo bem cansativo que demandou tempo, paciência, perseverança e determinação. Porém, foi uma das etapas mais gratificantes e a que mais acrescentou dando vida à pesquisa e à pesquisadora. Ouvir tantos depoimentos, ouvir tantas histórias vivas, sentimentos, desejos, dores, satisfações, sonhos, revoltas e decepções. Foram momentos de pura construção, de conhecimento e ali, a pesquisadora pode colocar a fenomenologia em prática através dos conceitos de percepção, intersubjetividade e do corpo próprio. Vivenciar isso consciente foi uma experiência maravilhosa, entender a dimensão da grandiosidade do ser, de se sentir parte do todo, de fato é uma sensação muito boa. Durante esse processo a pesquisadora chegou com uma intenção clara e consciente, pode perceber a fala, o sentar, o olhar, o calar. O seu corpo próprio, ou seja, o seu ser, estava engajado, diretamente ligado ao outro ser, conectado, interessado, se inter-relacionando da forma mais consciente possível. A corporeidade fluía.

Chegou então o momento da análise dos dados, uma outra etapa bastante difícil. Agora é a hora de juntar o todo coletado com o tudo subjetivo. Mais uma vez ressaltamos que não investigamos coisas, um objeto fixo e mensurável, não investigamos um número de fácil contagem ou algo que possa ser totalmente objetivo. Ao contrário, nosso objeto de estudo foram seres, pessoas cheias de sentimentos, histórias regadas de subjetividades. Como levar estes fatos para uma análise? Todo cuidado é pouco, todo estudo nos parece ser insuficiente. Embora essa pesquisa seja descritiva, não cabe somente descrever isso ou aquilo vivido, mas dar a fundamentação para cada conceito sobre a experiência vivida dos docentes. É necessário fundamentar esse processo vivido e associá-lo aos dados dentro do pensamento fenomenológico, seguindo as normas técnicas da pesquisa qualitativa. Um pouco trabalhoso, mas seguimos da seguinte forma: as entrevistas depois de gravadas, foram transcritas e estudadas através de três passos reflexivos: da descrição fenomenológica, da redução fenomenológica e da interpretação fenomenológica no sentido de buscar a experiência do vivido em sua associação com os conceitos de: Intencionalidade (a intenção consciente do ato), Percepção (o sentido dado), Intersubjetividade (a existência com o outro). Havendo ainda a compreensão do Corpo Próprio, do ser engajado ao mundo em conjunção com seu aparato cognitivo<sup>11</sup> e afetivo. Dessa forma, seguimos os seguintes passos:

---

<sup>11</sup> Cognição: É o conjunto dos processos mentais usados no pensamento na classificação, reconhecimento e compreensão para o julgamento através do raciocínio para o aprendizado de determinados sistemas e soluções de problemas. Mas a cognição é mais do que simplesmente a aquisição de conhecimento e consequentemente, a

O primeiro passo foi a Descrição Fenomenológica, ela é fundamental, pois o que habitualmente olhamos não nos permite evidenciar o fenômeno em si mesmo. Através da descrição foi possível apreciar uma situação vivida no cotidiano, através das entrevistas obtivemos os pensamentos dos docentes sobre diversos assuntos. O docente descreveu o mundo como vivido através da sua intencionalidade. Este mundo vivido preexiste a qualquer análise que se possa fazer dele, ele está aí sem a necessidade de maiores explicações ou justificativas, ele se apresenta para ser conhecido como é. A descrição concentra-se portanto, numa determinada realidade vivida por alguém, a tarefa de descrever desvenda progressivamente a postura de um sujeito em relação ao mundo em que vive, revelando um modo de existir, sem julgamentos, sem análises, apenas mostrando que o resultado disso é a definição de um sentido, de uma perspectiva, enfim, de uma intencionalidade. Pode-se dizer que os depoimentos descrevem “a presença do dado”, não a sua existência. Neste momento, é importante a atitude fenomenológica adotada pela pesquisadora, que lhe permite abertura para viver a experiência de uma forma ampla, ou seja, na sua totalidade tentando isolar todo e qualquer julgamento que interfira na sua abertura para a descrição.

Assim, a meta é trabalhar com a descrição do fenômeno, buscar a sua essência, a parte mais constante da experiência, aquela que se situa num contexto; a essência daquilo que se interroga.

O segundo passo foi a Redução Fenomenológica, ela é a responsável por revelar a subjetividade da situação, é nela que iremos perceber a manifestação do elo existe entre sujeito e mundo, entre eu e outro, olhar o que ficou entre parênteses. Ela nos garante também a descrição fiel do fenômeno colocando em evidência a intencionalidade da consciência voltada para o mundo, e ao colocar entre parênteses essa realidade, percebemos como se concebe o senso comum, e retiramos aquilo que não é necessário, purificamos o fenômeno para fazer aparecer o que é essencial. O corpo próprio passa então a ter o sentido da estrutura que os conecta, o sentido não é de isolar nem a coisa e nem a ideia; nem o objetivo e nem o subjetivo, trata-se de mostrar a ambiguidade que constrói todo saber, tal ambiguidade seria a principal característica desta relação. E, quando falamos em ambiguidade, falamos também

---

nossa melhor adaptação ao meio - é também um mecanismo de conversão do que é captado para o nosso modo de ser interno. Ela é um processo pelo qual o ser humano interage com os seus semelhantes e com o meio em que vive, sem perder a sua identidade existencial. Ela começa com a captação dos sentidos e logo em seguida ocorre a percepção. “Cognição refere-se a um conjunto de *habilidades cerebrais/mentais* necessárias para a obtenção de *conhecimento* sobre o mundo. Tais habilidades envolvem pensamento, raciocínio, abstração, linguagem, memória, atenção, criatividade, capacidade de resolução de problemas, entre outras funções.” Fonte: <https://cienciadocerebro.wordpress.com>



em contradição, uma vez que é impossível colocara ambiguidade a favor de apenas um ser determinado. Novamente, todo o cuidado volta-se para afastar as interferências dos afetos, conações e cognições. Nessa etapa define-se as partes desta experiência e distingue-se o essencial do não-essencial, o que Husserl chamou de variação eidética. Capalbo comenta:

Husserl chama de “redução” a uma série de procedimentos visando chegar, através da experiência vivida, ao núcleo especial ou invariante presente nesta experiência. Ele chama de “redução eidética” a aplicação metodológica da descrição dos fenômenos, visando deixar aparecer ou desvelar-se do accidental aquilo que é essencial. O que interessa na descrição não são os fatos ou as suas “causas”, pois estes interessam à ciência empírica. O que interessa na descrição são os fenômenos que se manifestam em si mesmos, tais como são para a consciência. (CAPALBO, p. 131, 2008)

Dessa forma, a pesquisadora ao investigar um fenômeno, parte das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa, obtém as descrições dos docentes em relação a estas experiências e de seus discursos significativos e passíveis de serem compreendidos e revelados na sua essência. Portanto, distinguir a essência do fenômeno apresentado torna-se possível pelo princípio da intencionalidade, ou seja, a consciência compreendida como consciência de alguma coisa.

O terceiro passo foi a Interpretação Fenomenológica, quando falamos de interpretação na fenomenologia, não estamos nos referindo ao termo interpretação no seu sentido explicativo. Trata-se de ressaltar o sentido fenomenológico existencial, ou seja, a interpretação é vista como o desdobramento das possibilidades da compreensão, ou como a própria constituição do vivido do ser no mundo, do fenômeno vivido. Caracteriza-se especificamente como a apreensão daquilo que foi pré-concebido, daquilo que nos é dado pela intuição imediata e vivencial. Nos permite desse modo valorizar a perspectiva do vivido, priorizando sua compreensão, percebendo a singularidade do sujeito em sua subjetividade, e no campo das relações entre ele e o mundo. Dando sentido aos mecanismos que permite a potencialização das tensões, dores e delícias de sua atualidade existencial.

Não se trata de uma interpretação passiva das situações vividas, mas de uma interpretação para entender melhor determinadas situações, algumas vezes críticas. O objetivo é mostrar a realidade de um mundo que se apresenta num contexto de uma experiência vivida e de que a intencionalidade é um ato comunicativo de um corpo situado em um determinado ambiente. Reafirmamos que a nossa pesquisa buscou captar este mundo vivido, nosso interesse não se restringiu unicamente à vivência particular de um determinado docente, ou de uma determinada história, ou a um certo ambiente, nosso interesse foi saber como diferentes pessoas experienciam uma certa condição que é comum a elas.

Merleau-Ponty (2011), em “Fenomenologia da Percepção” procurou levar em consideração fenômenos diversos, tais como a percepção do corpo próprio, do mundo e tratar de descrevê-la ao invés de explicá-la. Seguindo este pensamento procuramos captar nas falas dos docentes o seu mundo vivido através de um vínculo intencional, o autor descreve esse vínculo como sendo algo que existe entre corpos distintos que ocorre a partir do limite da experiência de sua consciência, portanto, da percepção concebida pelos docentes.

Nas questões abaixo buscamos levantar os dados que ajudassem a compor o perfil do docente como: idade, tempo de ensino superior, tempo de UFS, e sua carga de obrigações; seja no seu lado pessoal ou profissional. Nossa intenção foi levantar esses dados e descrever o ser que atua no mundo. Queremos verificar como essas ações podem interferir diretamente em suas relações e no seu viver, e a prova disso foi ver a reação de alguns docentes que, quando percebiam a quantidade de orientações que davam, mais as aulas e cargos administrativos que acumulavam, se espantavam, dizendo que não tinham “dado conta que trabalhavam tanto”.

Abaixo apresentamos os dados do questionário inicial, onde buscamos saber um pouco dos docentes conhecendo um pouco do seu perfil, deixamos claro que nosso objetivo aqui não é traçar dados quantitativos, é apenas apresentá-los dentro de uma pequena amostragem, para podermos descrevê-lo melhor.

Quadro 1: Dados Pessoais

PROFESSOR	NÚCLEO	IDADE	SEXO	NATURALIDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS
T	CECH	52 ANOS	M	NÃO INFORMOU	SEPARADO	02
C	CECH	47 ANOS	F	ARACAJU/SE	DIVORCIADA	00
B	CECH	36 ANOS	M	ARACAJU/SE	SOLTEIRO	00
A	CECH	50 ANOS	F	TAMBAÚ/SP	CASADA	01
S	CECH	50 ANOS	F	ITABAIANA/SE	CASADA	00
I	CCBS	58 ANOS	M	CARDOSO/SP	CASADO	02
L	CCBS	56 ANOS	M	GRÃ-BRETANHA	CASADO	01
G	CCBS	47 ANOS	F	OSASCO/SP	CASADA	01
H	CCBS	29 ANOS	M	ARACAJU/SE	SOLTEIRO	00
K	CCET	54 ANOS	F	JAGUARIBE/CE	CASADA	02
M	CCET	39 ANOS	F	GUAÍRA/SP	SOLTEIRA	01
J	CCET	52 ANOS	M	SÉRVIA	SEPARADO	01
D	CCET	41 ANOS	M	ARACAJU/SE	CASADO	01
E	CCSA	59 ANOS	F	BAHIA	DIVORCIADA	02
Q	CCSA	34 ANOS	F	NÃO INFORMOU	CASADA	00
N	CCSA	50 ANOS	M	SANTOS/SP	DIVORCIADO	01
F	CCAA	41 ANOS	M	MORTUGABA/BA	CASADO	02

P	CCAA	42 ANOS	M	OLIVEIRA/MG	CASADO	02
R	CCAA	34 ANOS	M	NÃO INFORMOU	CASADO	01
O	CCAA	42 ANOS	M	NÃO INFORMOU	CASADO	02

Esses dados foram solicitados para que pudéssemos saber quem são os docentes que trabalham na UFS, de onde vem, sua idade, um pouco do seu perfil pessoal. Isso para que olhássemos para eles com a percepção do todo, conhecendo um pouco mais este ser. Os dados acima nos revela que a média de idade dos docentes é de 43 anos, pela amostragem, podemos dizer que a UFS possui um grupo jovem de docentes, prevalece o sexo masculino, a maioria são de outros estados, grande parte são casados e possuem em média um filho.

Quadro 2: Formação acadêmica

PROFESSOR	NÚCLEO	GRADUAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
T	CECH	UFRJ	MINHO/PORTUGAL	MINHO/PORTUGAL
C	CECH	UFS	UNICAMP	USP
B	CECH	UFS	PUC/SP	UFS
A	CECH	UNESP/ARARAQUARA	UNICAMP	UNICAMP
S	CECH	UFPB	UFPB	UNIVERSITE DE PROVENCE
I	CCBS	UNESP	INPA	CENA/OSP
L	CCBS	DURHAM	LONDON	LONDON
G	CCBS	USP	USP	USP
H	CCBS	UFS	UFS	UFLA
K	CCET	UFC	UFC	UNICAMP
M	CCET	USP/RIBEIRÃO	USP/RIBEIRÃO	USP/RIBEIRÃO
J	CCET	UNIVERSIDADE DE BELGRADO	UNIVERSIDADE DE BELGRADO	UNIVERSIDADE DE BELGRADO
D	CCET	UNIT	UNICAMP	UNICAMP
E	CCSA	UFS	UNIMEP/PIRACICABA	UNIMEP/PIRACICABA
Q	CCSA	UFPB	UFPB	UFPB
N	CCSA	MACKENZIE	UFPR	UFPR
F	CCAA	UFV	UFV	UFV
P	CCAA	UFLA	UNICAMP	UNICAMP
R	CCAA	UNICAMP	UNICAMP	UNICAMP
O	CCAA	UFSM	ESALQ/USP	UFV

Neste quadro buscamos saber a sua formação acadêmica, onde se formaram, onde fizeram sua pós graduação. Este perfil foi selecionado para que entendêssemos se a cultura da região de onde o docente vem, interfere de alguma forma em seus atos ou em suas relações. Observamos também que quase a totalidade dos entrevistados fizeram sua graduação e a pós graduação em universidades públicas e que a grande maioria cursou em outros estados a sua pós graduação, e outros até fora do país. Estes dados nos mostraram a experiência do vivido, posteriormente vamos traçar essas informações com suas falas e perceber se de fato isso tem importância nas relações.

Quadro 3: Experiência Acadêmica

PROFESSOR	NÚCLEO	LECIONOU EM EDUCAÇÃO BÁSICA	TEMPO DE ENSINO SUPERIOR	TEMPO DE UFS	PROFESSOR DE PÓS GRADUAÇÃO
T	CECH	NÃO	23 ANOS	23 ANOS	SIM
C	CECH	SIM	22 ANOS	22 ANOS	NÃO
B	CECH	NÃO	9 ANOS	9 ANOS	NÃO
A	CECH	SIM	20 ANOS	10 ANOS	SIM
S	CECH	NÃO	23 ANOS	21 ANOS	NÃO
I	CCBS	SIM	25 ANOS	20 ANOS	SIM
L	CCBS	SIM	19 ANOS	10 ANOS	SIM
G	CCBS	SIM	9 ANOS	9 ANOS	SIM
H	CCBS	NÃO	1 ANO E 3 MESES	10 MESES	NÃO
K	CCET	NÃO	25 ANOS	19 ANOS	SIM
M	CCET	SIM	9 ANOS	9 ANOS	SIM
J	CCET	NÃO	12 ANOS	12 ANOS	SIM
D	CCET	SIM	11 ANOS	10 ANOS	SIM
E	CCSA	NÃO	22 ANOS	22 ANOS	SIM
Q	CCSA	NÃO	4 ANOS	3 ANOS	NÃO
N	CCSA	Não informou	11 ANOS	5 ANOS	NÃO
F	CCAA	SIM	8 ANOS	6 ANOS	NÃO
P	CCAA	NÃO	10 ANOS	6 ANOS E MEIO	NÃO
R	CCAA	NÃO	2 ANOS	2 ANOS	NÃO
O	CCAA	NÃO	6 ANOS	6 ANOS	SIM

As perguntas foram direcionadas para sabermos se os docentes já possuíam algum tipo de experiência em sala de aula. Um pouco mais da metade dos docentes deram aula na educação básica, porém a outra metade sinalizaram que nunca tiveram nenhuma experiência em sala de aula

antes de fazerem o mestrado ou doutorado. Em suas falas, aqueles que não tiveram tal contato com a docência antes, relataram que acreditavam que na graduação iriam aprender a ser professor, ou seja, seria ensinado como dar uma aula. O que frustrou bastante ao saberem que a pós graduação não lhes preparou para serem professores, mas sim pesquisadores. Outro dado revelado foi que o tempo de serviço na docência do ensino superior, corresponde quase que para todos os docentes, o mesmo tempo de atuação na UFS, praticamente todos fizeram carreira dentro da UFS. O número de professores que dão aula na pós graduação é menor que na graduação, mas esse dado não pode ser considerado relevante pois alguns cursos não possuem ainda a pós graduação.

Quadro 4: Carga de Trabalho

PROFESSOR	NÚCLEO	CARGO ADMINISTRATIVO	PESQUISAS EM ANDAMENTO	ORIENTANDOS NA GRADUAÇÃO	ORIENTANDOS NA PÓS GRADUAÇÃO
T	CECH	SIM	0	0	4
C	CECH	NÃO	0	0	0
B	CECH	SIM	5	4	1
A	CECH	NÃO	Não informou	2	1
S	CECH	SIM	0	16	0
I	CCBS	SIM	4	1	7
L	CCBS	SIM	5	4	12
G	CCBS	NÃO	8	6	1
H	CCBS	NÃO	3	3	0
K	CCET	SIM	6	3	3
M	CCET	NÃO	10	10	3
J	CCET	NÃO	1	1	4
D	CCET	SIM	2	1	0
E	CCSA	SIM	1	13	2
Q	CCSA	SIM	Não informou	Não informou	Não informou
N	CCSA	SIM	Não informou	2	Não informou
F	CCAA	SIM	12	7	0
P	CCAA	NÃO	2	3	0
R	CCAA	NÃO	3	2	0
O	CCAA	SIM	5	3	2

Essas perguntas visaram obter uma ideia de qual é a carga de trabalho que os docentes assumem. Muitos ao responderem a estas perguntas, se espantaram ao ver no papel o número de pesquisa e orientação que estão desenvolvendo, não percebiam o tamanho da carga de trabalho que

assumiam, apenas o fazem sem notarem a responsabilidade abraçada por eles. A maioria dos entrevistados possuem algum cargo administrativo, porém mais uma vez lembramos que não podemos considerar esse item, pois na época das entrevistas a universidade encontrava-se em greve, e somente alguns poucos professores foram encontrados, e os que estavam lá, era por assumirem justamente alguma atividade administrativa ou de gestão. No entanto, ficou evidenciado o acúmulo de atividades que a maioria desenvolve, vimos professores desenvolvendo até 12 pesquisas de uma só vez, e outros professores orientando 16 alunos. A média de pesquisa ficou de 3,4 por docente e orientação ficou em 6,36 alunos por professor. Dado importante para uma reflexão.

Quadro 5: Perfil na Saúde

PROFESSOR	NÚCLEO	AFASTAMENTO POR MOTIVO DE DOENÇA	DIFICULDADES PARA DORMIR	PRÁTICA ALGUMA ATIVIDADE FÍSICA	POSSUI ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE
T	CECH	NÃO	NÃO	SIM	SIM
C	CECH	SIM	NÃO	SIM	SIM
B	CECH	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
A	CECH	NÃO	Não informou	Não informou	Não informou
S	CECH	SIM	SIM	SIM	NÃO
I	CCBS	NÃO	Não informou	Não informou	Não informou
L	CCBS	SIM	Não informou	Não informou	Não informou
G	CCBS	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
H	CCBS	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
K	CCET	NÃO	Não informou	Não informou	Não informou
M	CCET	NÃO	Não informou	Não informou	Não informou
J	CCET	NÃO	Não informou	Não informou	Não informou
D	CCET	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
E	CCSA	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
Q	CCSA	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
N	CCSA	SIM	NÃO	SIM	NÃO
F	CCAA	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
P	CCAA	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
R	CCAA	NÃO	SIM	NÃO	SIM
O	CCAA	NÃO	NÃO	SIM	NÃO

Os questionamentos feitos foram direcionados para que no momento da análise, pudéssemos verificar a concepção de corpo próprio. Como se relacionam com seu corpo, se sua saúde interfere na sua ação docente, se buscam seu bem estar. A pesquisa nos revelou também que embora a maioria possuiu uma saúde boa, sem problemas para dormir e praticam alguma atividade

física, ainda assim, existem professores que sofrem de algum tipo de desconforto ou doenças. Iremos detalhar melhor estas questões a seguir.

#### 4.1 - ENTREVISTAS E DESCRIÇÃO DAS NARRATIVAS

Aqui registrou-se o sentir dos docentes, eles apresentaram suas percepções sobre suas experiências vividas, que por certo foram carregadas de significados, expuseram suas emoções, suas raízes, suas histórias, descontentamentos e perspectivas, exibiram a percepção sobre si, sobre seus pares e sobre a UFS e expuseram seu olhar sobre as exigências do ensino universitário. As entrevistas foram mais reveladoras do que imaginávamos, falas de relevância ímpar onde mostrou-se o ser humano, um ser em constante construção de si, se revendo, se remodelando, amadurecendo a cada etapa, vibrando nas vitórias e levantando-se nas quedas. Nesta pesquisa vimos o humano que busca a ética, os valores, que desmistifica o imaginário da Docência no Ensino Superior sendo permeada de *glamour*, como se fossem seres intocáveis e máquinas perfeitas. Não, ao contrário, aqui eles mostraram o quanto humano são, descreveram suas fragilidades, vaidades, desejos, enfim, vivências regadas dos mais distintos olhares e sentimentos.

Procuramos captar e descrever a essência dessas falas com toda fidelidade, porém foi necessário reduzir ao máximo as transcrições, pois foram 8:49` horas de gravações, totalizando 141 páginas transcritas. No entanto, com tantas informações, em algumas entrevistas não conseguimos reduzir tanto, pois não poderíamos perder olhares tão significativos, anulando assim a experiência vivida e a percepção sobre tais fatos. Esclarecemos ao leitor que quando aparecer (XXX) nas transcrições, é porque estamos preservando a identidade do docente que se revelaria de alguma forma se mantivéssemos a fala em sua forma original, e que quando aparecer [...], é porque corresponde à cortes feitos em suas falas, onde mantivemos somente a essência, a ideia principal.

Buscando então superar os preceitos da objetividade como único caminho de conhecimento sobre o mundo e as pessoas, trouxemos a experiência da percepção para assumir frente a essa pesquisa. O processo de procura para respostas aos objetivos propostos, nos permitiram dialogar com um referencial teórico que trouxesse algumas possibilidades necessárias à compreensão do objeto de estudo delimitado, dessa forma podemos destacar o que nos pareceu sensível à consciência perceptiva dos docentes. Trabalhamos principalmente para compreender sua percepção em seu mundo vivido, e para que isso fosse possível, foi

necessário recuperar o sentido primeiro da sua experiência, por isso, utilizamos a entrevista para captar esse sentido, ou seja, a experiência consciente dos entrevistados e os seus passos reflexivos.

Dessa forma, ao descrevermos a percepção dos docentes, desejamos que o leitor entenda que a descrição dos dados não é uma retomada explicativa do objeto como uma coisa sem vida, ao contrário, ela vem recuperar o que foi vivido, recuperar um pensamento que procura o contato constante e relacional da vida, da sociedade, da cultura, das coisas e que exterioriza vários sentidos, testemunhando e interrogando de forma recíproca com o mundo percebido. Para desenvolver essa etapa, optamos em utilizar as modalidades usadas por Husserl citadas acima, unindo-as com os eixos e as categorias selecionadas anteriormente, ou seja, fizemos uma relação cíclica entre eles, com a intenção de mostrar que os sentidos não possuem um início e um fim, mas sim é um ciclo dinâmico e em constante construção do ser.

### **- Categoria Percepção**

Durante as entrevistas direcionamos algumas perguntas que abordasse a visão do professor sobre o meio em que atua, onde compartilha boa parte de seu dia com outras pessoas, sejam os alunos, seus colegas, corpo técnico, enfim, com outras pessoas que como eles percebem de alguma forma o mundo acadêmico no qual está inserido.

Para abordamos a percepção dos professores no que diz respeito à Docência, direcionando as perguntas<sup>12</sup> durante a entrevista para captar seu posicionamento diante dos temas abordados. Partimos da consciência que a dimensão humana vai além do lugar social que ocupamos, logo é válido o professor reconhecer-se enquanto humano aberto ao mundo, situado, porém livre para atualizar-se na dimensão do tempo vivido. Ser docente numa visão fenomenológica significa o homem assumir toda a sua complexidade, revelando o humano e sua expressividade. Nesse sentido, questionamos o significado da docência superior para ele e porque a escolha na carreira de professor, as respostas<sup>13</sup> foram as seguintes:

“É... docência ela tem um significado único né?! Tanto na educação básica quanto na educação superior. Que é a relação que você encontra com seus alunos, mediado por alguns interesses educativos né! Que aí tem conteúdo, tem processo de formação, o seu papel dentro

---

<sup>12</sup> Verificar anexo 2.

<sup>13</sup> Não foi possível colocarmos todas as respostas devido a extensão de seu conteúdo, selecionamos apenas algumas para o corpo da pesquisa, porém todas foram utilizadas para analisar os dados. A transcrição na íntegra das entrevistas encontra-se disponível para aqueles que tiverem interesse em conhecê-las.



desse processo que é você que vai organizar esse procedimento de ensino, essa transformação.” (Prof. A)

“É muito difícil... o que significa à docência no ensino superior pra mim...oh...(pausa) significa um trabalho, como diversos outros trabalhos que existem, não vejo nenhuma ... distinção entre esse trabalho a qualquer outra atividade humana que seja realizada como meio profissional. Embora, algumas pessoas achem que significa algum glamour, áurea mística, sobre esse negócio todo. Mas não é, é um trabalho, uma atividade, que requer responsabilidade, né. O professor do ensino superior, ele é responsável pela formação de... percursos da vida profissional de novas pessoas.” (Prof. B)

“A docência seria o momento de... de você transmitir um pouco do seu conhecimento, repartir, compartilhar, interagir, eu via assim, dessa forma, eu via dessa forma. Então à docência tem esse valor, tem um valor. Eu não sei se é mais, acho que é, apesar de todas as decepções, ainda é um valor.” (Prof. C)

“Olha, à docência no ensino superior ela é o centro de toda geração de conhecimento né. O ensino superior ele, é, ele só pode se consolidar se tiver à docência, embora a gente tenha a pesquisa e a extensão. [...] Então a geração do conhecimento ela tem uma parte significativa do ensino superior e da docência, é... nesse aspecto.” (Prof. D)

“Acho que é uma forma que a gente tem de contribuir né, para a sociedade. Quer dizer, você forma né, você é formador de... de consciência, de visão de mundo né, você contribui muito para... pra... a formação profissional e pessoal também.” (Prof. E)

“O ensino superior pra mim significa colocar em prática todos os meus ideais, minha filosofia de vida. É ensinar uma profissão, dar ao aluno condições de ser um bom profissional [...]. No ensino superior você prepara o adulto para ser um bom profissional. Embora o nível dos alunos que estão entrando no ensino superior me deixa muito triste, pois dentro do meu entendimento, os professores da educação básica, fundamental e do ensino médio estão deixando de cumprir seu papel. Alguns dos alunos que entram na universidade apresentam muitas dificuldades no que seria o básico, ou seja, escrever, ler, saber se expressar, compreender um texto, uma fórmula, decifrar uma teoria. Eles não estão sendo preparados para pensar, na verdade entopem eles de tantas coisas inúteis e de uma forma tão automática, que me questiono o que, pra que e pra quem ensinam. É muito triste verificar como é deficiente nossa educação. Falo isso como uma educadora que passou por todas as etapas da educação. Me sinto no direito e com propriedade para falar isso.” (Prof. G)

“Significa poder estar compartilhando meus ensinamentos. A docência no ensino superior é você preparar o profissional que vai atuar no mercado daqui algum tempo. Passar essa consciência de cidadão, de profissional, de um possível pesquisador. É ter muita responsabilidade naquilo que você faz e fala. Você é um formador de pensamentos... (pausa) o ensino superior requer muita consciência por parte do educador... muita mesmo.” (Prof. H)

“Eu acho que é... essa...como é que posso dizer (pausa >) eu não sei... o significado assim da docência, mas pra mim significa... essa questão de estar passando o conhecimento né, Muito embora hoje eu tenho uma visão diferente do que é, do que seja essa, essa coisa ensino aprendizagem, entendeu, hoje meu comportamento é bem diferente de quando eu entrei, entendeu? Então de fato que não estou muito assim preocupada na questão do ensino do, da questão da transmissão do conhecimento, mas sim em como eu recebo esse aluno e como eu devolvo esse aluno, então a, à docência pra mim é esse coisa que eu, eu chamo de transmissão de conhecimento, na verdade é uma troca, que eu estou sempre aprendendo, e eu acho que até que aprendo mais do que eu ensino, porque sempre ensinar, é um processo meio repetitivo, a gente melhora.” (Prof. K)

“Docência no ensino superior, pra mim é algo muito significativo, muito importante pra minha... pra minha vida, como um todo pra minha... é pra colocar em prática tudo que estudei. [...] eu acho contribuo também nesse quesito de ter a experiência prática, então eu consigo conciliar é... duas frentes e... na medida em que eu... é... exerço a minha profissão junto aos alunos, eu consigo passar um pouco de cada coisa pra eles, e isso pra mim é importante é... (pausa) esse, esse contexto de poder ajudá-los em mais de uma frente.” (Prof. N)

“Pra mim significa repassar conhecimentos para formar novos jovens para ingressar no mercado.” (Prof. O)

Nestas respostas revelou-se como os docentes percebem à docência no ensino superior. Os sentidos e significados que cada um atribuiu, demonstra a sua essência de vida, suas experiências, os caminhos que os levaram a vincularem um significado para ela. A representação da docência no ensino superior para os entrevistados seria o passar conhecimento, compartilhar, dividir o que se tem com o outro, contribuir, além de ser um constante aprender. Entendemos que eles possuem sentidos próprios e constroem significados destes, logo, estamos a falar de seres que pulsam e não de corpos sem vida, falamos de um ser relacional, ambíguo e não puramente científico, ele é inteiro e único.

O docente atribuiu sentido ao ensino superior pela sua consciência perceptiva, adquirida através de uma experiência vivida pelo corpo próprio, que em determinados momentos o impulsiona, e em outros o paralisa. A percepção atribuída pelos docentes ao ensino superior foi sobre viver experiências significativas diante das situações dadas e ter acima de tudo a liberdade de fazer escolhas. Não foram os protocolos de condutas impostos pelos governos que eles seguiram para revelarem seu sentir, ao contrário, os docentes criaram um cenário onde eles construíram respostas que são adaptadas a tantas circunstâncias vividas. Pois, a sua percepção funciona como fonte de engajamento no mundo, onde evidência o

horizonte temporal, colocando-o diante de uma reflexão ante o passado, o futuro e às suas experiências. “Aquilo que para mim é passado ou futuro está presente no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.552). Assim, entendemos que o sentido dado pelo docente para a docência define a forma de uma relação, seja com o ambiente, consigo, ou com o outro.

Agora veremos os professores expor sua percepção sobre a escolha em ser docente, buscamos captar o sentido sobre a opção por essa carreira, e em meio aos entrevistados, percebemos que há pessoas prontas para falar, que estão envolvidas em um processo reflexivo sobre as questões de sua vida profissional. Outros movem-se já lentamente, porém, não deixaram de dar depoimentos reveladores, trazendo ricas colaborações sobre o tema em foco. A diversidade dos entrevistados traz variações de perspectivas que permitem uma compreensão mais nítida de um mundo vivido comum, vejamos suas respostas:

“É... eu concordo com a tese de que as pessoas escolhem a profissão dentro de um leque de profissões que ela conhece. [...] Então, eu conhecia poucas profissões, nunca tive contato com médicos, com engenheiros, com advogados, minha família era de lavradores. Eu conhecia ser lavrador ou ser professor, porque a escola eu conheço desde os 6 anos de idade. [...] Então, me parecia uma coisa alcançável né, uma profissão alcançável.” (Prof. B)

“A docência entrou na minha vida, eu não escolhi ser docente, mas teve um conjunto de fatores, desde a influência da família, desde a busca pela independência econômica, que era mais fácil né, pelo ensino, porque, como eu disse, eu era uma boa aluna e tal, dava banca, aí fui pra, aí... tudo caminhou pra, pra docência.” (Prof. C)

“E, e... eu sempre gostei né, de, da, docência, de pesquisa e desde então eu já fui fazendo o meu projeto profissional. Eu seria docente, faria pós graduação, quer dizer, todos os meus planos, desde a graduação já eram voltados para a docência. E toda a minha trajetória de vida foi nessa direção, enfim... É uma, é uma profissão que, pesar de ser muito desgastante né, que a gente vivência assim, parece que é o dia inteiro, a noite inteira. É uma coisa assim, que você não se separa, então... você... por isso que ela absorve muito, ela é muito envolvente e ... e desgastante, mas ela é muito apaixonante né. [...] Então, ser docente é exatamente uma... é uma relação pessoal e profissional e... que é muito desgastante, envolvente, ela absorve muito da nossa vida, mas foi aquilo que eu escolhi e... já com clareza desde de cedo, e é o que eu gosto de fazer e é o que eu acho que sei fazer. Não me vejo fazendo outra coisa.” (Prof. E)

“Eu escolhi ser docente porque quero ser pesquisador, então a docência é o caminho que vai me levar a isso. Eu gosto de ensinar, isso me faz aprender cada vez mais. No momento que você vai dar uma aula, você se prepara, busca novos conhecimentos, pesquisa novos artigos, se atualiza diariamente. Isso te torna uma pessoa mais interessada, e a cada dia você cresce como professor, seus conhecimentos vão se acumulando. É muito legal isso. Você vai se tornando cada dia mais e mais responsável, você entende que seus atos vão refletir nos atos de

seus alunos. Você é a referência deles. E aí você faz a escolha, quero ser um bom profissional, ou quero só dar aula, percebe a diferença? Eu quero ser um bom profissional, quero sempre dar as melhores aulas, quero desenvolver com meus alunos as pesquisas mais importantes. Então... à docência foi uma escolha para conseguir conquistar um objetivo ainda maior. Foi isso.” (Prof. H)

“Aí, a escolha de docente, e se eu pudesse escolher... pesquisa, mas não existe essa carreira no Brasil, não existe carreira de pesquisador, pelo menos pro (XXX) não existe. Existe instituto de pesquisas, existe... centros de pesquisa é o que tem, é... o que oferece é a docência né... então... à docência você também produz um (pausa) é... pessoas, você desenvolve... suas personalidades e outras coisas.” (Prof. I)

“Por que a escolha de ser docente... hum... na verdade não foi uma escolha de ser docente né, [...] a questão de ser professora é que assim... não existe no Brasil assim... muitos centros de pesquisas né, assim no primeiro momento, no primeiro momento a gente começa na iniciação científica muito mais voltado pra pesquisa do que pra o ensino propriamente dito né, então na verdade o meu primeiro enfoque não foi à docência e sim a pesquisa.” (Prof. K)

“Eu optei por entrar pra docência no ensino superior é... e me encontrei com uma segunda... carreira, não é minha primeira carreira, não foi uma decisão de juventude, então não é, não foi uma primeira opção profissional, [...] é uma segunda carreira e é uma profissão prazerosa porque lida com... a expectativa de melhoria de um futuro das gerações futuras e isso é uma coisa que me motiva.” (Prof. N)

“Eu escolhi ser docente porque minha esposa veio pra cá e eu passei no concurso. Porque eu trabalho mesmo é com pesquisa, com a parte científica.” (Prof. O)

“É trabalhar com...(pausa) uma imensa variedade de... diferentes (pausa) seja no ensino propriamente dito, na orientação de alunos, na... pesquisa científica, mas que ultimamente a gente tem perdido tempo com a burocracia.” (Prof. R)

“Ah! Tem um significado importantíssimo né, primeiro eu vejo duas coisas, a primeira coisa eu me renovo porque você tem contato com jovens com... a perspectiva diferente da sua idade né, eu acho isso... muito importante, [...] e segundo, a perspectiva de ajuda a um, é... de desenvolvimento dessa pessoa que é o aluno, você vê o aluno aprendendo, o aluno crescendo, o aluno evoluindo com aquilo que você ensinou pra eles é uma coisa muito importante e ao mesmo tempo eu também estou evoluindo, porque quando você vai ensinar você aprende né, você vai, você tem que estudar, você tem que se desenvolver pra poder ensinar a uma outra pessoa, então é uma, é uma perspectiva de mão dupla né, do lado humano, do lado da formação, do lado profissional, então a educação pra mim tem esse caráter, e a educação

superior mais ainda né, porque é onde eu vou evoluindo nesse processo, [...], então tem uma... é uma perspectiva de crescimento mesmo humano e profissional.” (Prof. T)

É impossível olhar o mundo a partir de uma neutralidade, é impossível olhar a educação com um sentido único, o mundo existe através de uma relação existencial, engajada e situada. O ato do docente abrir-se ao mundo o levou a uma experiência situada, provou-se que ele é um ser histórico, onde ele busca em sua consciência a razão pela sua escolha e vai descrevendo aquilo que percebe e dando sentido a essa percepção. Em suas respostas eles exteriorizaram sua percepção do ser professor, de sua escolha por essa carreira, uns expuseram que não tiveram opção, para outros já foi um projeto de vida. Uns apontaram o caminho para a carreira de pesquisador e assim se manifesta mais uma vez a teoria de Merleau-Ponty, onde o autor aponta aquilo que é pensado, é pensado a partir de sua existência, daquilo que os afeta pelo sensível, pelo que sentem, das situações vivenciadas e pelo o que os colocam na condição de serem seres no mundo. Os docentes revelaram suas percepções de escolha dado às possibilidades de sua existência, superaram os desafios que tiveram, ou não, mas aqui manifesta-se a consciência de que suas escolhas compõem uma estrutura subjetiva que se liga ao tempo, ao corpo, ao mundo, aos outros e às coisas. E que tudo isso tem uma relação direta com o seu projeto de vida, que vai compondo sua subjetividade, onde as coisas podem ser vistas sob várias perspectivas, e que novos sentidos e significados podem ser atribuídos a qualquer tempo. Caminha acrescenta ainda:

[...] a percepção não é somente determinada pelas coisas que são fornecidas diretamente pelas sensações atuais, mas também pelas aquisições sensoriais passadas superpostas pela consciência perceptiva, através de uma associação de ideias que é despertada pelas recordações. (CAMINHA, 2010, p.76)

Reafirmamos ainda que a percepção dos professores diante da escolha pela docência, segue o pensamento de Merleau-Ponty, onde o autor avança com a ideia de que a consciência é aberta ao mundo, ou seja, de uma consciência perceptiva, aquela que mantém, na medida em que está ligada inseparavelmente do corpo, um permanente diálogo com o mundo. Alguns professores manifestaram sua escolha sem possuírem inicialmente uma consciência dela, mas que diante da vivência no mundo acadêmico, veio a experiência e a realização. Outros docentes demonstraram que já possuíam intenções claras, e que diante de hesitações e afirmações, tiveram o desejo de ser, e isso é o que o faz um ser expressivo, um ser humano.

Notamos uma repetição nas falas dos docentes mostrando que a opção em ser docente, foi por “falta de opção”. Nesse momento entendemos que se reflete na descrição o

ato reflexivo, o docente se vê como um ator vivendo a vida real e engajado neste contexto. Aqui foi revelado corpos sensíveis, projetos de cada sujeito, singular e individual. A trajetória que fizeram foi em busca de uma opção de vida, que não foi necessariamente um escolha inicial, mas foi um escolha para aquele momento. Eles reconhecem as problemáticas que compõem o exercício profissional de ser docente, e pelos seus relatos, exteriorizam a clara consciência que toda prática docente se faz em diálogo intenso com os tempos, com suas histórias pessoais, com as culturas e junto aos espaços sociais em que os sujeitos estão engajados. Nesse momento percebem que o tempo e espaço conectam diferentes técnicas, políticas, éticas e culturas que dão sentido a sua vida e à vida dos sujeitos que nele estão envolvidos. Percebemos um certo formalismo em sua postura, contudo, a ação lhe confere um maior caráter dinâmico e penetrável para as intencionalidades daqueles que produzem novos sentidos para educação e para suas histórias de vida.

Tenho, dir-se-á, a experiência de um certo ambiente cultural e das condutas que a ele correspondem; diante dos vestígios de uma civilização desaparecida, concebo por analogia a espécie do homem que ali viveu. Mas em primeiro lugar seria preciso saber como posso ter a experiência de meu próprio mundo cultural, de minha civilização. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.466)

Nessa pesquisa, questionamos também os docentes sobre o significado que eles atribuem em trabalhar na UFS, queríamos captar seu sentir sobre o meio pelo qual ele escolheu (consciente ou não), mas que o ajuda a ser quem é. Suas repostas revelaram essas visões:

“Ai ai... (rs) Ah, olha, (pausa) é... é bastante complicado. A UFS é uma... uma incógnita, ainda assim que eu, eu ainda estou processando, apesar de estar há 10 anos lá. [...] Primeiro, a... a minha chegada na UFS foi muito difícil [...]Era muito estranho, era... eu sempre digo, aliais, eu descobri isso vindo pra cá, a gente fala a mesma língua, mas os códigos são muito diferentes né!? Os códigos são outra coisa (rs). [...]Aqui, parece que eu dei de cara no muro, das questões profissionais. Foi tudo muito difícil, me senti muito rejeitada, me senti com muitas portas fechadas. [...]Acho que a UFS deve me significar isso, uma resistência, assim que eu nem sabia que eu poderia ser. É... foi, fui sobrevivendo, é... tentando entender, tentando aceitar, assimilar, rejeitando também, porque não, não é fácil você viver essas coisas. E depois, há um outro momento, a UFS, ela é (pausa), ela é muito carregada, é muito carregada[...]. Mas a UFS como instituição, ela, ela tá muito desorganizada ainda por conta da ampliação que ela teve. Eu já falava isso a muito tempo, a UFS está crescendo sobre pés de

barro, escrevi isso em alguns documentos, e agora a gente está vendo o que foi o crescimento da UFS. Então isso causa uma, um incômodo muito grande né! É... institucionalmente você tem um grupo técnico que te atrapalha, é um grupo técnico que ao invés de fazer o trabalho acadêmico, ele, ele te... te problematiza muito. Então isso é extremamente desgastante, frustrante, isso atrapalha todo o processo.” (Prof. A)

“Trabalhar na UFS, depois dessa trajetória toda, é uma realização pessoal. Quando eu estabeleci esse... projeto, lá na graduação, de ser professor daqui, ter conseguido me tornar professor aqui da universidade foi uma realização pessoal. Tenho reservas a instituição, a... à ausência de trabalho coletivo de nós professores, mas eu me sinto realizado por estar aqui.” (Prof. B)

“(pausa) Desde de cedo foi um peso muito grande. [...] aí eu já fui recebida com muita hostilidade pela, pela chefe do departamento [...]. Era uma jovem de 25 anos, diante de uma professora renomada, conhecida no estado, com uma personalidade extremamente arrogante, era uma pessoa arrogante, é... mas eu nunca fui de baixar a minha cabeça né, mas aquilo me intimidou. [...] Então a docência foi muito assim, pra mim, na UFS, foi responsabilidade, que já veio com um peso, [...] foi um peso. Agora teve o amor, inicialmente teve a ilusão, teve a satisfação, mas junto com a satisfação, com o amor, com o sabor da conquista, essa conquista veio acompanhada de um peso muito grande pra uma jovem de 25 anos.” (Prof. C)

“Olha, pra mim é a realização de um sonho que eu sempre tive, de ser funcionário público. Sempre quis ser funcionário público. Não pelo salário, não me interessava muito o salário, mas por uma realização. É, e... ser funcionário público no meu Estado, na UFS é, é a realização pessoal e profissional.” (Prof. D)

“Um desafio, muito desafio. Porque é uma universidade que... as pessoas é... ficam mais preocupadas com o interesse próprio e não com o profissionalismo. Eu acho que falta muito mais, muito mais profissionalismo nessa universidade. E as pessoas não vestem a camisa da universidade e nem dos cursos, não se preocupam com os alunos e nem com a administração da universidade.” (Prof. F)

“A realização de um projeto. Sou de Aracaju, nasci e vivi aqui sempre. Fiz minha graduação, o mestrado e o doutorado aqui. Trabalhar aqui na UFS é pra mim poder dar o retorno a

sociedade de tudo aquilo que ela me proporcionou. Quero poder desenvolver muitas coisas que irão trazer benefícios para a população. Quero ensinar aos meus alunos como é bom crescer no seu espaço e dar valor a isso. Trabalhar aqui é uma concretização de uma meta traçada à muito tempo.” (Prof. H)

“O que significa trabalhar na UFS... olhe vou dizer uma coisa, quando comecei minha carreira era um sonho, trabalhar... não digo assim na UFS, mas na universidade, mas com o tempo foi virando assim um pesadelo (rs), porque a gente, a gente perde muito tempo com, com coisas muito pequenas entendeu? No sentido da relação com o próprio colega, a gente fala de governo, a gente fala de política, de educação, a gente fala, mas quem mais persegue a gente é... são os colegas mesmo então... (pausa) ir pra UFS hoje é assim entendeu? É meio... é meio... não é aquela coisa prazerosa como no início da, da, da carreira. Muito embora eu ainda goste muito entendeu?” (Prof. K)

“Significa um trabalho, eu trabalho aqui, nada mais.” (Prof. L)

“Pra mim trabalhar na UFS é a minha vida (rs), para mim né, entendeu, mas é... eu vejo muita gente insatisfeita entendeu, mas pra mim é o que eu faço todo dia, tanto que venho trabalhar nas férias, de greve, pra mim não faz diferença, então assim, não é uma coisa viciante, mas é uma coisa que eu gosto, então eu gosto de tudo entendeu, apesar muitos problemas que a UFS tem, mas pra mim é tudo, é muito gratificante vir trabalhar.” (Prof. M)

“Hum... o meu analista diz que a UFS é a minha mãe (rs), olha... (pausa), se fosse pra lhe dizer uma palavra agora é... atualmente, eu diria... (pausa) dor e vergonha.” (Prof. S)

Aqui vimos alguns dos significados atribuído pelos docentes sobre o meio em que atuam, sua percepção da UFS revela como as experiências vividas produzem marcas na vida das pessoas na sua condição de ser. A coisa percebida se manifesta de múltiplas maneiras pelo sentir dos entrevistados, que se desfaz e se refaz incessantemente, mas isso não as transformam em percepções aleatórias, pois existe uma unidade que circunda a percepção de como a coisa se dá. Seus relatos revelam o fenômeno UFS como um palco para o qual se dirige a consciência do observador, apresentando verdades existentes manifestadas em valores constituídos pelo homem.



Vemos que sua experiência revela o que a coisa é. Aí ocorre um fenômeno em que a captura de sua essência só se dá a partir das experiências intencionais dos sujeitos, não se constitui em um evento privado, mas percebido por qualquer consciência perceptiva. O significado traduzido por dor, peso, dificuldade, realização, formam um mix de verdades pessoais, e a busca do reconhecimento. Os docentes gritam seus desejos, suas conquistas e realizações. São histórias de vidas reais, de sentimentos reais, traduzidos em significados pessoais reais, aqui fica claro que não há como conceber pessoa ou coisa do mundo descontextualizada ou isolada, o eu e outro, eu e mundo, eu e cultura. Somos unidades relacionais indissociáveis. Temos forte ligação com o que somos, podemos afirmar, como podemos contradizer, pois é assim que aprendemos a ver quem somos e aprendemos até, se possível, a perceber aquilo que não somos.

O sujeito da percepção permanecerá ignorado enquanto não soubermos evitar a alternativa entre o naturante e o naturado, entre a sensação enquanto estado de consciência e enquanto consciência de um estado, entre a existência em si e a existência para si. Retornemos então à sensação e observa-mo-la de tão perto que ela nos ensine a relação viva daquele que percebe com seu corpo e com o mundo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.281)

Essa distinção de olhares sobre um fenômeno que manifesta as várias dimensões do existir humano é o que torna o trabalho científico instigante e produtivo. Perceber que a realidade é constituída de possibilidades e não somente de objetividades é o que torna a experiência de vida das pessoas uma opção corpórea que compõe sua existencialidade. A captura do fenômeno no mundo é vivido pelos sujeitos, ou seja, a UFS é percebida e revelada pelos seus professores, e eles mostraram que sua insatisfação é gerada por alguns fatores distintos: como as condições de trabalho, pelo ambiente físico e pelas relações sócio afetivas entre seus pares. O que passa a constituir mais um desafio em sua carreira, pois é necessário aprender a lidar com isso, aprender atender as intencionalidades de cada um.

[...] perceber no sentido pleno da palavra, que se opõe a imaginar, não é julgar, é apreender um sentido imanente ao sensível antes de qualquer juízo. O fenômeno da percepção verdadeira oferece, portanto, uma significação inerente aos signos, e do qual o juízo é apenas a expressão facultativa. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.63).

As experiências vividas expostas acima nos possibilitam mergulhar no sensível daquilo que cada um vive enquanto corpo encarnado, o que nos conduz ao argumento central de que o ser docente ao existir no mundo da educação ele cria e recria sua percepção existencial. As experiências nos fazem perceber o espetáculo do mundo a cada instante, em um pensamento que é sempre aberto, dinâmico, atuante, dessa forma foi que os docentes se

expressaram nestes itens, expuseram além do seu meio, do outro e de si mesmo, uma apreciação sobre as motivações que o fazem existir no mundo da educação. Eles buscam sim a humanização, porque a educação é um fenômeno humano, tanto que Rezende (1990, p.46) afirma que “ [...] devemos começar por reconhecer que se trata de uma experiência profundamente humana. Em sentido forte, é mesmo uma experiência universal e exclusivamente humana: todos os homens se educam, e só eles o fazem.”

Insistamos nesse ponto. Como podemos escapar da alternativa entre o para si e o em si, como a consciência perceptiva pode ser obstruída por seu objeto, como podemos distinguir a consciência sensível da consciência intelectual? É que: 1º. Toda percepção acontece em uma atmosfera de generalidade se dá a nós como anônima. [...] Toda sensação comporta um germe de sonho ou de despersonalização, como nós o experimentamos por essa espécie de estupor em que ela nos coloca quando vivemos verdadeiramente o seu plano. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 290)

Mesmo ao finalizar as entrevistas, eles quiseram continuar falando de suas angústias, preocupações, sugerindo caminhos possíveis, alertando para problemas reais e de relevância, mas que são ignorados pelos gestores do meio acadêmico. Os docentes muito mais que falarem, eles querem ser ouvidos, e percebidos como seres, não como uma máquina de produção acadêmica. Os rumos existenciais a que o homem se propõe é condição da sua liberdade, eles não querem perder essa liberdade para uma lógica produtivista e abrir mão da escolha para seu existir. São cientes de que ao escolher um determinado projeto de vida, estarão excluindo outros, sendo eles os únicos responsáveis por tal decisão, uma vez que a escolha é pessoal, e é exatamente isso que querem, poderem fazer suas escolhas, tomarem suas decisões e serem os únicos responsáveis por ela, ter sua real autonomia. A fenomenologia nos mostra que uma escolha verdadeira é aquela em que optamos como ser no mundo, sendo livres dentro de uma situação, porque nossos desejos não são meras contemplações, mas as coisas que vivemos, que as expressões humanas ganham valor para conhecer a realidade, porque o mundo da vida é o mundo da experiência humana e que na troca com o outro temos a chance de enriquecer nossa relação com o mundo.

### **- Categoria Intersubjetividade**

Diante dos conceitos estudados acreditamos que a aprendizagem humana não se dá somente pela intelectualidade, mas também é dada pela intersubjetividade, naquilo que sentimos pela experiência corpórea e na relação com outro, permitindo que cada um se humanize dando espaço para a própria aprendizagem de determinado sujeito, respeitando cada

etapa desse processo. Nesse sentido, todo professor carrega consigo experiências e conhecimentos construídos ao longo de sua vida pessoal e profissional numa trama que promove o seu desenvolvimento como ser. Essas experiências produzem atitudes acadêmicas e posturas atreladas à condição de cada profissional, que forma sua maneira de atuar, de falar, de pensar, e de como vão tecendo papéis e relações.

Julgar algo ou alguém decorre de um pré-conceito já formatado em sua consciência, eu julgo aquilo que difere de mim, pois se não, não seria julgamento e sim concordância, basta pensar que eu não julgo aquilo que concordo. O ato de perceber o que o outro faz, e se esse ato for diferente do meu, do meu modo de pensar e agir, já estipulo um julgamento para tal. A intersubjetividade amplia essa visão limitada de relação, não quer dizer que eu estou errado e o outro está certo ou vice versa, são olhares diferentes. Ela concebe um olhar diferente para as relações. Durante as entrevistas direcionamos algumas perguntas para poder captar dos docentes como eles percebem suas relações, seja consigo, com seus pares e alunos e com a UFS. Nossas questões abordaram também quais são suas satisfações e incômodos, e obtivemos os seguintes olhares:

Os depoimentos abaixo dizem respeito ao seu maior incômodo nas relações:

“[...] essa impossibilidade do corpo técnico não ajudar o corpo docente, é... isso pra mim é... você, você chega na secretaria do teu departamento, ou o pessoal está jogando paciência no computador, e tá mesmo, é... ou tá lendo um livro e a hora que você vai ter que pedir pra acessar o SIGAA por exemplo, você tem que quase pedir por favor, me desculpe que eu estou lhe atrapalhando, sabe? É, isso me irrita profundamente. A segunda coisa que também, não é uma questão de irritação, é uma questão de, de, de (pausa), é... de compreensão política do departamento. É que somos um grupo extremamente fragmentado, né. É um conjunto de professores na (XXX) que não consegue sentar pra discutir questões pedagógicas do curso. E, cada um tá tocando a sua vida, cada um faz do departamento um lugar é... exclusivamente funcional [...]. E... e pronto, o departamento se limita a isso. É um departamento que não consegue se projetar na sociedade. [...]. E pra mim isso é muito (pausa) penoso, porque assim, é uma responsabilidade muito grande você ter um título de doutor em educação, numa miséria educacional que você se encontra, e não assumir o papel que a gente teria que assumir dentro desse contexto educacional.” (Prof. A)

“(pausa) Retomando o que eu disse a pouco, o que mais me incomoda é a ausência de trabalho coletivo dos professores. (Pausa) Na nossa área específica das (XXX), eu penso que nós

cuidamos muito mal da (XXX). Como conjunto de profissionais, tem reclamações individuais, queixas, dilemas, mas a ação efetiva, vamos nos juntar e vamos repensar o trabalho que estamos fazendo com a graduação, em (XXX), é falho, é inexistente... [...] É... por conta das cotas, eu sou totalmente favorável, nós vamos precisar passar alguns anos com essa política para tentar equacionar alguns problemas, algumas questões que se perduram ao longo dos anos. Os alunos são diferentes dos que os tínhamos antes e nós não fizemos nada em relação a isso, a não ser dizer que eles são mais fracos. São menos escolarizados, menos preparados sim, e nós? Fazemos o que? Qual é a nossa ação coletiva para trabalhar com esse novo aluno que se apresente? Ele está aí, está na sala de aula. Nós repensamos nossas práticas pedagógicas? Não. Continuamos com as mesmas práticas pedagógicas que antes. (Pausa) Parece haver um... um conflito não declarado entre professores e alunos. Os alunos dizem que a culpa é nossa, a gente diz que a culpa é dos alunos. Os alunos são fracos, os professores muito exigentes, e a gente não chega... Então, esse trabalho coletivo de todas as partes envolvidas, a ausência dele me incomoda.” (Prof. B)

“(pausa) A competição é muito forte, essa relação de saber e poder ela é, é real, é efetiva dentro das instituições universitárias... você não tem ideia do que as pessoas podem fazer pra te prejudicar, em todos os sentidos. Emocionalmente, lhe excluindo de tudo. [...]você tem que fazer parte de grupo político, se você não fizer parte de um grupo político, você definha aqui dentro da universidade. Definha literalmente. [...]Você tem que fazer parte de um dos dois, se você ficar no meio, eles te massacram. Se você não tomar partido, como aconteceu comigo, lhe massacram, lhe anulam, lhe aniquilam. Eu não tenho outra palavra para te dizer, e lhe aniquilam dessa maneira, com a exclusão, com a indiferença, com as piadas, com o confronto verbal, com as vezes ameaça física, como já aconteceu comigo. [...]é isso aí... é essa competição (rs), é essa relação de saber e poder que gera uma fogueira das vaidades que... levam as pessoas a... a atos que você diz assim, que são atos incompatíveis com pessoas que você, que o saber deveria humanizar. Eu acreditei, sempre acredito e ainda acho que o saber é pra humanizar as pessoas. Aí você vê, por exemplo, colegas seu humilhando outros colegas numa banca examinadora, da pior maneira possível, desqualificando na internet, quer dizer, o conhecimento é pra que? É pra humanizar? E por que ele gera um produto que é o seu contrário e que leva as pessoas a atos tão desumanos? É isso que eu fico me perguntando.” (Prof. C)

“(pausa) Olhe, no dia a dia na UFS, no meu meio de trabalho, como outras coisas da vida, mas eu vou dizer da parte profissional é... prazo. Essa questão de prazo, é muita coisa pra ser cumprida, em prazo, em prazos né, estabelecidos e... as vezes concomitantes, e a outra coisa é a lógica produtivista que foi imposta né, a universidade brasileira e aceita pelos, não pelos, mas por grande parte dos pares e que eu acho completamente.... absurda. Eu acho que compromete a qualidade da pesquisa, a qualidade do ensino e a qualidade das nossas atividades, então isso me incomoda muito sabe. (Prof. E)

“A falta de compreensão das pessoas. Dos profissionais que estão trabalhando perto da gente. É... como eu já disse, as pessoas não enxergam a universidade para o ensino entendeu? Como um futuro, só enxergam a universidade, é... como um recurso para angariar um, uma, é... uma situação econômica melhor na sua vida, mas não na sua profissão né. Eu sinto que as pessoas não têm amor pelo que faz aqui.” (Prof. F)

“A falta de recursos para se trabalhar, a falta de materiais. Precisamos comprar com nosso dinheiro reagentes, solventes, enfim, materiais básicos para poder ter o mínimo aqui dentro. Isso é uma coisa que precisa mudar. Mudar logo, é necessário que a gestão seja mais preocupada com estas questões.” (Prof. H)

“Me incomoda muitas coisas pequenas como... excesso de burocracia, é... acho que no todo país isso, ah... também não me encaixo muito bem com pensamentos de, de meus colegas aqui que são formados aqui no Brasil. Tem outros tipos, tipos de... de valores do que eu, outros tipos de pensamentos, então eu não estou muito bem com, com meu departamento, mas com alunos e eu ficamos muito bem, mas essas burocracia e esses tipos de pensamentos que tudo é permitido mesmo com coisas erradas, só pra por ter algum benefício ou... chegar até um objetivo, isso me incomoda bastante.” (Prof. J)

“É a preocupação do colega com o trabalho do outro... entendeu? Porque ele não se preocupa com o colega pra ver se o colega está precisando de uma ajuda, no sentido de colaboração não, a gente vê muito é no sentido de perseguição mesmo, entendeu? É triste isso...” (Prof. K)

“O que mais me incomoda são as relações pessoais dentro do departamento, as relações pessoais é... eu... tento não levar para o lado pessoal, mas as relações pessoais dentro do departamento, de modo geral, que eu vejo, não é só no meu, mas no meio universitário, no

meio acadêmico, é muito competitiva, e as pessoas levam muito para o lado pessoal, não para o lado profissional, entendeu.” (Prof. M)

Baseados na Fenomenologia de Merleau-Ponty (2011), onde o autor defende a superação da oposição que separa sujeito e objeto, sugerindo a possibilidade de abordar o mundo de outra forma que não seja por aquela de um mundo já dado, ou seja, de perceber aquilo que está diante de nós por suas próprias qualidades. Dessa maneira, pensamos que tocamos o mundo na mesma medida em que somos tocados por ele. Percebamos que, se olhar é algo incômodo, ser olhado é algo mais incômodo, isto porque o olhar tem efetivamente um poder de interferência sobre seu objeto. Os docentes ao exteriorizarem sua percepção sobre a questão proposta, revelaram uma maneira tortuosa de ver o mundo, o que faz com que esse mundo se organize de maneira equivocada e injusta. Então, pela percepção do docente, ver como e quem age sobre esse mundo acadêmico e não poder corrigi-lo, gera o incômodo.

Outra coisa revelada, que também os incomodam bastante, são os prazos curtos e a burocracia exagerada, muitas vezes comprometendo a qualidade do resultado e das metas propostas. Um outro olhar convergente extraído de nossa pesquisa, diz respeito ao baixo nível dos alunos que chegam na graduação, alguns com grandes dificuldades no aprendizado, na escrita, na leitura, configurando também mais um desafio. Percebemos que nesta questão existe uma via de mão dupla, entre as percepções do docente (entrevistado) e do outro (seus pares), nesta abordagem apresentam-se as características peculiares como a empatia e a intersubjetividade, que propicia a penetração mútua de percepções, mas um não se coloca no lugar do outro.

Em qualquer caso interpretarei por sua vez as minhas interpretações presentes, descobrirei seu conteúdo latente e, para finalmente apreciar seu valor de verdade, deverei levar em conta essas descobertas. Meus poderes sobre o passado e o futuro são escorregadios, a posse do meu tempo por mim é sempre adiada até o momento em que me compreenderei inteiramente, e este momento não pode chegar, pois ele ainda seria um momento, circundado por um horizonte de porvir. (MERLEAU-PONTY, 2011. p.464)

Logo em seguida na entrevista, perguntamos para eles, o que lhe trazia mais satisfação em seu meio acadêmico. As respostas foram em sua maioria iguais quanto esse tema. Vejamos:

“Os meus alunos. Essa é uma grande satisfação.” (Prof. A)

“Ah! Com certeza os meus alunos. Aquilo ali é alegria! Porque é como que se você tivesse vendo uma semente geminar né, você... a coisa que eu acho mais interessante é quando um aluno demonstra interesse. Que isso é raro hoje, hoje é raro.” (Prof. C)

“Sem dúvida meus alunos. É uma enorme satisfação ver a cadeia se formando, ver meus alunos de doutorado ensinando para os de mestrado, os de mestrado ensinando os da graduação, todos ligados num único propósito. Fico extremamente feliz ao ver um aluno ir fazer um doutorado fora, dele voltando com um bom emprego e me apresentando os resultados reais da sua trajetória, de vir aqui e me dizer que eu fiz parte daquilo. Ah, é muito bom isso. Isso não tem preço, vale todo esforço, toda luta e toda decepção também.” (Prof. G)

“É... o momento que estou com meus alunos, aí é um... de... como é que posso dizer de... de... satisfação completa, é no momento que estou na sala de aula, porque ali eu sei que eu posso fazer a diferença, só ali.” (Prof. K)

“Sem dúvida meus alunos... é... eles são a grande satisfação minha. Minha realização profissional. Tenho orgulho de ver um aluno meu seguir carreira, entrar em um mestrado, virar doutor, ir para fora do país.” (Prof. L)

As intenções são as explicações do comportamento do ser examinado e qual significado tem esse objeto para ele, nesse sentido, as situações vivenciadas assumem condição existencial e a intencionalidade assume uma consciência. O item satisfação significou exteriorizar a relação professor e aluno, onde demonstraram ter um envolvimento humano intenso, com processos de solidariedade e reconhecimento, isso nos leva a refletir, e nos traz a esperança de que toda vez que o homem se vê envolvido na educação há grandes chances de se humanizar, é o tipo de experiência que não ocorre sem o convívio com o outro. Os docentes atribuíram um grande valor a essa relação, partindo de uma reflexão do individual para uma reflexão geral, ou seja, a estrutura do pensamento individual de um docente pode também pertencer a outros indivíduos.

O sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.285)

A elevada incidência de respostas iguais para este item, sugere que o esforço dos docentes é de reassumirem o olhar sobre a vida e problemas que requerem soluções possíveis

para seus alunos, embora reconheçam que às vezes não têm como mudar a realidade, mas que não aceitam serem passíveis em certas situações, não perdendo sua essência, mostraram ser humanos. Há uma fala até que unânime dos entrevistados, onde concordam que para serem professores é preciso estar junto, aprender, discutir, crescer, abrir horizontes, partilhar o conhecimento, dar um espaço na sua vida para outra pessoa, embora admitem que em certos momentos essa relação seja sofrível, pois são seres humanos, dotados de sentimentos ambíguos que podem fazer a relação oscilar do amor ao ódio, da aceitação à rejeição, como todas as relações que fazem parte da convivência humana.

[...] todas as vezes que pensa, o sujeito toma seu ponto de apoio em si mesmo, ele se situa, para além e atrás de suas diversas representações, nessa unidade que, sendo princípio de todo reconhecimento, não tem de ser reconhecida, e ele volta a ser o absoluto porque o é eternamente (MERLEAUPONTY, 2011, p.498).

Quando perguntamos para os professores se ele se percebia mais como pesquisador ou como professor, suas percepções ficaram divididas em três: aqueles que se percebem como professor, os que disseram se perceber como pesquisador, e ainda aqueles que se percebem como um todo.

“Bom, eu não separo essas duas coisas, educadora e pesquisadora não. Eu acho que quando você está pesquisando, você está, você tem uma dimensão da educação sim, a pesquisa tem essa dimensão [...]. Então, eu não separo a pesquisa da educação né.” (Prof. A)

“Como professor. Embora eu tenha começado a carreira acadêmica na graduação mais como pesquisador... mas depois de alguns questionamentos pessoais, me fizeram deixar a pesquisa em segundo plano e à docência, a sala de aula, com mais relevância, a sala de aula, com mais relevância. Então hoje eu me vejo mais como professor do que pesquisador.” (Prof. B)

“Professora sem dúvida. Sem dúvida. Mas eu acho também que a pesquisa entrou na minha vida forte, muito forte. Eu acho que sou uma professora pesquisadora. [...] mas acho que a docência... primeiro lugar docência, segundo lugar, assim em termo de amor, meu amor maior pela docência, o segundo amor... pela pesquisa.” (Prof. C)

“Ah! Eu sou professor. Sou professor. Eu não fui contratado para ser pesquisador, eu fui contratado para dar aula. Embora, o ensino, a pesquisa e a extensão sejam o tripé da nossa



atividade, mas eu sou professor no, no meu contrato de trabalho não é pesquisador que está, é professor de ensino superior.” (Prof. D)

“Como professora. (Pausa) Como professora. Eu gosto muito de pesquisa, mas eu amo, sabe, amo, amo o ensino.” (Prof. E)

“É complicado né, você pegar e falar sobre isso né, porque eu gosto de dar aula né, mas também gosto de fazer pesquisa.” (Prof. F)

“(pausa) Não consigo separar uma da outra, sou ao mesmo tempo as duas, ou uma só que exerce essas funções.” (Prof. G)

“Eu sou professor e pesquisador, não existe a separação. Não me entendo sendo um sem o outro. Sou um só.” (Prof. L)

“Nesse momento eu acho que estou no meio, mas se você me perguntasse isso há dois anos atrás, eu ia falar que era mais professora. Você viu como a gente vai sendo conduzida a direcionar as coisas, acho que nesse momento ainda eu estou no meio do caminho.” (Prof. M)

“Eu estou professor, mas eu sempre fui pesquisador, trabalhei 6 anos como pesquisador, então agora eu estou adquirindo o hábito de ser professor.” (Prof. O)

“Olha, eu acho como pesquisadora (rs), que é um dos riscos muito grande da profissão né, acho que gosto muito de pesquisar e eu me sinto bem com isso.” (Prof. Q)

“Eu diria que eu sou um pesquisador professor. Eu ensino aos meus alunos a fazerem pesquisa, e sou muito bom nisso.” (Prof. R)

“Ah! Eu me percebo como professora.” (Prof. S)

Partimos da ideia de que o homem é mundo e o mundo é homem, um não existe sem o outro, o que faz dele e do mundo uma totalidade. Na fala dos entrevistados percebemos divergências entre a narrativa de como se percebem, ou seja, em ser pesquisador e em ser docente. Eles se perceberam através da análise daquilo que manifesta sua personalidade sob

as influências das condições de trabalho e de vida já constituída, ou seja, de suas experiências vividas. Na visão fenomenológica o homem existe em uma determinada situação ou contexto, e não sob as influências causais, mas sim na relação entre espaço e tempo vivido, esse processo identitário é contínuo, se associa à identidade pessoal, singular, construída e reconstruída a partir do sentido atribuído ao seu ofício de professor/pesquisador e na reafirmação de práticas pedagógicas consagradas culturalmente e que continuam significativas.

A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Isso significa dizer que, a identidade docente são modos de ser e viver à docência, carimbado pelas marcas do próprio trabalho e da própria vida. Para esses teóricos, construir ou reconstruir a identidade profissional, significa incorporar mudanças e produzir novos comportamentos, o que leva tempo e exige um certo grau de reflexão. Entender que viver no mundo vem primeiro e saber sobre o mundo vem depois, é o mesmo numa relação com o exercício da docência: significa dizer que, as primeiras percepções do que é ser professor ocorrem no existir como discente, assim como as primeiras percepções como pesquisador ocorrem no existir como pesquisador. Muitos são os modos operantes na busca dos sentidos, percebemos docentes tentando se constituir como pesquisador, outros buscam aprender a ser professor, em uma tentativa de situar a práxis pedagógica com seus valores vividos. Só falta buscarem serem eles mesmos.

Dando prosseguimento na entrevista, desejamos conhecer como o docente enxerga um outro docente, qual é a sua percepção diante dos seus colegas de trabalho e como ele também percebe, a relação dos seus colegas com os outros professores. O que descobrimos foi bem interessante quando falavam de suas relações, verifiquem:

“Bom, de várias formas. Tem colegas de trabalho que são relações permeadas pela institucionalidade, então é porque ele está em determinado cargo, porque ele está em um determinado local, sempre muito respeitosa, eu tento fazer né. [...] tem relações... profissionais que são... que também tem um encontro... não só profissional, mas ideológico né. [...]tem as relações profissionais que extrapolam o campo da, da profissão e se tornou amigos né, [...] não são muitas, conta nos dedos de uma mão só, mas é assim, é sempre assim. E eu, infelizmente aqui na UFS, já tive a... a infelicidade de ser extremamente desrespeitada no momento muito delicado de minha vida, por uma colega de trabalho, e... que foi muito agressivo, foi muito violento pra mim.” (Prof. A)

“Eu considero uma relação agradável, é... eu procuro... não misturar as diferenças teóricas, filosóficas, idiossincráticas, que todos nós temos com as questões pessoais. Então me relaciono com todos os professores aqui do departamento, não tenho divergência com nenhum deles, embora, seja também uma relação muito profissional.” (Prof. B)

“Difícil, complicada, é... extremamente.... difícil, muito difícil, complicada. Foi... foi o... talvez o maior, meu maior desafio, minha relação com meus colegas.” (Prof. C)

“É muito boa, muito boa. É... eu respeito todos os meus colegas. [...] E essa minha visão pouco cômoda sobre a nossa atividade, eu deixo transparecer em todos os momentos.” (Prof. D)

“Eu tenho, eu descrevo como uma boa relação, certo. Como eu te falei de, de respeito. Claro, uns com, com um nível maior de amizade né, e outros de coleguismo né, mas assim... são relações de respeito.” (Prof. E)

“(pausa) Diria que cordial, de coleguismo. Não tenho amigos aqui no departamento, tenho colegas que batem na porta e pedem um favor aqui, um produto ali, são relações cordiais de coleguismo, amigos de sairmos, de frequentar a casa um do outro, tenho em outros departamentos. Engraçado isso né. Mas tenho alguns amigos em alguns departamentos, aqui no meu não.” (Prof. G)

“Não boa, não boa não. É claro que individualmente eu, eu não tenho problema com grande maioria deles, mas eu não vou mais nas reuniões nem na graduação, nem pós graduação, preservando exatamente a minha saúde mental e física e pra não... fazer algo que depois me arrependa então... não é, não é bom essa... essa relação e isso, esse relacionamento com colegas daqui do departamento não me agrada não.” (Prof. J)

“Em geral eu tenho uma relação boa (pausa) a... não, não tenho grandes conflitos com a maioria né, e aqueles que eu tenho a minha diferença, é simplesmente me isolar... me afastar, não ser próximo não criar muito atrito né, assim.” (Prof. L)

“Hum... muito boa, é cordial... é... a gente aqui tem um ambiente muito bom é... é assim, eu sei por conversas com colegas, outros, que... não são todos os departamentos que não tem um

ambiente bom, o nosso aqui tem, então eu me dou bem com todos os professores, sou respeitado por todos os professores, nunca tive nenhum problema, estou bem tranquilo quando a isso, estou bem tranquilo.” (Prof. N)

“Boa.” (Prof. O)

“Olhe elas são variadas né, [...]até outros que são inimigos cordiais (rs), inimigos cordiais é... então não tem mais relação orgânica né, eu não tenho uma relação orgânica, há.. alianças.” (Prof. S)

A atividade no cotidiano possibilita ser relatada por quem a vive, e dessa forma pode invadir a existência de outras pessoas que participam da mesma atividade profissional, eis aqui a fertilidade de nosso estudo. A vivência não é entendida como algo dado, pois somos nós que penetramos no interior dela e que a experienciamos de maneira imediata, logo viver no mundo é a primeira condição humana, teorizar sobre essa experiência é consequência. Questioná-los sobre esse assunto nos permitiu compreender o fenômeno da intersubjetividade a partir do processo promovido por seres que se constituem historicamente, numa atmosfera de perceber e perceber-se. Ao relatarem suas vivências com seus pares, colocaram em questão suas verdades, verdades humanas que são sempre provisórias, pois se mantêm como absolutas até que um novo acontecimento ocorra.

Ao apresentarem seu relato por determinado fato, este traduz uma imagem impessoal dele, desejando que o coletivo social o legitime como verdade. O sentir é vital, o mundo humano é feito de vários sentidos e significados, sob essa ótica, é vital à condição humana respeitar a história vivida de cada sujeito. É por meio dela que o homem tem condições de existir como sujeito, de compor seu enredo e deslocar-se constantemente nele, é editar outras formas de existir, superando angústias e imprevistos.

O conflito entre mim e outrem não começa somente quando procuramos pensar outrem, e não desaparece se reintegramos o pensamento à consciência não-tética e à vida irrefletida: ele já está ali se procuro viver outrem [...] Concluo um pacto com outrem, resolvi viver em um intermundo no qual dou tanto lugar ao outro quanto a mim mesmo. Mas esse intermundo é ainda um projeto meu, e haveria hipocrisia em acreditar que quero o bem de outrem assim como o meu, já que mesmo esse apego ao bem de outrem ainda vem de mim. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.478)

Abaixo, eles falam de sua percepção referente a relação entre seus colegas. Perceber o outro parece ser mais fácil que perceber a si mesmo. Confirmam:

“Bom, (pausa) é... (pausa>) se dá por interesse. Essas relações se dão por interesses, claro né, sejam interesses políticos, sejam interesses acadêmicos, sejam interesses... é..., inclusive financeiros. Não estou falando nada de corrupção não, é... financeiro mesmo, projetos que oferecem bolsa de estudo, projetos que oferecem é... assessorias né, porque dentro da nossa profissão nos permite fazer. Então eu acho que é a primeira relação, essa relação... entre esses, entre esses diferentes interesses.” (Prof. A)

“(pausa) Nós temos grupos aqui. (pausa) Alguns. (pausa) Nós temos desafetos, tem professores aqui que declaradamente são desafetos. (pausa) Mal trocam bom dia, boa tarde, boa noite. Chegaram a esse ponto.” (Prof. B)

“(pausa) São relações políticas... eu costumo dizer que não existem amizades verdadeiramente entre professores universitários. [...] Então, as relações que se estabelecem, são relações de interesses, são relações de trocas, são relações de parcerias, que as vezes a hipocrisia é necessária. Você estabelece parcerias para elaborar projetos de pesquisa, porque são relações de conveniência.” (Prof. C)

“Olha, eu acho que todo professor universitário ele precisa... ele é muito carente. Carente seja do ponto de vista profissional, ele precisa a cada momento, a cada momento se reafirmar no ponto de vista das relações. Eu acho que é uma relação boa, é... mas não é uma relação afetiva. É assim... muito mais é... cartorial do que propriamente uma relação afetiva, o que me deixa triste. (Prof. D)

“Ah, eu percebo as vezes é... que são relações... como é eu digo... a tendência que é uma coisa que eu não gosto, mas eu vejo as vezes a subgrupos, a, a uma certa competitividade.” (Prof. E)

“Eu vejo da mesma forma, uma relação de coleguismo. Sabemos que há divergências de pensamentos, mas do lado político da coisa, nada além disso. Os professores aqui no departamento estão mais envolvidos em seus projetos, com suas pesquisas, quase não vemos ninguém circulando nos corredores, entramos nas salas e saímos praticamente para ir embora.” (Prof. G)

“Da mesma forma. Existe uma divergência aqui, outra ali, mas nada fora da normalidade, são modos de pensar diferentes só isso. Mas vejo relações cordiais, de parcerias, de amizade mesmo.” (Prof. H)

“Nós temos um departamento muito afinado, a gente consegue ah.... hum... saber o que é profissional e o que é pessoal, sabemos muito bem distinguir isso.” (Prof. O)

“(suspiro) Então... há algum atrito né... com algumas pessoas e tal, há algum atrito, então... principalmente dentro da mesma área acho que esse atrito é muito maior.” (Prof. P)

“Dispersa.... eu resumo e uma palavra, dispersão, uma relação distante.” (Prof. R)

Aqui os docentes compartilham suas interpretações, visões que constitui a experiência da intersubjetividade, pois só existimos como sujeitos por meio de nossas relações. O mundo existe independente das escolhas individuais ou coletivas de cada um, ele é inacabado e está sempre sendo construído e constituído pela interferência da subjetividade humana, dissemos subjetividade, e não objetividade. Ao relatarmos sua percepção sobre outro, essa é apresentada a partir da experiência de sua consciência, da subjetividade e da intersubjetividade que eles experienciam. Não existe o certo ou o errado, existe vivências e modos pessoais de se viver, de assumir situações e de saber compartilhar o bom e o mau.

Já vimos que todo ato incide em intencionalidades, sejam estes atos vindos de relações diretas com a UFS, com corpo técnico, colegas docentes, gestores e alunos, pois o que vai valer são os mecanismos mediadores que viabilizam tais intenções. Pelos relatos dos docentes ficou claro que a UFS está posta em um projeto existencial pessoal, onde se aponta a falha dos outros, se vê críticas no ato alheio, pois a percepção é aquela do “seu mundo”, um lugar que não é espacial, nem geográfico, mas de condição ontológica, posicional, no modo como existe. O interessante é que o docente se coloca como espectador e não como ator nessa ação, ele convive com o outro, afeta e é também afetado, mas não se vê nesse palco...

Entendemos que o docente é um ser humano, um ser que está em constante desenvolvimento, um ser inacabado e incompleto, mas um ser sensível, perceptível e, acima de tudo capaz de transcender. A fenomenologia nos ensina que a subjetividade do homem não se restringe a se comportar bem ou mal, ela é um campo habitado pelos conflitos, pelo tempo, pela história, pela cultura e por tudo aquilo que toco e permito que me toque também, é uma troca em idas e vindas. Na visão fenomenológica o homem não é um ser que se comporta,

mas que existe. Assim sendo, os professores que participaram desse estudo, entoaram uma voz comum de quanto é difícil lidar com a subjetividade alheia, destoando daquilo que pensam, que é de ter uma relação viável e favorável para a construção de trabalhos em parceria. É necessário haver um movimento para aprender sobre a condição e a singularidade humana, sobre os valores que se diferenciam, disponíveis a perceberem-se como seres que tem limitações, porque muitas são as maneiras do homem existir.

### **- Categoria Corpo Próprio**

Partindo dessa visão relacional do corpo, consideramos os docentes como sujeitos de sociabilidade e de cultura, que vivem as mais variadas experiências nos múltiplos tempos e espaços da vida social, interiores e exteriores à instituição acadêmica. E assim como sujeitos sociais, são seres de intencionalidade e refletividade. De acordo com Merleau-Ponty, que nos remete a reconhecer a autenticidade de um pensamento que dá prioridade ao corpo e que, nesse mesmo sentido, elabora a ideia de um sujeito consciente de suas próprias experiências, podemos dizer com isso que os docentes apresentam uma percepção do mundo com uma intencionalidade original, dito de outra forma, há um movimento gerador do espaço que é o nosso movimento intencional. Os docentes se inserem no espaço acadêmico, cujo movimento lhe permite alcançar uma visão global desse espaço, o tornando inseparável da visão do mundo acadêmico.

Seus relatos insinuam a existência do ser que pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber nessas relações a perspectiva de reaprender ver a vida e o ensino superior. Seria mediar o sensível e o compreensível a partir do corpo em movimento na sua existência, construindo sua história e cultura, e ao mesmo tempo sendo modificado por essa história e por essa cultura.

A seguir, descrevemos o olhar do docente para o significado de corpo, pedimos também para que eles fizessem uma relação entre seu corpo, sua saúde e o seu trabalho, os docentes nos retornaram com os seguintes pensamentos:

“Ai... o corpo pra mim é o meu altar. É o meu altar. Se eu não estiver bem no meu corpo, eu não estou bem em muitas outras coisas.” (Prof. A)

“Confesso que nunca refleti sobre o assunto do corpo. (Pausa) O que significa corpo pra mim? O corpo pra mim, ele é a materialização da nossa existência né?! (Pausa) É... a forma como é possível nos apresentarmos nesse plano que aqui existe.” (Prof. B)

“Corpo?! Ah... o corpo é a máquina né, é a máquina que me movimenta né, sem o corpo eu não consigo executar o que eu quero. Então é através do corpo... o corpo é o instrumento para eu funcionar na sociedade, na universidade, eu preciso ter um corpo que funcione bem. Então corpo é o meu instrumento.” (Prof. D)

“Ah! Pra mim corpo é expressão, é sabe, corpo pra mim é... é vida é... como é que eu digo, é... corpo é tudo. Por exemplo, eu dando aula, o pessoal brinca, porque eu não consigo dar aula sentada, por exemplo né, já que é a relação com o corpo. Eu acho que o corpo ali, ele é de uma importância né, pra você se comunicar, pra você falar, pra você se expressar, pra você se fazer ver, assim, ver por dentro e por fora. Porque eu acho que o corpo mostra muito da gente né. Ele é, nós somos né, essa coisa do corpo. Pra mim é fundamental e eu cuido muito do corpo (rs), inclusive por achar que ele é, certo, uma ferramenta de vida, de trabalho, de tudo. E tem que ser muito bem cuidado sabe, eu acho o corpo assim, é uma... uma dimensão que eu acho fundamental.” (Prof. E)

“Corpo!? Pergunta diferente! Nossa! (rs) Ah, corpo... (pausa) é ser vivo.” (Prof. F)

“Eu penso corpo como um organismo, penso em partes, penso na estrutura dele, penso nele diante de um microscópio, um mundo de possibilidades de estudo e descobertas. Mas também penso como um ser que tem vida, eu tenho vida, você tem vida, somos um todo, ou melhor, somos pares infinitos se formos pensar em átomos, somos um todo ao mesmo tempo. Somos portanto pares de um todo. O mundo é feito de um todo de partes. Penso no corpo como o detentor da vida, sem ele não existimos aqui. Podemos existir de alguma outra forma, mas não na forma de corpo como se apresenta aqui e agora.” (Prof. G)

“Corpo pra mim é o corpo docente, o corpo discente, dos professores e alunos. E aquilo que é a junção de várias pessoas. É um conjunto de pessoas que forma um corpo.” (Prof. H)

“Vixe!!! Nem sei responder isso!!! O meu corpo, o que que é meu corpo pra mim... é a minha sustentação (rs) é minha base de sustentação, é quem conduz os meu é, é, é quem põem em... em exercício o que minha cabeça ordena.” (Prof. K)



“Corpo...corpo... sou eu! Eu sou corpo, você é corpo. Não é isso? Corpo é o ser vivo, todos os seres vivos.” (Prof. L)

“Corpo? (Pausa) pra mim... materialização do espírito (pausa) é... eu acho que é isso.” (Prof. N)

“Corpo? Aí já é uma coisa bem mais complicada. É um... eu acredito mais na parte espiritual do que na corporal. Corpo é uma... é um meio no qual a gente está passando por esse... este plano. Basicamente isso.” (Prof. O)

Esse foi um dos momentos mais interessantes da entrevista, vivenciar a reação dos docentes diante dessa pergunta. A fisionomia de espanto, de dúvida, de não ter uma resposta pronta para dar, foi ímpar. O afastamento do ser inteiro e do entendimento de que eu sou meu corpo e não simplesmente eu tenho um corpo, ficou bem claro. O corpo percebido pelos docentes ainda é uma periferia de sua pele, não é o corpo que sou, mas apenas que vivo. Suas falas foram as mais distintas possíveis, daquele que julga o corpo um altar até a percepção de corpo docente e discente, ou um organismo e uma máquina.

Entendemos que são várias as concepções de corpo, histórica e culturalmente construídas e que os docentes fazem parte de um contexto sócio cultural muito amplo, no qual estão inseridas suas trajetórias de vida e de socialização, valores, crenças, e todo seu sistema simbólico. E é nesse contexto, que eles tanto podem assimilar uma visão dualística (corpo/mente) quanto uma visão mais relacional do corpo.

Percebemos que durante muito tempo o papel do Corpo Próprio foi subestimado inclusive pelo mundo acadêmico, utilizou (e ainda utiliza-se) a perspectiva do corpo objeto e submisso segundo a visão dualista, colocando a superioridade e domínio da esfera mental sobre o corpo que sempre é objeto de uso e manipulação. A partir do momento em que este corpo se separa da natureza e constitui-se em "objeto" da ciência, ele torna-se facilmente manipulável e moldável tendo como base a produção e reprodução da vida capitalista, adaptando-o as exigências do sistema, ou seja, o corpo necessita ser produtivo, saudável e dócil, caso contrário, ele é excluído do meio social atribuindo-lhe doenças, incapacidades e limitações, não ser produtivo o elimina do sistema. Esquece-se do Ser (sujeito) e pensa-se no “ser” qualquer coisa, desde que este seja útil.

O inverso disso é pensarmos que ao dissecar-se um corpo, jamais foi encontrado dentro dele algo que tenha sido sentido pelo indivíduo: nenhum amor, ódio, ou esperança

foram encontrados naquele corpo aberto. Então eu não sou uma coisa, um corpo fragmentado, dividido em corpo/mente, corpo/emoção, corpo/alma; sou um ser inteiro. Pensar o corpo em si, separado, isolado do mundo, é outra abstração, pois toda nossa apreensão do mundo é dada pelos sentidos do corpo que somos.

É justamente por sermos assim, que percebemos as mudanças no mundo e no corpo que somos, não somente através de nossos olhos, mas também do nosso olhar. Isto significa que não basta descrever as coisas mesmas, mas é necessário descrevermos este nosso olhar. Não basta descrever um corpo somente, mas sim a qualidade e os significados de uma experiência que esteja intimamente relacionada com este corpo. Por isso se diz que só temos sensações sob a forma de percepções.

Observando o contexto social atual percebemos uma série de relações (homem/mundo, homem/homem e homem/si mesmo) apresentadas, cada vez mais de forma quantitativa, e por consequência, cada vez mais superficial. O que averiguamos nessas relações são ações reproduzidas conforme as imposições sócios culturais, ainda que sem sentido para o ser que age, materializando consequências para si, para o outro e para o contexto do mundo, que são ignoradas enquanto resultado de uma ação mecânica e impensada, desarticulada do contexto e da totalidade homem/mundo. (SANTOS, 2012, p.154)

Os docentes percebem seu corpo através de uma visão adquirida por séculos de existência do homem que ainda se faz presente na forma intelectualista e cientificista, a noção que o homem tem sobre o Corpo Próprio ainda é muito pequena, ou quase nula, o que os levam ainda a tratarem seu corpo como um corpo objeto, facilmente manipulável, e consequentemente manterem atitudes com o mesmo baseados em regras e controle de comportamento corporal ditado por um mundo globalizado, onde a mídia imprime valores como beleza, estética e sensualidade como sendo fundamentais para que o sujeito seja aceito socialmente. A saúde, sensibilidade, bem estar, o convívio harmonioso, compreensível e de troca com seus pares são colocados como exteriores aos seres humanos, ignorando sua essência humana de uma forma irracional.

Quando pedimos que os professores fizessem uma relação entre seu corpo, sua saúde e a UFS, conseguimos identificar em suas respostas quatro olhares diferentes para o mesmo assunto; um primeiro olhar vem mostrando a relação direta sobre os itens questionados, onde os docentes exteriorizam através de sua história essa relação com muita dor, e com o olhar fenomenológico diríamos que é uma dor inteira, de um ser inteiro, que manifesta seu eu num breve desabafo, vejamos:

“Eu fui pegando umas dores, nesse período mais recente, que eu não tinha, como a dor muscular aqui, ao longo da coluna que, sabe, eu nunca senti isso na minha vida.[...]. Então essas dores, e... é (suspiro profundo), uma outra coisa que eu acho que é pior ainda, ah... sabe quando você olha para as coisas e parece que elas não tem mais alegria, mesmo que sejam coisas interessantes, é... as coisas comuns, que eu sei que em tempos atrás me dariam uma alegria imensa, parece que ela perdeu todas as magias, assim, ou todas as ilusões. [...] Porque estão muito difíceis de serem conquistadas, a luta fica tão grande, tão grande, tão grande, que a hora que você chega lá, sabe, você já está muito cansada, você já está muito, é... enfim, ela não, o percurso que ela te impôs foi tão grande que a conquista já... é... parece que ela...é o desencantamento do mundo né, aquela coisa meio que desencantamento do mundo. Mas é em relação ao meu trabalho, em relação ao meu trabalho. O que não o separa de mim, porque a minha profissão sempre foi uma coisa, desde menina, sempre foi uma coisa importante, sempre estava na minha configuração, assim, como pessoa né. Então se ela é atacada, certamente ataca minha vida”. (Prof. A)

“Acho que a minha diabetes foi desenvolvida por uma grande, por um grande problema na UFS. Que eu, eu fui acusada de prejudicar é... duas esposas de dois professores, que estavam participando do processo seletivo de mestrado... [...] Não as conhecia, não sabia nem, vim saber disso depois, que elas eram esposas, e foi a partir disso aí que eu, que esse meu colega, um desses meus colegas, ele me desqualificou com termos e adjetivos... que eu não admito. [...] Então, foi assim, foi não só porque ele me, me xingou né, essas coisas, como ele também, circulou documentos na internet me difamando, me desqualificando, quer dizer, foi uma coisa que pensei que eu ia ter estrutura pra, pra suportar, e foi logo depois daí que, e a diabetes tem fundo emocional muito grande né, muito grande. Foi depois daí que eu fui diagnosticada com diabetes. Então, não só isso, vou lhe dizer, agora vou dar outros exemplos de outros colegas, mestrado e doutorado é um negócio sério. Tem gente que, só pra você ter uma ideia, tem gente quando está fazendo tese, papoca. Começa a pele estourar, estourar a pele, furúnculos, insônia é um problema para os professores universitários... tem vários professores na universidade que são consumidores de drogas, de psicotrópicos. Tem professores universitários, como tem juízes, médicos, que ninguém fala, por isso eu acho que a sua pesquisa é muito importante, que são viciados em remédios pra dormir. Então o professor universitário, ele trabalha até duas, três, quatro horas da manhã. Ele tem um artigo pra entregar e fecha o sistema tal hora e ele as vezes perde noites O professor universitário tem o

relógio biológico totalmente alterado, já começa no mestrado e no doutorado, tem gente que trabalha a noite e dorme durante o dia. Todo esse desequilíbrio já começa no mestrado e doutorado, que as pessoas aí é... tem gente que perde casamento, no mestrado perdi namorado. E é sempre, e eu não sou só eu, é muita gente, muita gente. Então afeta a, é... o relacionamento entre né, amoroso, afetivo, então isso tem repercussão no físico, insônia, obesidade, coluna, é... dependência química. Tem gente que... grandes intelectuais viciados em cocaína no Brasil. Ninguém fala isso[...] mas nós temos uma elite toda consumindo cocaína, consumindo maconha, é... professores alcoólatras, é, eu tive uma grande professora, admirável em termos de inteligência, que chagava alcoolizada né. Então todos esses problemas tem haver sim com problemas de um cotidiano institucional extremamente perverso, eu não teria outra palavra. É um cotidiano perverso, árido e que cada um tenta se segurar. [...] Então eu tive apoio da família, tive apoio dos amigos, tive apoio dos meus pais, mas veio a somatização, eu não recorri a psicotrópicos, não recorri a droga, mas eu estou aqui hoje com meu corpo contando um pouco dessa história. O corpo não mente, então esse meu corpo aí, você tem problema de coluna em decorrência da profissão, tenho hérnia de disco, quase todo professor tem problema de coluna. É difícil um professor não ter um problema de coluna. É muito difícil, porque a gente passa três, quatro horas sentado, muito mais, tem casos de 10 horas né. Então, como isso não afetar seu corpo né? Como seu humor não afetar relações afetivas? [...] É, mas mesmo assim, eu acho que a minha trajetória acadêmica, meu corpo, reflete um pouco dessa trajetória acadêmica com certeza.” (Prof. C)

“Eu me prejudicava muito quando cheguei aqui, eu chego cedo na universidade, eu tenho um horário de trabalho que eu gosto de cumprir, porque aqui, o que a sociedade está pagando pra mim, eu tenho que cumprir, que são as 8:00 horas de trabalho, só que eu trabalhava a mais. Eu chegava muito cedo e saía muito tarde. Além disso, além de prejudicar a minha mente, prejudicava cansaço, eu nem... a parte inclusive de ganhar peso e tudo. O meu psicológico estava tendo problemas, inclusive tendo problemas em casa com minha família. [...] E a partir daí eu comecei a trabalhar nisso, diminuí mais a minha estadia na universidade, porque trabalhar 8:00 horas eu não, eu trabalhava 10, 11:00 horas por dia praticamente, minha vida era aqui na universidade. [...] E não estava tendo tempo pra mim, não estava tendo tempo pra mim, para cuidar da minha saúde, a parte física, acabei engordando muito entendeu? É... e... em casa muito nervoso entendeu reconheço isso, e aí eu comecei a trabalhar o psicológico, fiz um tratamento, [...] e isso me ajudou bastante, é... eu trazia outros conceitos, como no dia a dia, a minha vida no tratamento das pessoas, eu era muito nervoso, também por causa de

criação, de família e tudo. Dizem né, que eu era muito ignorante, então trabalhei nisso muito, e comecei a melhorar em toda, em toda essa parte minha né, e isso faz bem pro corpo, muito bem pro corpo. E eu sinto que hoje eu melhorei bastante a minha relação dentro de casa, a minha relação na universidade, com os alunos, com os professores. Que eu era muito vidrado no que é certo é certo, [...] porque tudo tinha que ser certinho, tudo certinho, era do jeito que é, aquele jeito meu e tal, e não abria, não tinha exceção, não tinha, e... eu acabei, estava sendo muito punido por isso, porque na sociedade hoje em dia está muito difícil de você ser correto na vida. O certo hoje tem que ser justificado, o errado não tem. Hoje o certo é... punido por isso, você está certo, e sofrer punições.... que te maltratam muito, te maltratam muito... Uma coisa que eu não sei como reverter é isso né. Então, ser punido dói muito pelo que você está certo e quem está errado é... é... leva, é vangloriado. Impressionante.” (Prof. F)

Aqui descrevemos relatos reais de vidas reais, seres que se manifestam diante de uma ação provocada dentro do ambiente de trabalho, experiências que deixaram marcas no seu eu. Eles relataram suas dores, se despiram da vestimenta de intocáveis e mostraram toda sua sensibilidade, o seu sentir, o seu eu. Eles expuseram sua experiência vivida, e diante delas, ou por causa delas, alguns mudaram suas atitudes diante da UFS, de seus colegas e principalmente com si próprios, modificando seu modo de ver e ser, e foram, ou estão, se redescobrando de outra forma. Diríamos que a consciência do corpo próprio fundamenta a percepção sobre o sujeito e do mundo, e vai lhe atribuir características que lhe garanta a descrição consciente do seu corpo.

[...] um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal. Sistemas de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para o seu equilíbrio. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.212)

Destacamos a questão das relações, que configuram uma mola propulsora de emoções positivas e negativas. Quando se espera o mínimo de uma relação que é o respeito, se encontra colegas que te ofendem na forma mais desumana e desrespeitosa possível. As relações entre os colegas se mostraram uma grande responsável por sensações e sentimentos negativos, onde um não se vê no outro, que a percepção do ser inteiro está distante de ser compreendida. As palavras revelam o mental, a ideologia, o conteúdo, a ordem e o rendimento do pensamento que as anima. Pensamos que soltar as palavras de uma forma inconsciente e inconsistente afeta a própria formação adquirida como ser humano. O docente ao valorizar suas relações no cotidiano, por certo não deixaria o impulso emocional refletir

sobre seu percurso profissional. Valorizar e perceber a intersubjetividade, poderia ser uma alternativa para repensarem a forma como percebem a articulação entre o profissional e o pessoal, sobre a forma como foram evoluindo ao longo da sua carreira, possibilitando que, aos poucos, possam construir uma consciência corpórea através dessas experiências e perceberem-se como sujeitos intersubjetivos, seres que, como seus colegas, estão inseridos no mundo.

Existe também a responsabilidade da universidade neste cenário, o nível de cobrança, de prazos e de produção são um dos problemas mencionados pelos docentes, ora, a universidade é a maior incentivadora da competitividade entre os sujeitos docentes para poder atender a lógica produtiva. Só que agindo assim, desprestigiam o valor singular de seus docentes, ignorando por total o ser humano que ali está. A prova disso é o relato de professores que dizem que alguns colegas se utilizam de álcool, drogas, psicotrópicos para levarem uma vida dita “normal”, e qual foi a ação da universidade frente a essa realidade? Nenhuma, pelo menos nada foi citado esclarecendo que a universidade tenha programas ou projetos em relação a isso. Essa realidade promove uma onda de tensão entre os professores, numa avalanche que arrasta qualquer condição de trabalho digna, as universidades oferecem condições de trabalho de terceiro mundo para seus profissionais e exigem resultados de primeiro mundo dos mesmos. Os professores são submetidos a esse produtivismo e têm ainda como seu sentinela as avaliações da CAPES com todo o seu rigor científico das produções acadêmicas. Há no depoimento dos entrevistados a clareza do desgaste emocional por conta da pressão, que os fazem questionar se isso é fazer ciência.

Nesse sentido, não podemos desconsiderar a pressão exercida pelas agências de fomento da pesquisa científica, incentivando a pesquisa também como sinônimo de status profissional. Tais representações podem ser também geradoras de restringir a subjetividade de uma pessoa, ou seja, ela se sentir qualificada ou não, no que isso facilita ou dificulta a construção da percepção de seu trabalho, o que nos parece ser uma visão reducionista da condição humana.

Nas falas abaixo mostramos a segunda visão que identificamos para um mesmo fato, os docentes também concordam que existe uma relação direta entre o corpo, a saúde e a UFS, no entanto mostraram-se mais conscientes no que diz respeito em ter atitudes mais pró ativa e procurar evitar qualquer tipo de malefício à sua saúde, tendo alguns cuidados preventivos como por exemplo praticar atividades físicas, fazer exames periódicos, cuidados com alimentação e bem estar. Porém a marca de uma visão sobre um corpo fragmentado continua existente.

“É uma relação direta. Eu não, eu não conseguiria dar conta das minhas atividades se eu não tivesse um condicionamento físico bom. Não é um condicionamento físico bom, mas é o mínimo necessário. Porque eu, eu entendo que como servidor público eu não posso rejeitar trabalho. Então se aparecer um trabalho para eu executar, eu tenho que aceitar, a menos que não haja condição de tempo pra fazer isso, então eu posso pedir ajuda. [...] E se eu não tiver um bom condicionamento físico é... eu não dou conta. Nem mental né, porque o físico ajuda o mental, quando eu faço uma atividade um pouco mais intensa no final de semana, na segunda eu estou mais cansado, mas a mente fica mais ativa.” (Prof. D)

“Sim, o meu corpo, pronto, o meu corpo e a minha saúde, pra mim, eu acho que os dois estão né, interligados. São indissociáveis né. E talvez por isso que eu cuide tanto da minha saúde né. E tenho essa, exatamente essa concepção de, de saúde como prevenção, porque eu vejo que isso é fundamental pra manter o meu corpo né, e ele ir se adequando as diferentes faixas etárias né. [...] E como a minha... atividade profissional, eu acho que exige, porque o corpo, quer dizer, o trabalho é um trabalho intelectual, mas ele depende da, da vida né, da saúde que a gente tem né. Da saúde espiritual, emocional, corporal, quer dizer, física, orgânica.” (Prof. E)

“Sim. Penso que tem tudo haver uma coisa com a outra. Como eu falei antes, quando eu cheguei aqui na UFS, minha sala, esse espaço que você está vendo, era um lugar escuro, sem iluminação, sujo, sem absolutamente nada. [...] Recursos esses conseguidos por nosso trabalho, não que a universidade tenha investido aqui. Não mesmo. Só que até isso acontecer, eu precisa de um computador, de uma cadeira que eu pudesse sentar e trabalhar sem ficar ao final do dia cheia de dores na coluna. Então... isso eu tive que comprar com meu dinheiro. Uma cadeira ergométrica, um computador com um teclado ergométrico, o mínimo de conforto possível para que eu não tivesse problemas de saúde. E assim é com tantas outras coisas. Como falei, a pouco tempo é que foi instalado o ar condicionado aqui. Você entende? Como se pode trabalhar em condições tão precárias? Como você pode se concentrar morrendo de calor? Tinha alunos que passavam mal, que tinham que sair da sala. Também como já falei, a questão de espaços dignos para uma alimentação saudável. Não tem. Se você quer comer alguma coisa mais saudável ou você traz de casa, ou precisa pegar o carro e ir para longe, pois nem ao redor existe essa escolha. Quando que, se existisse uma espaço mais saudável, um restaurante com uma comida digna de se comer, haveria até uma

confraternização maior entre todos, seja com os professores e com os alunos, seria um tempo a mais aqui. Parece bobagem mas não é, perdemos muito tempo com coisas que não precisariam, nos desgastamos com coisinhas no dia a dia tão absurdas, que você chega a dar risada, porque a incompetência é injustificável.” (Prof. G)

Aqui percebe-se que os docentes atribuíram sentido às coisas para aquilo que é dado ao ser ante sua consciência, que nunca é absoluta ou acabada. Em suas percepções, ficou claro que no percurso da existência como profissional há sempre sentidos e mais sentidos, tanto que o sensível assume centralidade na vida humana, existe uma particularidade que não pode ser generalizada a todos os outros seres humanos, há uma memória, um perceber, criar, sentir, intuir, amar. Esses atos são modos de consciência que o diferencia da essência um dos outros. O professor, a partir de sua vivência, experimenta o mundo que afeta e por ele é afetado, são experiências únicas para cada indivíduo, imprevisíveis e singulares no mundo que habita.

Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo. Portanto, nem suas variações nem seu invariante podem ser expressamente postos. Não contemplamos apenas as relações entre segmentos de nosso corpo e as correlações entre o corpo visual e o corpo tátil. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.208)

Nessa lógica, entendemos que o corpo é o meio que permite ao homem existir, sendo o elo entre a consciência e o mundo na experiência perceptiva. O corpo próprio é um instrumento ligado na totalidade da existência humana, ele se relaciona com outros corpos que também estão relacionados no mundo, o que faz com que ele não seja pleno na existência como coisa, daí a compreensão de que o homem não tem um corpo, ele é um corpo. Assim, quando questionamos a relação UFS/Corpo/Saúde o que percebemos foi a expressividade e significação de eventos existenciais, alguns docentes conscientes de seus atos e dos resultados dos mesmos, ou seja, muito trabalho, pouco cuidado consigo, gerando em alguns casos, danos a sua saúde. Acreditamos que seria interessante que as políticas vigentes da UFS redimensionassem e reestruturassem a atenção à saúde do professor/trabalhador, se ocupando em interpretar mais precocemente os possíveis sinais de adoecimento dos professores, estimulando ações de maior consciência de valorização de si e do seu trabalho. Sendo mais ativa no que diz respeito a sua responsabilidade quanto manter um ambiente saudável, em condições de trabalho dignas, que proporcione o bem estar de seus profissionais.



No depoimento a seguir, destacamos a terceira visão: a existência da relação ainda permanece, mas agora se explicita direto com o corpo sendo “máquina”, que tem que ser bem cuidado para funcionar, e como uma máquina, este corpo é visto como possuidor de partes distintas, separadas: corpo, mente e emocional. Vejamos:

“É uma relação direta. Um está ligado no outro. Para vir estudar, trabalhar, pesquisar, você precisa ter saúde, tanto física, como mental e emocional. Se em algum momento alguma delas fica deficiente...vai afetar diretamente na sua produção. Seu corpo não vai responder as necessidades, as demandas que o trabalho ou o estudo precisa. O corpo é uma máquina, precisa estar em bom funcionamento, com uma má manutenção ele para funcionar bem. Senão para. Então eu vejo que para poder estudar, trabalhar, é preciso cuidar do corpo, da mente e do emocional. Não adianta cuidar só da cabeça, ou só do físico, tem que cuidar de tudo. Se eu venho pra cá chateado, ou se fico chateado aqui por alguma razão.... não produzo o suficiente, não produzo aquilo que tenho capacidade de produzir. Imagina um carro... você pode ter um carro zero, todo novinho, mas se você não colocar combustível ele não anda. É a mesma coisa com o nosso corpo, é uma máquina que precisa de combustível. Não falo só de comida saudável, mas de cuidado com a saúde, com o amor, com a cabeça, sem se estressar, essas coisas.” (Prof. H)

Anunciamos que nosso olhar está distante de generalizar qualquer caso, apenas esboça uma visão entre muitas, pois cada um de nós tem um mundo privado construído pela experiência vivida, e voltar às próprias coisas é um movimento necessário para se entender o ser em sua totalidade. Ao se ver como uma máquina, possuidor de um corpo objeto, o docente apenas reflete o que aprendeu e vivenciou em suas experiências vividas. Seu olhar sobre si é carregado de uma cultura que lhe foi dada, e assim ele responde para vida.

Assim, desde o início, a fenomenologia nos põe diante de uma realidade complexa, a estrutura do próprio fenômeno, cuja experiência não reduz a nenhuma das formas da intencionalidade, mas integra todas. A preocupação da fenomenologia é dizer em que sentido há sentido, e mesmo em que sentidos há sentidos. Mais ainda, nos fazer perceber que há sempre mais sentido além de tudo que podemos dizer. (REZENDE, 1990, p.17)

Para Merleau-Ponty (2011), a visão do ser no mundo se coloca em sua própria reflexão no curso temporal que ela procura captar, não permite assim conceber que exista apenas um pensamento, uma consciência, uma verdade que abarque todo o pensamento humano e o torne capaz de retornar "às coisas mesmas" definitivamente. Ele propõe a que

ideia da consciência como representação que se tornará superada, uma vez introduzida a noção de intencionalidade. Se perceber como uma máquina é o reflexo daquilo que ele intencionou.

Nas respostas abaixo, os docentes já discordam da possível relação entre corpo/saúde/ UFS/. Para eles o processo é mais consciente, não se permitem que uma coisa interfira na outra. Se mostraram mais objetivos através de escolhas. Vejamos:

“Meu trabalho não interfere na minha saúde. Como eu disse antes, há algum tempo, por questões minhas, eu fiz algumas opções no ponto de vista profissional, na docência, no ensino. E eu olhei vários professores que eu conheço... se desgastando, tendo problemas de saúde. Como eu estava chegando, eu disse que eu não quero isso pra mim. Como eu disse, aqui é um trabalho, me realizei profissionalmente por estar aqui, mas é um trabalho. Para o qual eu tenho uma jornada trabalhista estabelecida, recebo uma remuneração e é um trabalho de segunda à sexta feira. As vezes no sábado. Eu não vou além desses limites. Eu trabalho de segunda à sexta feira para não sentir o que eu vejo que os outros colegas sentem... ouço constantemente que: estou cansado, estou com problema tal, por isso estou cheio de coisas... Por outro lado, no meu entendimento, é cheio de atribuições, é também uma escolha... (pausa) não sei o motivo. Por que eu tenho que estar em uma graduação, duas ou três pós graduação, por quê? (pausa) Do ponto de vista da remuneração não faz diferença, eu estar aqui, aqui e no (XXX), aqui, no (XXX) e em (XXX), não faz diferença. Então por dinheiro não pode ser. Que seria a primeiro... por ... vaidade? (Pausa) Mas o que, que isso me dá de retorno? Qual é o motivo dessa vaidade? Ela teria que me dar algum retorno, qual? Este é um mundo que só faz sentido pra gente, o mundo acadêmico. Fora daqui, para as pessoas... (nesse momento gesticula batendo uma mão na outra como tanto faz). Minha família não faz ideia do que seja isso aqui, os meus amigos que eu tenho que não são daqui, também não compreendem nada, então isso aí é uma coisa pra gente. Que é um universo deste tamanho (mostra com os dedos um pequeno tamanho). (Pausa) A ação política acadêmica é praticamente irrisória, do ponto de vista de apresentar algo que vá causar mudanças sócias econômicas e políticas. Não temos essa ação. Então nem isso é pra gente. Então eu vou investir o meu tempo? Não vejo o porquê, pra que eu...cause um desgaste a minha saúde por conta desse trabalho. Como eu disse, eu procuro ter responsabilidade, então eu tenho os meus horários de aula, dou aula, dou a aula que fica melhor para o departamento. [...] Meu trabalho é aqui, nesta sala, venho pra cá todos os dias, faço o meu trabalho, encerro, vou pra casa e acabou. [...] Meus problemas de saúde são advindos do meu estilo de vida, só. Sou uma pessoa sedentária, sou uma pessoa

fumante, embora eu não beba, eu não faço nenhuma atividade física. Não tenho nenhum regramento com alimentação, não sigo nenhuma dieta, eu como o que dá vontade, não há interferência do meu trabalho na minha saúde. [...] mas isso também foi resultado dessa minha reflexão que eu fiz a partir do exemplo das pessoas que convivo, que eu cheguei a ver, eu não quero isso pra mim. Eu quero um outro caminho.” (Prof. B)

“O meu, o meu corpo, o meu trabalho e minha saúde? (Pausa) Olha eu... eu posso assim falar com bastante tranquilidade que eu, eu não fico, não fiquei, eu não fico doente por causa da UFS (pausa) é.. eu até tenho conheço um professor que sempre fala pra mim que tipo: Oh! Você toma cuidado porque você vai ficar doente, porque eu fiquei e... eu não fico doente não, porque eu sei dividir as coisas, eu sei separar as coisas, não sei... eu acho que é assim é... eu tenho... a minha mente consegue... digerir meu corpo de forma... a não... digamos absorver... é... problemas que possam se somatizar.” (Prof. N)

“No momento não, teria que pensar mais sobre isso, mas não.” (Prof. O)

Esses depoimentos configuram os diferentes olhares para um mesmo objeto, as variadas maneiras de se perceber um mesmo fato, aqui é confirmado que não é possível generalizar qualquer caso, apenas esboçar uma visão entre muitas, pois cada um de nós tem um mundo privado, uma experiência humana de homens situados no mundo. Pensamos que é assim que Merleau-Ponty determina a abertura do sujeito ao mundo, ele coloca o mundo em suspenso para que possa compreender as atitudes naturais, que são as explicações do senso comum, da percepção imediata do mundo e da realidade feita pelo homem. Os docentes projetaram o seu humano para além das possibilidades corpóreas e existenciais, sendo sustentados pelas próprias percepções, sensações, intuições e fantasias, revelando o movimento originário de uma consciência atrelada ao mundo, que não separa a vida dos acontecimentos.

Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu ‘psiquismo’, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como um simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim mesmo o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. [...] (MERLEAUPONTY, 2006, p.3).

As falas acima indicam que mesmo aqueles que pensam estarem bem, negam a si próprio caminhos para obterem uma melhor vida, com mais saúde e bem estar. Lidar com pressões é aflitivo e estressante, o que pode conduzi-los a estados depressivos e adquirir doenças somatizadas. Existe ainda o agravante que muitos assumem uma postura controladora, o que piora ainda mais seu nível de estresse. Reduzir essa ânsia de produtividade e perfeccionismo nos pareceria ser um caminho, que juntando-se a um processo de consciência de seus limites, trariam, quem sabe, mais serenidade em seus atos. Ter sua saúde em perfeitas condições significa que ele além de contribuir no processo de ensino-aprendizagem, ele também possa colaborar no processo de construção de uma melhor qualidade de vida para si e as pessoas com as quais se relaciona. Lembramos que a verdadeira liberdade só pode ser compreendida no decorrer da existência humana, no enfrentamento dos desafios e na busca de soluções num cenário que formará o futuro.

Outros docentes, apenas reconhecem a possibilidade deste fato ocorrer, e outros ainda negam essa possibilidade por acharem que estão conscientes o suficiente para blindarem os malefícios físicos e emocionais de sua vida. Suas respostas mostraram que ter saúde é praticar atividades físicas e ir ao médico regularmente, que isso já seria o suficiente para manterem um bom ritmo de saúde. Só que não percebem que ter saúde é bem que somente isso, ter saúde é ter condições emocionais, psicológicas, um ambiente de trabalho que lhe proporcione condições dignas, ter uma boa alimentação e manter bons relacionamentos em seu convívio diário.

O ser docente é um elemento de fundamental importância para o bom funcionamento da universidade, e para isso necessita estar bem para ser produtivo e cumprir seu papel dentro da sua profissão. O docente faz uma relação entre a sua saúde e ao seu bem estar, relatando, em alguns casos, a existência da consciência de cuidados com seu corpo, mas em muitos casos não. Notamos que o cotidiano do docente tem sido marcado por um compasso intenso de trabalho, com longas jornadas e acúmulo de responsabilidades, que somam-se a tensão do ambiente universitário demonstrando que esse ritmo é um dos fatores que o impedem de praticar esporte, uma atividade física regular, de terem mais tempo para si e para sua família, de fazerem exames preventivos, ter um maior lazer e contato consigo em momentos de reflexão. Ora, como parar para refletir com esse ritmo todo? Foi até mesmo sugerido pelos entrevistados que a assistência à saúde dos professores não estivesse apenas relacionada aos exames admissionais, mudanças de cargos ou quando o docente é obrigado a afastar-se de suas atividades por doenças adquiridas em seu ambiente de trabalho, mas que fossem

desenvolvidas ações educativas visando sempre a promoção da saúde e prevenção de doenças, estimulando inclusive um maior convívio com os colegas no próprio *campus*.

#### 4.2- MOVIMENTO FINAL: COMPARANDO AS PERCEPÇÕES

Essa etapa se propõe em responder um dos objetivos específicos: o de comparar os discursos dos docentes em cada área específica de conhecimento, evidenciando os diferentes sentidos atribuídos ao exercício da docência no ensino superior. Queremos com isso observar se existe algum tipo de diferença entre aqueles professores que atuam nas áreas ditas “duras” como física, química, engenharias por exemplo, com aqueles que trabalham nas áreas mais humanas. A proposta é verificar se o humano, o ser docente, se deixa envolver pelo rigor destas áreas duras, ou se eles respondem da mesma forma em suas ações cotidianas. Para poder fazer esse comparativo, selecionamos as ideias que mais se destacaram em suas falas, assim foi possível traçar o perfil em cada grupo. Os quadros abaixo são resultados de algumas perguntas das entrevistas.

Enfatizamos que temos a consciência que foi um número pequeno de professores entrevistados para a quantidade de profissionais docentes que atuam na UFS, porém a amostra foi suficiente para podermos compor o objetivo desta pesquisa. Até porque, o tempo para a conclusão do mestrado não seria suficiente para poder entrevistar, transcrever e analisar todos ou a maioria os docentes do *campus* São Cristóvão.

Quadro 6: Entrevistados por Grupos

GRUPO	PROFESSORES
1- <b>CCET</b> (Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas) Abrange os cursos de: Astronomia, Ciências da Computação, Ciências Atuárias, Engenharias, Estatística, Geologia, Física, Química, Matemática e Sistemas de informação.	D J K M
2- <b>CCBS</b> (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde) Abrange o cursos de: Ciências Biológicas, Ecologia, Educação Física, Farmácia e Nutrição.	G H I

	L
3- <b>CCAA</b> (Centro de Ciências Agrárias Aplicadas) Abrange o cursos de: Engenharia de Pesca, Engenharia Florestal, Engenharia Agrônômica, Engenharia Agrícola, Medicina Veterinária e Zootecnia.	F O P R
4- <b>CCSA</b> (Centro de Ciências Sociais e Aplicadas) Abrange o cursos de: Administração, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Relações Internacionais, Secretariado Executivo, Serviço Social e Turismo.	E N Q
5- <b>CECH</b> (Centro de Educação e Ciências Humanas) Abrange o cursos de: Ciências da Religião, Ciências Sociais, Comunicação Social, Design, Filosofia, Geografia, História, Jornalismo, Pedagogia, Psicologia e Publicidade.	A B C S T

Separamos os docentes entrevistados em cinco centros de interesse conforme mostra a tabela acima. A ideia inicial era compor cinco profissionais por grupo, totalizando 25 docentes, mas como já esclarecido anteriormente, isso não foi possível. Buscamos portanto, através das entrevistas levantar algumas percepções, no intuito de compararmos se os docentes se percebiam como sujeitos ativos e conscientes no processo da intersubjetividade e se conseguiam se identificar com seus pares. E mais, perceber se os grupos rompiam paradigmas se vendo como sujeitos livres, conscientes de seu corpo e de seu espaço. Baseados no pensamento de Merleau-Ponty, que emerge como possibilidade conceber a intersubjetividade como sendo constituída a partir de experiências de compartilhamento da realidade, de buscas de "união", onde antes se reconhecia a separação. Aqui ganham relevo as noções de corpo vivido e percepção para o entendimento da realidade vivida por eles. Vejamos:

Quadro 7: Significado do Ensino Superior

	SIGNIFICADO DO ENSINO SUPERIOR	ESCOLHA EM SER DOCENTE
GRUPO 1	D- Relação com os alunos J- Manter a pesquisa K- Transmissão de conhecimento M- não falou	D- Um caminho J- Trabalhar em pesquisa K- Ausência de centros de pesquisa M- Falta campo de trabalho, caminho.
GRUPO 2	G- Colocar em prática os ideais H- Compartilhar ensinamento I- Ensinar e pesquisar L- Dividir experiência e conhecimento	G- Sempre quis ser docente H- Querer ser pesquisador I- Fazer carreira de pesquisador L- Para passar conhecimento
GRUPO 3	F- Passar conhecimento O- Passar conhecimento P- Ensinar uma profissão R- Trabalhar com uma imensa variedade	F- Ficar perto da família O- Passou no concurso P- Não parar de aprender R- Dividir, compartilhar experiências
GRUPO 4	E- Forma de contribuir para a sociedade N- Melhoria de um futuro Q- Transmissão conhecimento	E- Projeto profissional N- Uma segunda carreira Q- Contribuir socialmente
GRUPO 5	A- Relação com alunos B- Trabalho C- Transmitir conhecimento, repartir, compartilhar S- Ação de sedução do aluno T- Crescimento humano e profissional	A- Caminho B- Profissão alcançável C- Não foi escolha, à docência é que entrou na vida S- Escolha ideológica, caminho T- Pela necessidade se descobriu professor

Aqui observamos claramente o significado que os professores possuem da docência do ensino superior e a escolha em ser professor. Este quadro demonstrou que não importa a área em que docente está atuando, todas elas sinalizaram um significado em comum para o ensino superior: como sendo aquele que transmite conhecimento. Já a escolha em ser docente teve duas variantes: uma daqueles que optaram para serem docentes e a outra para ser pesquisador, e para a maioria, a opção inicial na docência foi por falta de campo de trabalho.

Entende-se que a docência vai além do conjunto de ações dos professores no cotidiano da sala de aula, abrangendo uma certa dimensão no sentido de ser professor em sua complexidade. Aqui reconhecemos em todas as áreas a concretude dessa experiência, onde os depoimentos nos trazem elementos como a diversidade sociocultural, a subjetividade, a formação inicial e as relações. Embora tenham experiências distintas, suas percepções

referente ao tema, são bem similares, são percepções marcadas por uma história pessoal, mas que se funde num ideal em comum dentro do *campus*. Algumas chegam até a serem forjadas pelo imaginário social, alimentada talvez, pela própria academia. Ao compararmos os grupos, não podemos excluir as histórias pessoais dos docentes, pois são elas que revelam sua sensibilidade, queremos narrar tão somente aquilo que o inspira e refletir sobre o que ele é e de como ele quer ser. Seu potencial o permite ir além da tarefa de ministrar aulas ou corrigir atividades, pois ele é um ser autêntico, único e sensível numa trama de criação mútua, que a cada momento ativa o espaço de maneira diferente, compondo outros enredos num processo sempre inacabado.

Quadro 8: Significado em trabalhar UFS

	<b>SIGNIFICADO EM TRABALHAR NA UFS</b>
<b>GRUPO</b> 1	D- Realização de um sonho J- Construção de um espaço K- Pesadelo M- Minha vida
<b>GRUPO</b> 2	G- Alcança meta estabelecida H- Realização de um projeto I- Construção de um espaço L- Trabalho
<b>GRUPO</b> 3	F- Desafio O- Estruturar o meio de trabalho P- Bom R- Exigências
<b>GRUPO</b> 4	E- Não é diferente das outras universidades N- Muito bom, agradável Q- Contribuir à nível social
<b>GRUPO</b> 5	A- Resistência B- Realização Profissional C- Peso S- Dor e vergonha T- Caráter social



Destacou-se três sentidos para o significado que os docentes atribuíram sobre o trabalho na UFS: um que é o social, o outro que é a realização pessoal e profissional e aquele que representa um lado negativo, pesado e sofrido. Aqui pode ser aplicada a visão de Merleau-Ponty quando ele nos mostra o sentido da percepção, onde um mesmo objeto (a UFS), sendo facetado (as áreas), que cada docente apresenta sua visão sobre ele. Eles concordam sobre as dificuldades da UFS, apontam cada qual sua visão de acordo com o ângulo que a percebe, e embora sejam três tipos de sentidos dado para um único objeto, mais uma vez não se configura nenhuma distinção entre as áreas, em todas elas os significados se assemelham de alguma forma.

Essa pluralidade de concordância entre as áreas nos indica que os professores que atuam nos diferentes grupos, independente do quanto sejam distintas as suas questões pessoais sobre a percepção do cotidiano de vida e trabalho, relataram que as experiências e histórias no que se refere as questões da UFS, mesmo que regadas de subjetividade, temporalidade, materialidade e registros simbólicos na condição docente, apresentam desdobramentos que se reconhecem entre si. A relação do ser no mundo se coloca em sua própria reflexão no curso temporal que ela procura captar, não permite assim conceber que exista apenas um pensamento, uma consciência, uma verdade que abarque todo o pensamento humano e o torne capaz de retornar "às coisas mesmas" definitivamente.

Merleau-Ponty ainda destaca que o corpo está diretamente associado à percepção, à experiência vivida, ao sensível e ao invisível, apresentando-se como um fenômeno complexo. Sem dúvida, há um movimento gerador do espaço que é o nosso movimento intencional, distinto do movimento do espaço que é o das coisas e de nosso corpo passivo. É por meio do meu corpo que me insiro no espaço, cujo movimento me permite alcançar uma visão global desse espaço. Logo, ao compararmos os grupos diante de seu parecer sobre o ensino superior e a escolha e ser docente, vimos nos sujeitos a percepção de si como ser corporal dando significado e justificando suas ações humanas.

Quadro 9: Maior Incômodo

	<b>MAIOR INCÔMODO</b>
<b>GRUPO</b> <b>1</b>	D- Visões pessimistas J- Excesso de burocracia K- Perseguição M- Relações pessoais no departamento

GRUPO 2	G- Falta de recursos para manutenção H- Falta de recursos de materiais básicos I- Colegas acomodados L- Burocracia, prazo
GRUPO 3	F- Falta de compreensão das pessoas O- Falta de condições de trabalho P- Alunos com base fraca R- Falta de manutenção
GRUPO 4	E- Prazo N- Metodologia Q- Nova geração de alunos
GRUPO 5	A- Corpo técnico B- Ausência de trabalho coletivo C- Competição S- Desaparecimento da sociabilidade dos professores T- Falta de materiais, dinheiro, desenvolvimento profissional e comodismo

Nesse item, o que teve destaque foram as relações. Seja entre os pares, os técnicos ou a UFS. Os grupos mais uma vez se assemelham em suas percepções. O incômodo manifestado é comum em todos os núcleos, demonstrando que o problema é geral dentro da universidade e não localizado a esse ou aquele departamento. Relembramos que os dados aqui apresentados não são julgamentos, são dados coletados da percepção de quem trabalha e mantém tais relações dentro do *campus*. Portanto, ao se tratar de fatores que levaram os docentes a associarem há algo que os incomode, é importante considerar suas funções e atividades que ali realizam, suas experiências profissionais, as circunstâncias em que eles exercem seu ofício.

Na “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty coloca o corpo para o primeiro plano, revelando-o como sendo o modo através do qual o homem percebe o mundo, assim como a si mesmo. Lembrando que a visão tradicional, esta percepção era explicada ora em uma abordagem intelectualista, considerando que o sentido do percebido está na consciência do sujeito, ora em uma visão empirista, entendendo que o sentido está no objeto. Entretanto, a noção fenomenológica de intencionalidade considera que o sentido não se encontra em nenhum dos lados isoladamente, mas sim na relação que se estabelece entre eles.

Portanto, ao compararmos os pensamentos dos grupos, estamos falando do ser que desempenha um papel na percepção do mundo como uma intencionalidade original, há um

movimento gerador do espaço que é o nosso movimento intencional, distinto do movimento do espaço que é o das coisas e de nosso corpo passivo. O incômodo mencionado pelos docentes, é manifestado por meio do seu corpo que se insere no espaço acadêmico, cujo movimento o permite alcançar uma visão global desse espaço. Daí se justifica as percepções serem semelhantes, pois há intencionalidade, ou seja, o ato intencional não parte da coisa em si, segundo Husserl, a coisa é somente percebida quando construímos o sentido e a significação do fenômeno, assim, o que de fato importa neste olhar, é o que está imediatamente dado à minha percepção.

Quadro 10: Maior Satisfação

	<b>MAIOR SATISFAÇÃO</b>
<b>GRUPO</b> 1	D- O aprender J- Alguns alunos K- Momento em que está com seus alunos M- Reconhecimento dos alunos
<b>GRUPO</b> 2	G- Seus alunos H- Dividir o sabe com seus alunos I- Conquistas e seus alunos L- Seus alunos
<b>GRUPO</b> 3	F- Seus alunos O- Alunos P- Alunos interessados R- Resultado positivo dos alunos
<b>GRUPO</b> 4	E- Trabalhar com gente N- Fazer a diferença na vida dos alunos Q- Reconhecimento dos alunos
<b>GRUPO</b> 5	A- Seus alunos B- A maturidade dos alunos quando saem C- Seus alunos S- Casos pontuais T- Troca com seus alunos

Aqui as respostas foram praticamente todas iguais. Para os docentes entrevistados, sua maior satisfação manifesta-se em seus alunos. Não importa a rigidez da área, se esta trata

de assuntos mais sociais, humanos ou objetivos; ou se possuiu maior destaque ou menor visibilidade social. Os professores mostraram que são marcados por sua vivência em diferentes realidades junto com seus alunos, todos eles apresentaram-se satisfeitos dentro de sua profissão com eles. Isso mostra uma relação que valoriza um aspecto essencial na constituição do sujeito docente, pois sua satisfação justifica-se nessa interação mediada pelo conhecimento. Ao valorizarem a diversidade e as experiências dos alunos, eles mostraram compreende-los em suas diferenças também, seja enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, dificuldades, desejos, projetos e hábitos que lhe são próprios. No espaço da universidade eles encontraram esses sujeitos com os quais estabelecem relações de troca, de intimidade, de tensão e até de conflito, mas que ainda assim, entrelaça suas vidas diariamente, dando um verdadeiro significado a essas experiências dos modos mais diversos. Portanto, não importa a área em que atua, importa é forma que percebe suas emoções.

Aqui podemos verificar que só sei do outro, só conheço o outro, ou outra consciência, outro ego, a partir da consciência da experiência vivida pelo sujeito, distinguindo a percepção do percebido, e que nossa relação com o objeto nunca é estática, ela é sempre uma relação construída de uma consciência anterior. Portanto, comparar os grupos sob esse enfoque, nos proporciona uma nova compreensão do ser humano, em sua realidade existencial corpórea, incluindo a linguagem sensível, a capacidade de percepção e do movimento, ações que estão presentes na condição humana, seja nas inúmeras relações que se implementem dentro e fora da instituição acadêmica, ou em quaisquer espaços em que se esteja.

Quadro 11: Percepção Professor x Pesquisador

	<b>SE PERCEBE COMO PROFESSOR OU PESQUISADOR</b>
<b>GRUPO</b> 1	D- Professor J-sem resposta K- Os dois andam lado a lado M- No meio, entre os dois
<b>GRUPO</b> 2	G- Os dois H- Professor I- Os dois L- Os dois
<b>GRUPO</b>	F- Os dois

3	O- Pesquisador P- Meio termo R- Os dois
GRUPO 4	E- Professor N- Professor Q- Pesquisador
GRUPO 5	A- Os dois B- Professor C- Professor S- Professor T- Professor

Na procura de tentar compreender o desenvolvimento profissional docente, percebe-se então, uma mudança de paradigma entre ser o professor e o ser pesquisador. É interessante captar essa percepção de compreensão do docente sobre si, o que, diante do exposto, nos leva a refletir nos desafios que alguns devem enfrentar se vendo tão divididos diante da complexidade desta condição.

As respostas dos docentes para esse item já demonstraram um pequeno grau de diferença entre os grupos. Prevaleceu na área das humanas a visão da percepção para o ser professor; diferente das outras áreas, que em sua maioria, não houve a distinção entre se perceber como professor ou pesquisador, eles se viam como os dois, foram poucos que disseram que se percebem como pesquisadores apenas.

Considerando que as incidências subjetivas nos discursos deles não interferem na área em que atuam, pois o que prevalece é a sua história, expressando os valores de suas representações nos diferentes campos da sua vida, inclusive no exercício da docência. Assim, há sempre que considerar que os docentes, mesmo inseridos em segmentos diferenciados dentro da UFS, são sujeitos socioculturais, pessoas plurais, que têm projetos pessoais, mas que seus desejos e significados referente a forma como se percebem, decorrem de suas experiências no mundo sob a influência de todas as dimensões que os constituem.

Dessa forma, se perceber como professor, ou como pesquisador, é representar a presença concreta da vida, fazendo sua história e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história. Se perceber como todo, a junção de professor e pesquisador, é entender que eu sou meu corpo, e não simplesmente eu tenho um corpo.

Quadro 12: Relação com seus pares

	<b>SUA RELAÇÃO COM SEUS PARES</b>
<b>GRUPO</b> 1	D- Boa J- Não boa, não lhe agrada K- Tranquila M- Sem problemas
<b>GRUPO</b> 2	G- Cordial, de coleguismo H- Muito boa I- Conflituosa L- Boa
<b>GRUPO</b> 3	F- Com problemas com os colegas O- Boa P- Boa R- Afastado dos colegas
<b>GRUPO</b> 4	E- Boa, algumas amizades e outros coleguismo N- Boa, cordial Q- Tranquila
<b>GRUPO</b> 5	A- Permeada de institucionalidade, respeitosa e algumas de amizade B- Agradável C- Difícil, complicada S- Relações orgânicas, amigos íntimos, inimigos cordiais T- Muito boa

Buscamos nesse quadro comparar a visão que os docentes possuem de suas relações com seus pares, aqui mostrou-se que apenas o grupo 4 consegue manter relações tranquilas e de amizade, sem demonstrar nenhum tipo de insatisfação ou conflito referente aos seus colegas, o diferenciando dos demais grupos, onde nestes foram exteriorizadas relações conturbadas, de inimizade e de trato difícil, sendo relatado poucas relações cordiais.

Destacamos que o sentido atribuído às relações por cada grupo, remete uma percepção mais uma vez similar, embora seja necessário pensar que a intenção e experiências desses professores interferem sobre sua percepção, diferenciando o modo como se integram e participam na universidade. Ao observarmos as implicações na forma de ser e agir dos docentes, não podemos desconsiderar as influências que sofrem em cada departamento, ou seja no seu meio pessoal, onde os bens culturais e a rotina influenciam a sua percepção.

O destaque dado para a relação com seus colegas no leva a indicar que sua percepção diz respeito a uma busca pela identificação com os diferentes pares, ou seja, para que o outro possa ser reconhecido eu o comparo comigo mesmo, seja por projeção ou introjeção. Aí é que ocorre o engano, pensar dessa forma exclui a possibilidade do reconhecimento do outro em sua diferença. Na visão da fenomenologia, sugere-se que é a partir da experiência perceptiva, por meio do corpo vivido, que se é possível o reconhecimento do outro sendo diferente em suas expressões. Como já foi dito anteriormente, a intersubjetividade permite a partilha dos sentidos, das experiências e do conhecimento entre os sujeitos, isso implica com a questão de saber como é que nós resolvemos as nossas diferenças, ultrapassando nossos pensamentos pessoais e partilhamos as nossas subjetividades.

Ao comparar os grupos segundo a noção de intersubjetividade, indicamos que, cada indivíduo, compondo seu departamento, grupo e o todo universitário, ele expõe sua opinião do mundo com o qual ele se relaciona, que é o resultando tanto de marcas singulares na formação do indivíduo, quanto na construção de crenças e valores compartilhados em seu meio.

Quadro 13: Percepção da relação dos pares

	<b>PERCEPÇÃO DA RELAÇÃO DOS PARES ENTRE SI</b>
<b>GRUPO</b> 1	D- Relação boa, mas não afetuosa J- Não respondeu K- De grupos M- Não respondeu
<b>GRUPO</b> 2	G- De coleguismo H- Relações cordiais, de amizade I- Grupos isolados L- Boas
<b>GRUPO</b> 3	F- Individualistas, de inimizadas O- Afinada P- De atrito, mas boa relação R- Dispersa, relação distante
<b>GRUPO</b> 4	E- Subgrupos, competitividade N- Grupais, partidárias, mas respeitosas Q- Tranquila
<b>GRUPO</b>	A- Relações de interesse

5	B- Grupais, desafetos, mas harmoniosa na maioria C- Relações políticas S- Cada um com sua orientação T- Individualistas
---	--

O interessante é observar como é mais fácil para os docentes ter a percepção do outro do que de si próprio. Isso foi uma característica de todos os grupos. Ora, se em um certo momento as relações consigo são boas, em outros momentos não são tão boas assim para os seus pares. Aqui podemos afirmar que é unânime a percepção que os docentes tiveram, quanto diz respeito ao relacionamento de seus colegas: existência de conflitos em todos os departamentos. Dessa forma, podemos fazer a relação entre professor x professor indicando que existe pouca troca de afetividade, conflitos isolados dentro dos departamentos e dilemas a serem resolvidos no âmbito profissional. Embora, o grupo 4 tenha demonstrado haver um certo nível de relacionamento tranquilo.

Aguçar o olhar para as diferenças é uma importante contribuição para se perceber e perceber os outros, isso estimula a integração, não se cria tanta expectativa sobre alguém e os interesses individuais passam a serem vistos como coletivos. É preciso considerar também as transformações das instituições, dos valores sociais e das exigências que a UFS determina para cada departamento, que atinge de certa maneira as expectativas individuais dos docentes.

É cobrado desse profissional que ele responda adequadamente às exigências sociais, e de melhoria na qualidade e quantidade de produção acadêmica, criando disputas entre si. Cada qual vai se apropriando de maneiras de trabalhar, bem como de perceber o outro e o meio, tudo isso dentro de um contexto de complexidade e subjetividades. Ora, os professores são mediadores ativos do saber e dos valores, e esse ato de mediar exige deles posturas pessoais que envolvam disposição, comprometimento, criatividade e ética, no entanto, isso não se desenvolve somente pela força da vontade pessoal ou pela ação instrumentalizadora de suas atividades. Os docentes querem e precisam ser vistos e ouvidos como seres integrais; portanto, respeitá-lo como sujeito pressupõe também ter a competência de se perceber no outro.

Quadro 14: Significado do corpo

	<b>SIGNIFICADO DE CORPO</b>
GRUPO 1	D- Máquina, instrumento J- Não pensa sobre isso



	K- Sustentação, o que conduz M- Interconexão
GRUPO 2	G- Um organismo, um todo H- Corpo docente, corpo discente, junção de pessoas I- Saúde L- Ser vivo
GRUPO 3	F- Ser vivo O- O meio no qual se passa nesse plano P- O que nos mantém vivos R- Inovação
GRUPO 4	E- Expressão, é tudo N- Materialização do espírito Q- Indivíduo como todo
GRUPO 5	A- Altar B- Materialização da existência C- Possui uma visão holística S- Era uma domesticação, hoje é um pouco diferente T- Troca

Neste questionamento, ao fazermos as comparações, notamos que os professores das áreas ditas “duras” possuem uma visão do corpo mais cientificista, ou seja, este é definido como uma matéria, um organismo, uma máquina pronta para servir e que necessita de manutenção. Vimos o corpo sendo docente e discente, e simplesmente aquilo que os mantém vivo. O grupo que mais exteriorizou sua percepção se aproximando da visão do corpo próprio, foram os docentes do grupo 5, justamente o da área das ciências humanas, vendo-se com a perspectiva possuidora de um corpo sujeito.

A imagem que relataram sobre o corpo está bem distante daquela dita por Merleau-Ponty, “Eu sou meu corpo e não eu tenho um corpo...”. Pensar o corpo em si, separado, isolado do mundo, é outra abstração que resultou da percepção dos docentes, lembrando que toda a nossa apreensão do mundo é dada pelos sentidos do corpo que somos.

Lembramos mais uma vez que nossa pesquisa descreve o vivido pelo docente, aquilo que foi refletido por ele, que foi separado pelo seu pensamento, exteriorizando a experiência consigo, com o outro e no mundo. Já mencionamos “que somos”, e não que temos... um corpo, e esta é uma distinção fundamental. Todos os grupos mais uma vez mostraram um pensamento semelhante, descrevendo o eu proprietário do corpo, ou o corpo coisificado. Ora,

com certeza o limite do corpo não é a pele, ou epiderme. Eu posso me imaginar em um acontecimento passado: estou lá agora, ao mesmo tempo, e em tempos diferentes. Portanto, o corpo pensado na periferia de sua pele, não é o corpo que sou, que vivo. Logo, descrever a qualidade de nossa relação com o mundo através do corpo que somos, é perceber que através dele que se dá todo contato e reconhecimento do mundo e com nossos sentimentos traduzidos em sensações corporais. Isto significa que não basta descrever as coisas mesmas, mas é necessário descrevermos nosso olhar. Fazer fenomenologia não é simplesmente descrever um corpo, mas sim a qualidade e os significados de uma experiência, que esteja intimamente relacionada com este corpo.

Quadro 15: Corpo/UFS/Saúde

	RELAÇÃO DO CORPO/ SAÚDE /UFS
GRUPO 1	D- Relação direta J- Não respondeu K- Não respondeu M- Você se deixa ser consumido pelo sistema
GRUPO 2	G- Tem tudo haver uma coisa com a outra H- Relação direta I- Não respondeu L- Não respondeu
GRUPO 3	F- O trabalho interfere na vida O- Teria que pensar sobre isso P- Procura dosar a atividade para não prejudicar a saúde R- Não sabe se tem relação
GRUPO 4	E- Estão interligados N- Não fica doente por causa da UFS Q- Pode afetar a saúde dependendo de como se lida com os problemas
GRUPO 5	A- A relação do trabalho não é separada de si B- O trabalho não interfere na saúde C- Acha que possui doença desenvolvida no trabalho S- UFS é fonte de ansiedade constante T- Precisa estar bem com os três

E finalizando, aqui mais uma vez concretizou-se a semelhança entre os pensamentos dos docentes. A grande maioria dos grupos percebem os três itens mantendo uma relação

direta, ou seja, eles acham que os itens estão ligados sim. Os entrevistados nos revelaram que a profissão docente fica influenciada por processos que faz com que eles atuem em busca de melhores condições de trabalho, lutando contra uma sobrecarga de tarefas, e de um ambiente mais harmonioso. A busca de uma melhor qualidade de vida, inclusive no ambiente profissional, requer um maior desenvolvimento de habilidades perceptivas necessárias para tal conquista.

Voltamos a afirmar que o nosso corpo não está no espaço: ele é o espaço, isso seria a síntese geral do Corpo Próprio, aquele que nos dá o mundo e um significado para ele, e esta significação é construída pela experiência. O corpo figura como mediador da relação do homem com o mundo e se desdobra em outras noções como a intersubjetividade e a intencionalidade. Merleau-Ponty considera que o sentido não se encontra em nenhum dos lados isoladamente, mas sim na relação que se estabelece entre eles. Entendemos que o mérito de Merleau-Ponty está justamente em mostrar que esta relação é mediada primordialmente pelo corpo.

Sugerimos que resultado final desta comparação entre os grupos, é que não importa a área de atuação do docente, seja ele tratando com colegas e alunos, com máquinas e equipamentos, com produtos químicos, com células e animais, com a lógica da matemática e dos números, ou ainda filosofando e educando; eles mostraram percepções semelhantes para determinados fatos. O que nos leva a responder que não importa se a área em que atua é mais objetiva ou mais cheia de subjetividade, o que de fato ficou claro é que são seres em constante construção, que buscam para si e para seu ambiente de trabalho momentos de mais tranquilidade, menos pressão, mais harmonia e integração. Os docentes aqui revelaram que não se diferem por conta de um departamento mais “rico” ou equipado, de terem um acesso maior a bolsas, ou qualquer tipo de privilégio ou destaque social. Não. Mostraram que o problema que os atinge é comum à todos, o que difere são os modos como encaram as situações vividas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os fundamentos estudados, penso que qualquer elemento que envolva a percepção passa pela experiência do ser inteiro inserido no mundo, pela sua inovação e pela intersubjetividade. Penso ainda que, como sujeitos, estabelecemos uma relação permanente com o mundo, estamos imersos nele, da mesma forma que a consciência está entranhada no corpo. Matthews (2010, p.66), nos mostra que “O sujeito que percebe tem que estar situado dentro do mundo – num lugar e tempo específicos. Um sujeito percebe o mundo, como dissemos, de uma certa perspectiva ou ponto de vista”. Defendo assim a importância do entendimento de que vivemos a todo instante em contato com outros sujeitos, sendo percebido e percebendo-os, estamos a todo momento estabelecendo linguagens, experimentando a intersubjetividade, onde nenhum estímulo externo é vivido em si só, mas dentro de um campo fenomenal em que sujeito e objeto fazem parte da mesma experiência. Esclareço que estou descrevendo o que percebi, não se trata portanto de traçar julgamentos. Relato o percebido que por certo não está pronto e nem tão pouco acabado, mas em constante construção, em movimento. Narro tão somente o significado dado a uma determinada realidade e não me cabe avalia-la, pois esta foi construída pelo sujeito da ação.

Ao iniciar as entrevistas, fui fazê-las com sede de conhecer os professores entrevistados, de buscar algo que na verdade nem tinha muita ideia do que seria e do que iria encontrar, queria obter dados, precisava colher material para estudo, necessitava cumprir as etapas programadas, e em meio a esse movimento do rigor científico encontrei o Ser Humano. Sem títulos, sem status, sem Lattes, sem cargos, importante sim, mas como pessoa que tem uma história vivida, uma família, um emprego, sente vontades, desejos, possui sonhos! Descobri muito mais do que fui buscar, encontrei pessoas reais, com projetos de vida reais, sem estigmas, redomas, pedestais, volto a afirmar: percebi e reconheci neles o humano em suas fragilidades, em suas angústias, revoltas, cansaço; seres com vida. Não são máquinas de reprodução, não são um currículo, não são sobrenomes em “caixa alta”, não são partes de capítulos, não são teorias: são a prática carregada de vida.

Acredito que o desabafo colocado em muitas entrevistas foi em nome de uma mudança, de uma esperança por um ambiente melhor de trabalho, por um relacionamento mais harmonioso, por uma universidade mais justa e engajada com o social. Encontrei

sonhadores, rebeldes, pacíficos, atuantes políticos. Pessoas que buscam se descobrir, se reconhecer, crescer e até mudar. Não existe respostas certas ou erradas para definir um viver.

De acordo com o pensamento de Merleau-Ponty, quando ele dá ênfase na relação eu e o outro, ele nos mostra que é através do Corpo Próprio que acontece o processo de reciprocidade, “o homem é espelho para o homem”, nos ensinando que é por meio de seus sentidos que é possível o sujeito ser sensível ao mundo. Assim, foi possível identificar que nem sempre isso acontece na vida dos docentes, esse processo de reciprocidade ainda está latente, pulsante, mas ainda não brotou. Destacou-se uma certa inércia diante de um mundo comum, que os leva a ignorar que: “é justamente meu corpo que percebe o corpo do outro, encontrando nele um prolongamento milagroso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de se relacionar com o mundo” (MERLEAU-PONTY, p.474, 2011). Ora, se de fato compreendermos este pensamento e o aplicássemos no nosso dia a dia, qual seria a razão de alguns docentes viverem tão sem harmonia com seus pares? De onde viriam então as disputas pessoais, as brigas departamentais, as agressões indiretas e por vezes diretas até demais? Seria pelo fato de carregarmos o pensamento sobre o aspecto corporal sempre ambíguo da percepção? Eu e outro, mente e corpo, certo e errado, professor e pesquisador, meu e seu, ação e reação? Precisar essas respostas dentro de um trabalho científico é impossível, não há como mensurar, medir, catalogar tais posicionamentos, sentidos e significados, somos seres subjetivos, cada ação é única, cada sentir é pessoal e intransferível, cada olhar possui um lado, por isso deixo as questões para reflexão. Podemos e devemos refletir sobre cada uma delas, de expor o que foi percebido e responder a pergunta pela qual iniciamos a trajetória do estudo, onde questionamos como os diferentes professores experienciam uma certa condição perceptiva que é comum a eles. E assim, apresento o que foi captado sobre a percepção dos professores da UFS sobre a docência no Ensino Superior e seus relacionamentos no *campus*; diria que diante dos dados coletados observei os seguintes sentidos:

A convivência durante as entrevistas com os professores universitários indicou que muitas outras questões poderiam ser arroladas para outros trabalhos. Os impasses que os professores enfrentam, cada vez menos, dizem respeito ao domínio do conteúdo de suas matérias de ensino, consistindo este, em apenas em um de tantos outros desafios da docência universitária. De modo geral, podemos dizer que os problemas relacionados ao conteúdo das disciplinas e aos alunos têm diversas vertentes de menor pertinência e importância pelo relato dos docentes, mas não é o que gera desconforto na atividade acadêmica e principalmente no ser docente.

Os docentes expuseram que alguns fatores são merecedores de reflexão no que diz respeito a UFS, exteriorizaram um desconforto relativo a lógica produtivista da própria universidade, que enfatiza a quantidade de pesquisas como fonte de prestígio na atividade acadêmica, onde a cobrança da instituição por profissionais cada vez mais “qualificados” é absurda, tornando o ser docente uma “máquina” de produção de artigos, sem ter o real respeito pelo ser humano ali existente. A Intencionalidade do ato muitas vezes se perde com a consciência do fato, revelou-se muitas vezes que existe uma intenção explícita da universidade em promover seu crescimento, porém não existe a consciência das consequências. Isso prova a teoria da Percepção de Merleau-Ponty (2011) onde nos ensina que só temos consciência daquilo que de fato vivenciamos. Sendo assim, a UFS ao se mostrar distante dos problemas cotidianos, ela não consegue perceber a dimensão do todo que ela envolve, e por vezes, deixa que os docentes se sintam incomodados com certas atitudes que ela toma, ou pior, com certas atitudes que ela não toma.

Os entrevistados externaram que em algumas situações existe a necessidade de modificaram sua maneira de ensinar por não terem os meios e tempo suficientes para conseguirem responder a tantas cobranças: seja para realizarem estudos em pesquisas e analisarem seus resultados, seja na produção de artigos, orientação, aula, participarem de congressos, sem falar das cobranças administrativas e burocráticas e do próprio “status” que a profissão criou sobre uma expectativa social, gerando entre seus pares uma relação de certo desconforto, enfrentamentos, disputas e vaidades, e em raros casos, algumas parcerias produtivas e sinceras.

O que os docentes relataram foram circunstâncias políticas que vêm definindo as condições objetivas do trabalho na universidade, ou seja, a rapidez com que são implementadas as novas diretrizes destoam do ritmo natural da reflexão acadêmica que naturalmente é mais lenta e necessita de tempo, de prazos e perspectivas mais largas. Eles nos mostraram que as ações humanas são sistematizadas e o sujeito da ação (os docentes) ignorado, tornando por exemplo, as relações entre docentes e técnicos de um trato difícil e distante, gerando um desgaste desnecessário e conflitante, onde quem sai perdendo é o próprio sistema, pois as ações não fluem e não há o avanço esperado. O equilíbrio entre eles seria desejável para garantir o mínimo necessário para o funcionamento no meio acadêmico, se um conseguisse se reconhecer no outro, entender suas limitações e necessidades, já seria um grande avanço para este processo.

A percepção dos docentes relatada nas entrevistas nos mostraram uma universidade longe de ser humanizada e apenas possuidora de um discurso ético, onde um finge ser o que não é, e o outro finge acreditar nisso. Dessa forma, penso que as decisões pessoais não são autônomas; são dependentes das relações interpessoais de produção e de outros interesses da instituição universitária. Foi identificado em algumas falas (por relato se referindo ao outro, nunca a si próprio), alguns docentes universitários acomodados, esperando que seus pares resolvam os problemas de seu departamento, como se eles ali não tivessem nenhuma responsabilidade de construir juntos a solução. Se distanciam, mas querem colher os frutos sentados a sombra de seus colegas (como por exemplo não escrever artigos e apenas colocar seu nome como coautor). Embora, houvesse também depoimentos que, ao contrário dos mais acomodados, alguns buscam a autonomia em suas ações, chegando a se indisporem com os demais colegas justamente por pensarem diferente dessa situação, por não concordarem com a postura e as ideias de seus colegas sobre estes e outros assuntos pertinentes ao seu departamento.

Foi exposto também que em alguns casos, o docente contempla um certo conservadorismo em sua trajetória acadêmica, ou seja, ele mantém uma convivência e um implícito comprometimento com essa ordem estabelecida, acatando ao “autoritarismo” disfarçado em coleguismo, e demonstrando uma certa condição submissa ao conjunto de normas que, no seu rigor e racionalidade técnica, não ajuda em nada na resolução de problemas do cotidiano universitário e que, em geral, se traduz em relações hierarquizadas, gerando em alguns casos dentro dos departamentos uma certa “disputa” por um falso ou momentâneo poder. Despertando no “Eu” e no “Outro” sentimentos e significados que nada contribuem para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Percebi através de seus relatos que não se leva em conta que a docência universitária é um espaço de conexão de conhecimentos e subjetividades, tudo indica que há uma relação entre a prática social objetiva dos docentes, onde a carreira universitária apenas se estabelece pela perspectiva dele cumprir esforços na dimensão científica, e a universidade, com a sua preocupação de instituição, cobrando a uniformidade da transmissão e globalização dos conteúdos e dos processos que se revelam, que por vezes, são pouco adequados ao quadro atual em que se insere.

A pesquisa visualizou que alguns docentes se mostraram muito insatisfeitos no que se refere as condições de trabalho, quando por falta de materiais e condições físicas da UFS, colocaram de seu bolso dinheiro para poderem trabalhar, comprando materiais básicos para

conseguirem dar aula. Como também indicaram um nível de aborrecimento frente as atitudes de alguns de seus colegas, que por não concordarem com certas atitudes e escolhas de alguns, no que se refere a ética, a produção e ao respeito com os demais pares.

Sérios problemas no meio acadêmico também configuraram em seus discursos, como relatos sobre professores com dependência química, usuários de drogas e de bebidas alcoólicas demonstraram ser um grande incômodo e preocupação na percepção dos docentes, bem como a falta de interesse da universidade em enfrentar tal realidade, ignorando por completo um fato tão sério. Novamente destacamos a separação do eu e do outro nas relações, como se o meio acadêmico não pertencesse a um todo e de se ter a consciência de que o que atinge um, irá de alguma forma me atingir também. Por isso, investir no ser e colocar o mundo acadêmico em suspensão pode ser uma escolha para os espaços formativos, principalmente se a outra opção for a busca da compreensão pelo sujeito, que envolve o conhecimento de si, do outro e do mundo.

Ficou explícita a decepção dos docentes com a baixa qualidade de certos alunos que entram na universidade, onde eles esperavam uma maturidade e o mínimo de conhecimento, muitas vezes encontraram alunos completamente despreparados e imaturos para assumirem uma vida acadêmica, exigindo dos docentes um maior grau de dedicação e muitas vezes sem o retorno esperado de ambas as partes. Identificamos em algumas falas dos docentes que a concepção da docência ainda é encarada como um dom e carrega um certo desprestígio em sua condição acadêmica, colocando os conhecimentos pedagógicos a um segundo plano, chegando a desvalorizar o docente e dar maior valor ao pesquisador, deixando bem claro que não se percebem como um ser único. Neste caso a dicotomia prevalece mais uma vez, o ser docente ainda não se percebe como um ser inteiro, continuando a manter uma divisão do seu eu.

Um dos questionamentos que fizemos foi para saber se a intersubjetividade era uma possível causadora de males físicos e emocionais nos docentes. De acordo com as entrevistas, foi possível perceber que ela contribui para os acometimentos físicos e emocionais, mas não é a única responsável por eles. Foi identificado que a docência possui características particulares geradoras de stress e de alterações do comportamento dos que nela trabalham devido à tensão do próprio ambiente universitário, como a falta de verbas, burocracia excessiva, falta de tempo para cumprir prazos extremamente curtos, falta de manutenção no espaço físico e de equipamentos, das relações amarradas que se operam com os técnicos, das relações competitivas entre os docentes, das relações de poder, e também da falta de relação,



ou seja, do não reconhecimento. Podemos afirmar que a intersubjetividade é um fator importante, mas não é o único.

Esta pesquisa nos mostrou que existem vários olhares, e várias formas de se olhar para o mesmo fato, o mesmo meio e para as mesmas pessoas. Ela nos mostrou que a partir do olhar dos docentes, de suas relações, de sua experiência de vida adquirida pela sua percepção, de seus sentidos e significados com a aprendizagem, com a cultura e com os outros; que os fenômenos existem e são reais, que é necessário ir além e para que isso ocorra, deve-se inicialmente reaprender a ver o mundo, e para que haja essa aprendizagem, há que se ter percepção e intenção para mudar tais fatos.

Outros fatos percebidos durante o processo de entrevista são merecedores também de destaque, como por exemplo a dificuldade encontrada em agendar as entrevistas, a negação dos professores em quererem se expor é um indicativo importante, pois pressupomos que como pesquisadores, são conhecedores da importância desse ato, temos a clareza que nada é obrigatório, que é um favor que o entrevistado nos faz, mas em contrapartida, a recusa seria “normal” para pessoas leigas do mundo acadêmico, não para pesquisadores, que são orientadores. Devemos refletir a esse respeito.

Um fator no qual também chamou muita atenção, foi que quando comparados, o fator idade obteve um destaque interessante: os professores mais jovens, recém chegados ou com poucos anos de UFS, mostraram uma representação bem diferente dos mais “velhos” de casa. Mostraram-se pessoas mais esperançosas, mais crédulas, com mais vontade de fazerem a diferença, de buscar caminhos para melhoras. Não existe em seu discurso o sentimento de disputa entre pares, não existe o sentido do “status” da carreira, encaram a docência como uma profissão, encaram a UFS como um espaço que precisa de melhoria e que eles estão ali para que isso aconteça. Mostraram ter uma visão mais leve da vida, de serem mais compreensivos com os fatos. Se mostraram mais inteiros, mais confiantes, e que se percebem mais também. Possuem uma consciência maior de si, do outro e de seu meio. Procuram viver em harmonia, evitando os conflitos, observando mais, discutindo menos, são gratos.

Observar nos docentes o seu projeto pessoal de vida, ou seja, que todos somos um fio existencial do vir a ser, foi de fato uma experiência muito rica e de um teor humano bastante forte. Poder evidenciar que as relações podem ser estabelecidas entre a vida vivida e a prática pedagógica foi o fruto colhido deste trabalho. Oferecer aos docentes o pensamento que eles podem ir além dos projetos acadêmicos que possuem, harmonizando estes com seus projetos pessoais, e principalmente, entender o sentido do ser encarnado no mundo, isto

porque percebemos que existe uma lacuna na sua compreensão de ser inteiro, que pode ser facilmente acionada quando posta numa atitude reflexiva.

Este trabalho também vai poder oferecer mais um caminho para que os docentes possam se perceber como sujeitos únicos e inteiros existentes no mundo, um mundo que é seu meio natural e o campo de todos os seus pensamentos e de todas as suas ações; e oferecer à eles, quem sabe, mais uma ferramenta para que possa ver seu corpo como mediador entre a sua consciência e o mundo, saber que todo ato físico terá um sentido interior, e ao reconhecer o outro em si, se permitirá viver suas relações com mais harmonia e respeito.

Muito foi captado nas falas dos docentes e em sua experiência vivida no meio acadêmico, teríamos assunto a tratar por páginas e mais páginas, diria que não esgotaria tanta discussão, porém nossa maior pretensão foi descrever a percepção que os docentes possuem sobre o ensino superior e despertar para uma docência mais humanizada e menos mecanizada e de contribuir quem sabe, para o desenvolvimento de pesquisas que tratem do crescimento e consolidação do saber fenomenológico na docência do ensino superior. Ampliar a visão sobre a Fenomenologia e o ser encarnado no mundo, tornar a Fenomenologia mais conhecida para os docentes foi também nossa intenção, pois acreditamos que ela vem ao encontro dos propósitos da educação superior no que se refere ao educar a partir da perspectiva do ser, além de oferecer subsídios para a área de conhecimento em educação e enriquecer discussões em grupos de estudo.

A Fenomenologia nos proporciona entender que o certo e o errado, o feio e o bonito, o melhor e o pior, a alegria e a tristeza são apenas realidades ambíguas, individuais e relativas, criadas pelos seus próprios pontos de vista; é sua percepção que lhe vai proporcionar as experiências adquiridas no decorrer da sua vida. A escolha, ou seja, a intenção pelo modo de olhar o mundo, os seres que nele compõem seu dia a dia, as pessoas com quem você se relaciona, o fazer ou não fazer algo é somente uma escolha, e para fazê-la, será necessário muitas vezes ir em direção contrária da multidão, ir na direção do seu eu, do seu inteiro, do seu ser, e surpreender-se com isso.

## REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria Teresa. **Considerações sobre a Síndrome de Burnout e seu impacto no ensino**. *Bol. psicol* [online]. 2012, vol.62, n.137, pp. 155-168. ISSN 0006-5943. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n137/v62n136a05.pdf> > Acesso em: 17 de julho de 2015.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 10.172, de janeiro de 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm)> Acesso em 02 de fevereiro de 2015.

BRETAS, Silvana Aparecida. **A criação da Universidade Federal de Sergipe: história, política e formação da comunidade acadêmica, (1950-1970)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty**. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 2010.

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Corpo, Motricidade e Subjetividade em Merleau-Ponty. In: **Merleau-Ponty em João Pessoa**. CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. (org.) João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p. 39.

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Fenomenologia e Educação**. Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano V, n. 2, p. 11-21, jul.-dez. 2012. ISSN 1984-5561. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/viewFile/762/412>>. Acesso em: 22/08/2015

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Percepção e motricidade**. *Cronos, Natal-RN*, v. 9, n. 2, p. 333-347, jul./dez. 2008. Disponível em < <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/1780-5250-1-PB.pdf> > Acesso em: 02 de agosto de 2015.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e ciências humanas**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

CARVALHO, Elma Júlia de. **Reestruturação produtiva reforma administrativa do estado e gestão da educação**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1139-1166, set./dez. 2009, p. 1139. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a11.pdf> > Acesso em: 30 de março de 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (orgs). **500 anos de educação no Brasil**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 606 Disponível em: <[www.densf.xpg.com.br/ensino superior e universidade no brasil.doc](http://www.densf.xpg.com.br/ensino_superior_e_universidade_no_brasil.doc)>. Acesso em: 23 de abril de 2015.

CUNHA, Luiz Antônio. **Qual universidade?** São Paulo, Cortez, 1989. 87p. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/705/628>>. Acesso em: 28 de junho de 2015.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Moraes, 1992.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A autonomia universitária – extensão e limites**. 2005. Disponível: <http://www.ufam.edu.br/attachments/article/2317/Artigo%20Autonomia%20Universit%C3%A1ria%20Eunice%20Durham.pdf>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

EDWARD M. Anthony. **Abordagem, Método e Técnica**. Tradução: MEIRELES, Andreza J; RODRIGUES, Vânia M. Albuquerque; ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Universidade de Brasília-UnB. Revista Helb, ano 5, n.5. 1/2011. Disponível em: <[http://www.helb.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=187:abordagem-metodo-e-tecnica&catid=1111:ano-5-no-5-12011&Itemid=16](http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=187:abordagem-metodo-e-tecnica&catid=1111:ano-5-no-5-12011&Itemid=16)>. Acesso em: 25/08/2015.

FERREIRA, Sônia Maria Lira. Consciência e Liberdade: dialogando com Husserl e Sartre. In: **Percepção, corpo e subjetividade**. CAMINHA, Iraquiton de Oliveira, SILVA, Marcos Érico de Araújo (orgs). São Paulo, SP: LiberArs, 2013, p.165.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad.: Sandra Netz. – 2 ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004.

GALLO, Sílvio. Corpo ativo e filosofia. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006, p.24.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2012.

GOMES. William B. **A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente**. Psicol. USP, vol. 8, n. 2. São Paulo, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641997000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200015)>. Acesso em: 10/10/2015.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 10ª ed. Campinas: Papirus, 2007.

GÜNTHER, H. **Como Elaborar um Questionário**. Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº01. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003.

HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas – Primeiro volume – Prolegómenos à Lógica Pura**: de acordo com o texto da Husserliana XVIII editado por Elmar Holenstein. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005. (Phainomenon - Clássicos da Fenomenologia)

HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma fenomenologia pura e para um filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006. (Coleção Subjetividade Contemporânea).

HUSSERL, Edmund. **A idéia da fenomenologia**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 1989.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas**: Introdução à Fenomenologia. São Paulo: Madras, 2001.

KLÜBER, Tiago Emanuel; Burak, Dionísio. **A Fenomenologia e suas contribuições para a educação matemática**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, PR, v. 3, n. 1, p. 95 - 99, jan.-jun. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/346-1600-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 21/08/2015.

KULLOK, Maísa Gomes Brandão. Uma nova concepção da educação superior. In: FERNANDES, Cleoni Maria Barboza; GRILLO, Marlene. (organizadoras) **Educação superior: travessias e atravessamentos**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001, p.131.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Docência no Ensino Superior**: dos fios da prática aos desafios da construção do conhecimento. Texto apresentado no Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) em Porto Alegre– abril 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmaz de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MARCHESI, Álvaro. **O bem-estar dos professores**. Tradução: Naila Tosca de Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Comunicação e Identidade**: quem você pensa que é? São Paulo, SP: Paulus, 2010.

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Série Compreender).

MELLO, Marco. **O que é um professor universitário?** 2015. Disponível em: <<https://marcoarmello.wordpress.com/2015/02/12/professor/>> Acesso em 04 de maio de 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura - 4ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira – São Paulo: Perspectiva, 2012.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **As aventuras da dialética**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Classificação da pesquisa. In: MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, p.244.
- MOREIRA, Wagner Wey. **Croniquetas: um retrato 3X4**. Piracicaba: Unimep, 2003.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho. **Os desafios da educação superior em Sergipe Transição do Século XX ao século XXI**- 2006. Disponível em: <<http://jorge-educahist.blogspot.com.br/2011/03/os-desafios-da-educacao-superior-em.html>>. Acesso em: 10 julho. 2012.
- NOBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidade e Educação Física: do corpo objeto ao corpo sujeito**. 2 ed, Natal, RN: EDUFRN, Editora da UFRN, 2005.
- NOBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. Estudos de Psicologia, vol.13, núm.2, agosto 2008, p.p. 141-148. Universidade do Rio Grande do Norte – Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26113602006>> Acesso em 23 de janeiro de 2015.
- NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e sua formação. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 9-33
- NÓVOA, Antônio. *Entrevista*. Grupo Abril. Beatriz Vichessi (bvichessi@fvc.org.br) e Gabi Portilho. 7, setembro 2014. Disponível em: Revista Escola, Abril. <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/entrevista-educador-portugues-antonio-novoa-716412.shtml>> Acesso em 04 de dezembro de 2014.
- OLIVEIRA, Benerval. **A fenomenologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 1983.
- OLIVEIRA, João Ferreira de. Reforma da educação superior: mudanças na gestão e metamorfose das universidades públicas. In: PEREIRA, Filomena M. de A.; MULLER, M. Lúcia R. **Educação na interface relação estado/sociedade**. Cuiabá: EDUFMT/ Capes, 2006. v. 1, p. 11-21.
- OLIVIER, Giovanina Gomes de Freitas. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal a consciência corporal e a corporeidade**. 108p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1995. Disponível em <[http://www.unicamp.br/anuario/95/biomedic as/mode](http://www.unicamp.br/anuario/95/biomedic%20as/mode) > Acesso em 03 de maio 2015.

REZENDE, Antônio Muniz de. **Concepção Fenomenológica da Educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)

RIBEIRO JR., João. **A fenomenologia**. São Paulo: Pancast, 1991.

SANTOS, Luiz Anselmo Menezes. **O Corpo Próprio como princípio educativo a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty**. Tese de Doutorado. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação, 2012.

SANTOS, Luiz Anselmo Menezes; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; FREITAS, ANAMARIA Gonçalves Bueno. O Corpo Próprio como princípio educativo: reflexões a partir das contribuições de Merleau-Ponty. In: HERMIDA, Jorge Fernando; ZOBOLI, Fábio (Org.). **Corporeidade e Educação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p.77-114.

SALES, Mônica Patrícia da Silva. **Docência no ensino superior nas representações sociais de estudantes**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da. **Fenomenologia e educação: uma abertura recíproca**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 59-64, jan./jul. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/viewFile/11506/11004>> Acesso em 31/08/2015.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas do corpo na história da Educação Brasileira**. Salvador, EDUFBA, 2009.

SOUZA, Eliana. **História e Memória: Universidade Federal de Sergipe 1968-2012**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **Da condição docente: primeiras aproximações teóricas**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-43, maio/ago. 2007. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a07v2899.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a07v2899.pdf)>. Acesso em 22 de janeiro de 2015.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996, p.435.

UFS. **Anuário Estatístico da UFS 2010-2012**. In: OLIVEIRA, Kleber Fernandes de. (Org.) SANTOS, Rosalvo Ferreira. São Cristóvão: COPAC/COGEPLAN. 290 p.

UFS. **UFS em números 2013/2014**. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.32 p.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino Universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## ANEXOS

### Anexo 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CORPO PRÓPRIO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA VIVIDA DOS PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS**

### **Justificativa:**

O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa se justifica por acreditarmos que o Corpo Próprio é movido por intenções, e estas se manifestam através deste corpo de uma forma relacional interagindo com os outros e com o mundo vivido, buscamos captar e descrever a diversidade desse fenômeno vivido pelos docentes. Ao entendermos que a percepção é constituída pela vivência no mundo, desejamos que o Ser Docente possa exterioriza-la, nos apresentando seu olhar sobre si, sobre seus pares e sobre o mundo acadêmico, e assim possamos descrever os diferentes olhares nas diferentes áreas da UFS.

### **Objetivo:**

O objetivo desse trabalho é descrever como os docentes da UFS percebem de modo espontâneo o fenômeno da sua experiência vivida captada através de seu discurso e nas relações que o cercam.

### **Os procedimentos:**

Para a realização da pesquisa, iremos dividir os professores em cinco grupos que serão: Grupo A- CCET; Grupo B- CCBS; Grupo C- CCAA; Grupo D- CCSA; Grupo E - CECH. Serão entrevistados 20 professores dessas áreas. Optamos por realizar a estratégia de investigação por estudo de caso, utilizando o procedimento de coleta de dados através de entrevistas narrativas individuais semiestruturadas e um pequeno questionário.

**Desconfortos e Riscos:** Não existem desconfortos e nem riscos para a participação desta pesquisa uma vez que esta será apenas para responder ao questionário e entrevista.

**Garantia de Esclarecimento, Liberdade de Recusa e Garantia de Sigilo:**



Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo, você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no NPGED da Faculdade de Educação da Universidade de Sergipe e outra será fornecida a você.

**Custos da Participação, Ressarcimento e Indenização por Eventuais Danos:**

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE.**

Eu, \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e mudar ou motivar minha decisão se assim o desejar. Em caso de dúvidas poderei chamar a estudante/pesquisadora CARLA NERY MAGALHÃES, ou o professor orientador LUIZ ANSELMO MENEZES SANTOS no telefone (79) 9813-1717.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Aracaju, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

Participante

---

Pesquisadora Carla Nery Magalhães

## Anexo 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**Título da Pesquisa:** A Docência na Educação Superior: Considerações acerca do Corpo Próprio a partir da experiência vivida dos Professores da Universidade Federal de Sergipe – UFS

**Mestranda:** Carla Nery Magalhães

**Orientador:** Profº Drº Luiz Anselmo Menezes Santos

**Roteiro de Entrevista**

**1- Caracterização do Participante feita por Questionário**

- Questionário constando: Nome (opcional, pois os entrevistados serão identificados por letras), Idade, Gênero, Estado Civil, Formação, Local, Departamento, Cursos em que atua e Tempo de Atuação.

**2- Entrevista**

- Após responder ao questionário, se iniciará a entrevista individual, semiestruturada e gravada.

• 10 Perguntas:

- 1- O que significa a docência no ensino superior para você e por que a escolha em ser docente?
- 2- O que significa para você trabalhar na UFS?
- 3- O que mais lhe incomoda no seu dia a dia dentro da sua profissão e no seu meio de trabalho?
- 4- E o que mais lhe traz satisfação no seu dia a dia dentro da sua profissão e no seu meio de trabalho?
- 5- Você se percebe mais como professor ou como pesquisador?

- 6- Como você descreveria sua relação com seus colegas de trabalho?
- 7- Você poderia narrar como se dá as relações entre seus colegas de profissão dentro do campus.
- 8- O que significa corpo pra você?
- 9- Poderia fazer uma relação entre seu corpo, a sua saúde e o seu trabalho na UFS?
- 10- Que providências ou atitudes você assume em relação ao cuidado com sua saúde e ao seu bem estar?
- 11- Gostaria de comentar mais alguma coisa sobre si, sobre seus pares ou sobre a UFS que não foi dito?

As respostas foram transcritas para a análise dos dados.

## Anexo 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Prezado entrevistado, inicialmente agradecemos sua disponibilidade em participar desta pesquisa. A mesma se direciona ao estudo da experiência vivida pelo Corpo Próprio dos Docentes da UFS, no intuito de descrevê-los e analisa-los para apresentar as diferentes percepções que cercam os mesmos.

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_ Filhos: \_\_\_\_\_

Universidade que cursou a graduação? \_\_\_\_\_

Graduado em: \_\_\_\_\_

Universidade que cursou a Pós Graduação? \_\_\_\_\_

Pós-Graduação em: \_\_\_\_\_

Tempo de Ensino Superior: \_\_\_\_\_ Quanto tempo trabalha na UFS? \_\_\_\_\_

Departamento: \_\_\_\_\_

Professor graduação ☐ Professor Pós-Graduação ☐

Possuiu algum cargo administrativo? ☐ sim ☐ não

Qual? \_\_\_\_\_

Atua em pesquisa? ☐ sim ☐ não Quantas? \_\_\_\_\_

Possui orientandos na Graduação? ☐ sim ☐ não Quantos ? \_\_\_\_\_

Pós-Graduação? ☐ sim ☐ não Quantos? \_\_\_\_\_

Já lecionou na Educação Básica? ☐ sim ☐ não

Teve algum afastamento do trabalho por motivo de doença ou qualquer outra razão?

☐ Sim ☐ Não

Tem algum problema de saúde (sente dores)? Sim ☐ Não ☐

Tem dificuldade para dormir? Sim ☐ Não ☐

Pratica alguma atividade física? Sim ☐ Não ☐

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2015

Autorizo que essas informações sejam utilizadas para a pesquisa em questão.